

ENTRE SE TIVER CORAGEM

O PORÃO DE
ELIZABETH

JEFFERSON LEMES



Jefferson lemes

Copyright © 2020 Jefferson Lemes

Livro: O PORÃO DE ELIZABETH

Registro: Fundação Biblioteca Nacional

Arte Capa: Jefferson Lemes

Diagramação: Jefferson Lemes

Lemes, Jefferson. - 1^a ed - Publicação Independente 2020

1- Literatura Brasileira 2 - Terror/ Ficção

O autor dessa obra detém todos os direitos autorais registrados perante a lei. Em caso de cópia, plágio e/ou reprodução completa e/ou parcial indevida sem a autorização, os direitos do mesmo serão reavidos perante a justiça.

Lei nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998

Sumário

[INTRODUÇÃO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[ÚLTIMO CAPÍTULO](#)

[PERSONAGENS E SEUS SIMBOLISMOS](#)

Todos os personagens dessa obra são inspirados em pessoas reais, mas com nomes fictícios. Me inspirei em meus próprios clientes em minhas sessões de Hipnose Clínica.

Aliás, os traumas e características aqui revelados tratam-se de problemas encontrados durante o transe hipnótico.

A visão de cada personagem não condiz como a forma que vejo a vida. Qualquer característica machista, racista, carregada de preconceito ou desinformação pertence única e exclusivamente aos personagens, sendo camadas visuais que herdaram de seus respectivos mundos.

Você poderá ler essa história de duas formas:

- Literalmente - Como a ficção que ela é, com todos os esforços e inspirações que investi, desejando que a narrativa flua e te envolva.

Sentido Figurado – Aproveitei-me de conhecimento e informações que me foram concedidas e autorizadas para romantizar a depressão e o universo da neurociência. Essa história está repleta de simbolismos. Cada personagem, situação, ato, objeto e acontecimento representa algo. No fim do livro, descrevo o que cada um representa.

No mais, boa leitura!

Entre se tiver coragem.

INTRODUÇÃO

A neve desabava sobre uma cidade calada. Não se via nas praças a movimentação de outros tempos, somente o sofrido lamentar do vento, carregando consigo a utopia de um inverno natalino como os que a Tv transmitia. As árvores sem folhas escapavam do chão como mãos famintas que buscavam na superfície a esperança de fugir de uma vida soterrada. No céu escuro, nuvens apressadas impediam o esforço do sol e traziam a tenebrosa mensagem dos furacões em cidades vizinhas.

O metrô parou em sua plataforma e vomitou os poucos que ousavam seguir o sistema e se apresentar no trabalho numa manhã em que as bestas do inverno saiam para saudar a escuridão. A mídia anunciava a guerra da natureza e até mesmo as autoridades locais pediam para que a população abandonasse a cidade.

Mas alguns ainda arriscavam suas vidas, afinal de contas, seus trabalhos exigiam que antes pensassem na vida alheia. E por mais aterrorizante que tudo parecia ser, nada se compara a uma mente escravizada pelo medo que cria o que sequer existe.

CAPÍTULO 1

As coisas não são como a gente quer, Elizabeth disse a si mesma. As palavras saíram distraídas de sua mente e a fez refletir porque pensara isso no momento em que começava a descer os degraus do metrô rumo a praça onde ficava o hospital o qual trabalhava.

Poderia ter sido pelo inverno mais rigoroso que já vira. O mesmo que agora trafegava a sua frente e lhe tirava o fôlego. Os enfeites natalinos nas casas estavam revirados ou quebrados, mas isso não importava. A população já estava bem longe dali.

Poderia ter sido também uma voz no seu subconsciente gravada na infância, em algum dia em que a mãe, após ser espancada pelo pai, lhe confessara isso enquanto se maquiava no espelho para ir ao trabalho.

As coisas não são como a gente quer.

Elizabeth tinha muitas vozes que ecoavam às vezes, muito mais agora que vivia seus 30 anos. Foram muitos planos empurrados para debaixo do tapete da vida. Faculdade de Letras trancada, o trabalho que odiava, um relacionamento sem sentimento, ou ex relacionamento que ainda dividia o lar, a entrada na igreja num vestido branco de noiva que nunca aconteceu e um filho não planejado. De todos esses, o filho lhe trazia algum alívio. Era o menino mais lindo que já vira e agora depositava nele toda fé que não conseguia exercer para a sua própria vida.

Atravessou a rua sem se importar em olhar para os lados. O Furacão Natalino que destruíra a cidade vizinha espantara todos para bem longe e as ruas começavam a se encher de montes de neve e era impossível dirigir por ali. Quando seus pés tocaram a praça e viu diante de si o grandioso prédio do Hospital Municipal, apenas desejou que seu plantão de três dias passasse tão rápido quanto seus momentos de felicidade no trabalho.

Desde o café da manhã em casa com o filho de cinco anos que acabara de aprender a escrever o próprio nome graças ao pai, Elizabeth fora tomada de uma ansiedade que há muito tempo não experimentava. Às vezes, em pensamento, ela criava um quarto de terapia e se via sentada num divã conversando com sua versão psicóloga. E tão rápido descobriu do que se tratava o peito acelerado e as mãos trêmulas. Um possível capítulo bom na sua vida. Era mais forte do que ela. Não conseguia controlar, domar, matar – sempre que algo bom iria acontecer e, naquele caso, suas férias e a viagem para a fazenda dos irmãos de Carlos, ela era tomada por outra voz em sua mente. *É preciso passar por algo ruim se quiser chegar a*

algo bom. E automaticamente, quando não achava algo ruim antes, esperava que o pior acontecesse.

Era uma lei, uma regra, algo a se respeitar em sua filosofia de vida. Sua irmã atravessara um relacionamento a distância antes de se deleitar em seu casamento feliz. A irmã de Carlos se casou com o cirurgião plástico que refez seus seios após retirá-los graças a um câncer de mama. O outro irmão de Carlos, Emanuel, sofreu um acidente com a namorada a qual mais tarde se casaram. *É preciso passar pelo ruim antes de chegar ao bom.*

Carlos e ela se conheceram na escola. De começo ela confessava a si mesma o sentimento, a saudade e a alegria em tê-lo por perto. Conversavam até tarde e a cama pegava fogo quando tiravam a roupa e se entrelaçavam. *Mas tudo na vida precisa de sacrifício.* Nunca passaram por nada que os machucasse, não havia dor, o dia ruim não viera antes e Carlos invadiu sua casa tão suavemente quanto sua vida e, quando se deu conta, estava grávida. E logo se viu presa dentro de um roteiro desagradavelmente monótono onde sua alma chorava dia e noite e as vozes gritavam em sua cabeça sobre o que fizera consigo mesma.

Preocupou-se em pisar antes com o pé direito dentro do hospital quando finalmente escapou do frio. A entrada dos funcionários e da ambulância estava praticamente vazia e na outra plataforma, onde de costume enchia-se de enfermos, apenas o vento a empastar os degraus com o gelo que trazia da calçada. Quando atingiu o primeiro corredor, foi finalmente recebida pelo cheiro de café forte e manteiga. Alguns lhe desejaram bom dia e outros olharam em sua direção como se não existisse. Mas já estava acostumada, era assim que Carlos fazia quando estavam no mesmo cômodo.

— Liza. — Ouviu de algum lugar. Deu dois passos para trás e observou o fundo do corredor branco onde Will corria segurando a própria calça social para não deixá-la escorregar pelas pernas.

Quando chegou perto, Elizabeth precisou disfarçar para se perguntar como não percebera que aquele homem era tão alto. Will, o porteiro, era um negro de 45 anos. Apesar da idade, estava totalmente em forma, mas não se aproveitava ou não sabia disso. Usava roupas de alguém muito mais velho e que não lhe serviam. Seu bigode estava sempre bem penteado e tinha uma voz linda que Elizabeth percebera numa noite que o ouvira cantar quando saía do turno que cumprira.

— Você tem meu Whatsapp?

— Por que o teria, Will?

Ele se atrapalhou todo e, coçando a cabeça embaixo do boné de porteiro, colocou o indicador em seu antebraço e tentou se explicar.

— Não, é que... Oras, não é isso que está pensando, Liza. Sou um homem casado e você também. — Ele riu mesmo sem jeito e sua garganta encheu-se de pigarro, o qual precisou tossir. — É que eu queria ver com você se viu a paciente do quarto 102.

— Sim.

— E como ela está?

— Dormindo.

— Não, Liza. Estou falando em aparência.

— Pálida, com a perna ferida...

Will balançou a cabeça, chateado.

— Por quê?

— Dizem que ela está virando um lobisomem.

Elizabeth teve que rir. *Era só o que faltava.*

— Estou falando sério. Hoje de manhã vi até uma enfermeira chorando após pedir demissão.

Por aquilo Liza não esperava.

— Como assim?

— É sério. Ninguém quer entrar naquele quarto.

Elizabeth olhou em volta. Por mais espantoso que era ouvir aquilo, estava se tornando o principal assunto nos últimos dias dentro do hospital. Mas preferiu poupar a própria energia e não dar créditos. Em seu ambiente de trabalho, um breve segredo que era contado na entrada, chegava aos fundos como uma notícia de desgraça.

— Bom, se eu souber de algo você será o primeiro a saber.

— Não.

Elizabeth se virava para sair quando Will a bloqueou mais uma vez.

— Me manda uma foto pelo Whatsapp.

Elizabeth deixou outro sorriso crescer novamente, mas dessa vez sem paciência.

— Não quero correr o risco de você me ver chorando após ser demitida, Will.

— Eu não vou mandar pra ninguém, poxa.

— Tenha um bom dia, Will. — Elizabeth se desviou dele e sequer olhou para trás para vê-lo coçando a cabeça com cara de cão sem dono, ou de fofaqueiro sem boas novas.

Uma maca passou a sua frente sendo levada por uma enfermeira apressada. Tão logo Elizabeth já se via no corredor do refeitório onde costumava fazer um lanche para começar seu turno. E foi nele que entrou e se deparou com sua melhor amiga. Lúcia. Uma mulher da sua idade, extremamente gorda e com o nariz empinado de quem não levava desaforo pra casa. *Grandes olhos brancos como a lua numa pele negra que representava a noite calma de um outono*, Elizabeth sempre pensava nessa poesia quando a observava. Apesar de tanto, uma pessoa muito engraçada e que a divertia com os assuntos que dividiam em meio ao seu jeito rebelde de enxergar a vida.

E embora lhe parecesse uma boa visão para aquela manhã, Lúcia tratou de estragá-lo. Estava de costas para a porta e de frente para a mesa onde um grupo de outras faxineiras tomava o café da manhã. Lúcia percebeu sua chegada como que por mágica, ou porque as faxineiras que a ouviam olharam de repente para a porta. E sua amiga tratou de dar a volta pela mesa e ir para os fundos, fingindo não percebê-la, e se afastou. Aquilo lhe trouxe uma descarga de culpa do que não fizera, ou fizera e não queria que soubessem.

Lúcia era a única que sabia de sua aventura com o médico Walter. Não de todos os detalhes, mas das investidas que o alemão alto e de ombros largos lhe dera em momentos a sós, até lhe prometer uma vida feliz e arrebatá-lo seu coração que clamava por um conto de fadas. Aliás, a amiga também sabia que Elizabeth terminara com Carlos, mas não que já transara com Walter no dia seguinte ao rompimento do relacionamento com o pai de seu filho. Nem das transas seguintes em todos os momentos em que ela e sua paixão ardente se viam a sós.

— Bom dia. — Elizabeth se esforçou para começar o dia.

Apenas uma das faxineiras lhe sorriu. Outras duas se levantaram de repente evitando sua presença e as três restantes apenas abaixaram a cabeça como se não a ouvissem.

Meu dia está começando.

Preferiu não dar a elas o gostinho de lhe ver mal. Sacou o celular e fingiu estar resolvendo alguma coisa importante, enquanto se acomodava numa mesa distante. Com o dedo, foi passando imagens e mais imagens aleatórias em sua rede social e finalmente pousou em um vídeo de Carlos. O ex marido que ainda dividia a casa consigo estava colocando meias vermelhas na janela juntamente ao pequeno Joe.

Seus olhos se encheram de lágrimas e não conseguiu abafar a vontade de sumir daquele hospital.

Queria ter ficado. Desligou o celular e o guardou na bolsa, de onde retirou a sacola de papel que continha a caneca térmica e o pão de queijo, imaginando como

teria sido sua manhã colecionando aquela lembrança com o filho. Viver com Carlos lhe era algo desagradável, mas ele não era uma pessoa ruim. Aliás, não portava o veneno que maior parte dos funcionários daquele hospital. E era triste demais aceitar que passava mais tempo em seu trabalho do que em casa. Isso lhe roubava infinitos momentos especiais com o filho.

Na outra mesa, a mais próxima da janela, onde era possível receber a rara luz do sol que se derramava como um véu através da vidraça, quatro enfermeiras riam de um assunto qualquer. Todas jovens, vivendo a melhor fase de suas vidas e transbordando satisfação em seus sorrisos matinais. Observá-las dali lhe dava a angustiante sensação de ser prisioneira em seu próprio corpo, assistindo por trás das grades um pai que corre na chuva com o próprio filho num fim de semana.

Juliana era uma loira de olhos verdes e pele bronzeada de aventuras em praias. Sempre batia o cartão virada da noite anterior em baladas ou sociais em repúblicas de faculdade. Sua voz era irritante como de uma gralha e, quando observava alguém, parecia que poderia lê-la. E deveria ser por isso que era tão cheia de assuntos. As pessoas tomavam-na por fofoqueira, mas a fama parecia não denegri-la. No final, sempre buscavam-na para compartilhar segredos.

Todos os meses, Juliana trocava de namorado. E a cada avanço no calendário, era um mais rico que o outro. Quando ela descrevia seus ex relacionamentos nos cafés da manhã, Elizabeth refletia, mesmo de longe, no quão experiente ela deveria ser na cama para que os homens viciassem tanto a ponto de não conseguirem se desapegar.

Letícia, por sua vez, não deixava dúvidas do que imaginar. Era ela a própria Succubus dentro de um corpo esbelto e repleto de tatuagens. Uma ruiva que exalava sexualidade e que vivia em prol dos prazeres da carne. Incontáveis vezes, Elizabeth a flagrou atrelada em funcionários dentro de banheiros ou na lavanderia, com gemidos vindo de uma alma viciada em orgasmos. E quando enjoava de repetir o mesmo corpo masculino, o que não era difícil, buscava apimentar o prazer se entupindo de drogas. Todos sabiam. Ela própria tinha ciência de que todos sabiam. Mas seu lema era a liberdade e a forma a qual conduzia sua vida sem pensar no amanhã fazia com que as pessoas respeitassem isso.

Mariana era uma japonesa maravilhosa. Seu corpo escultural trabalhado na academia compensava a perda da voz feminina devido ao alto uso de anabolizantes. Ela não carregava consigo a fama depravada de Letícia, apesar de ter se aventurado pelos esconderijos do hospital tanto quanto ela. Era uma jovem calma e Elizabeth se perguntava se era tão comum pra ela ter portas maravilhosas se abrindo todos os dias a ponto de agir naturalmente com o fato de que dali um mês estaria indo para Dubai conhecer o namorado que fez na Internet.

Elizabeth refletiu como estaria seu coração se tivesse uma oportunidade dessas. Casar-se com um sheik e nunca mais ter problemas com dinheiro, gastar o resto dos dias com viagens e apagando do corpo todas as imperfeições que lutava para esconder sempre que se via no espelho.

Esse tipo de pensamento às vezes fazia Elizabeth sorrir. Devaneios dentro de sua cabeça de uma vida como dos filmes que jamais viveria. Era difícil acertar o ponto exato em que perdera o controle de tudo e permitira que Carlos virasse seu marido. Ela sabia que por Joe. Só não sabia o motivo que fez com que se permitisse estar com ele até engravidar.

Sempre que o peito acelerava com a raiva pelo erro de ter enfiado sua vida nessa relação, ela suspirava e olhava para o céu, enviando em pensamento uma prece a Deus. *O Senhor sabe de todas as coisas.*

Não que desejasse uma vida carnal como a de Letícia, ou rasa como a de Juliana, tampouco focada em dinheiro como a de Mariana. Elizabeth só desejava sentir-se livre novamente. Livre para deitar-se solitária numa cama não porque o marido estaria no sofá, mas porque assim era a sua vida. Livre para pensar o que quisesse, desejar o que quisesse e quem sabe se apaixonar numa fila de mercado e ter alguém para sentir saudade.

Para preencher o coração vago, alimentava-se da vida de Joe. E conseguia sentir-se grata ao marido por ao menos ter lhe dado o adorável menininho que tinha seus olhos.

Fernanda por fim era a que mais se encaixava na figura que seria a Elizabeth feliz. Linda, sempre sorrindo, as pessoas à sua volta não tinha o que fofocar a seu respeito e suas redes sociais eram repletas de lembranças com o homem que amava com todas as forças. Não moravam nela as fraquezas que habitavam em suas amigas. Fernanda era doce. Tão doce que sua voz tinha melodia e se Elizabeth pudesse descrever a canção certamente seria algo inocente de sua infância.

Eu queria ser ela.

Era terrivelmente triste pensar aquilo, mas Elizabeth sentia-se a vontade quando precisava confessar algo a si mesma.

— Liza! — A desagradável voz de Lúcia lhe trouxe de volta — Acorda. Vamos. É com você! — Quando Elizabeth ergueu seus olhos na direção da porta, lá estava Lúcia, com um rodo e o pano de chão na mão.

— Comigo o que?

— Quarto 102.

Elizabeth sorriu para si mesma, de forma escancarada, enquanto observava na mesa à sua frente o pão de queijo e o café que nem tocara ainda.

— Que horas acaba o seu turno, Lúcia?

— Daqui uma hora.

— Então boa sorte. Você ainda tem trabalho pela frente.

O dia começara ruim demais. E Elizabeth adquirira o dom de perceber rápido quando as coisas perdiam o controle. Certamente aquele era um momento. E tão claro que todas as pessoas do refeitório olhavam para ela impressionadas e ela não sabia dizer se falara alto demais ou se só não estavam acostumados a ouvir sua voz.

Mas quando se dera conta do pesadelo que era aquela manhã, Lúcia lhe observava com um rosto carregado de constrangimento.

— E cadê a minha parceira de serviço? — O silêncio que imperou após a pergunta de Lúcia foi frio e demorado e Elizabeth sentiu-se ridícula. — Eu estou com saudades dela.

Elizabeth bufou, envergonhada, debaixo dos olhares de reprovação por sua grosseria. Apenas balançou a cabeça e se levantou, colocando de volta no saco de papel o café e o pão de queijo, e se atirou rumo a saída onde Lúcia a aguardava.

A faxineira lançou seu braço em torno do pescoço de Elizabeth num carinho estranhamente masculino e na sua voz pode sentir uma preocupação maternal que se contrastava com seu gesto.

— O que está acontecendo, amor? Por que está assim?

E Elizabeth se viu lançada ainda mais profundo no lixo.

— Me desculpe, Lúcia. De coração, eu... — seus olhos marejaram e não soube encontrar as palavras que precisava.

Lúcia apenas fez um chiado com a boca, como se pedisse silêncio, e afagou a cabeça dela em seu ombro enquanto caminhavam pelo corredor.

— Fique tranquila. Você sabe, eu sempre vou compreender você.

Elizabeth desatou a chorar.

— Calma, calma...

O som dos passos de outros funcionários do hospital soavam à sua volta, misturando-se com sinais agudos de máquinas e o som metálico de macas apressadas.

— Toma seu café, eu me viro.

— Não. — Elizabeth se recompôs, esfregando a manga da blusa no rosto e afastando os cabelos que grudavam nas lágrimas de sua face. — Estou bem.

Lúcia a encarou no fundo dos olhos.

— Meu ombro está aqui pra você desabafar, meu bem.

— Obrigada, de coração. — Elizabeth ainda sentia o rosto queimando. O coração acelerado lhe dizia que ainda tinha lágrimas a derramar, mas a alma sabia que podia aguentar até que tivesse tempo para isso.

— Vamos? — Lúcia passou a mão pelo seu rosto para enxugar uma lágrima que buscava o canto dos lábios. — Depois a gente conversa com mais calma.

Elizabeth balançou a cabeça e, quando se deu conta, já havia deixado bolsa, sacola e sobretudo no armário e adentrava com sua amiga no corredor do quarto 102.

— Eu não conseguiria sem você, Liza. — Lúcia confessou, estremeando, enquanto esfregava uma mão na outra após ter puxado para o rosto a máscara de material reciclável. — É aterrorizante!

— Eu ouvi boatos. — A voz ainda saía com esforço e ela não sabia se era a ansiedade do momento ou se ainda não se livrara da culpa.

— A mulher está virando um animal. Eu nunca vi nada parecido. Parece um filme. Por isso que fiz tanta questão que viesse você, porra. As outras não teriam coragem.

— Eu não sei se tenho a coragem que você espera.

Elizabeth deixou os olhos murchos caírem para Lúcia que lhe retribuiu levantando as sobrancelhas.

— Você tem!

A voz dela carregava mais confiança que Elizabeth julgou merecer. Mal voltou os olhos para frente e já adentrava o quarto 102, onde foi recepcionada por um ronco que lhe lembrou a cela dos tigres numa visita ao zoológico na infância.

Apesar da máscara, o cheiro de fezes lhe invadiu de forma que precisou tomar posse da própria mente para que ela não lhe obrigasse a sentir até o gosto. Mas não eram fezes, era um caminho de vômito que tomava desde a cama rodeada por cortinas até o abajur no criado-mudo.

Nunca vi tamanha força pra vomitar na minha vida.

Não podia ver a paciente que virara assunto principal dentro do hospital. As cortinas envolviam-na e, detrás delas, os médicos examinavam-na. Elizabeth pode ouvir o resmungar de Walter.

— E pensar que já tivemos medo de coronavírus.

A voz dele lhe arrepiava. Tentou afastar a vontade de vê-lo saindo daquela cortina e lhe dando um sorriso de bom dia, por mais impossível que isso fosse. Por fim, enquanto despejava o desinfetante no chão o qual Lúcia esfregava tremulante a revezar a atenção entre o serviço e a cortina onde o ronco soava, refletiu se desejava mesmo o bom dia de Walter ou se preferia que ele ficasse por lá mesmo.

Prometera em infinitas noites a si mesma que não esperaria mais nada do médico e tiraria dele o poder sob suas emoções. Era uma adulta. Racional. Muito mais racional do que julgava ser. Ela estava tentando recuperar o próprio casamento e ele era o típico homem que não era para o seu bico.

Ainda doía em seu coração o dia em que, usando os dotes de atriz, fingira levar consigo o carrinho de limpeza para o consultório onde por tantas vezes o fizera gozar de infinitas formas, mas foi surpreendida por uma face fria e com um leve toque de cinismo vendo-a entrar.

— Liza... — Suspirara, fazendo careta.

— Você está bem? — Foi o que disse, gaguejando, pois já reparara que ele estivera evitando-a nos últimos dois dias.

— Liza, o que as pessoas do hospital vão pensar? — Sua voz estava carregada de lamento.

Agora que você me diz isso?

— Eu volto outra hora... — E quando fugia por onde entrara, Walter terminou de pisotear o seu coração.

— Liza, escute. — E ela se voltou pra ele. — Eu imagino que você não esteja feliz com seu relacionamento, mas não é certo o que você está fazendo. Vocês dois tem um filho.

Ela nada conseguira lhe dizer. Seus olhos se encheram e ela escapou pela porta antes que ele a visse desabar.

Naquele dia, antes desse ocorrido, ao percebê-lo distante, lhe enviara uma cartinha de bom dia com um Donuts. Tentara falar com ele por mensagem no celular e até esperou-o no corredor onde ele sempre transitava, mas nada fora o suficiente para que o trouxesse de volta para si. E a situação passou a se tornar torturante a ponto de precisar chorar no banheiro algumas vezes. Walter passara dois meses implorando por seu amor e, quando por fim se entregara, usara-a como uma boneca sexual por quinze dias. E agora, Elizabeth atravessava outros quinze dias recuperando os cacos de seu coração.

Walter se foi. Frio como numa cirurgia. Lhe deixando apenas com uma paixão não recíproca e a culpa por ter terminado com Carlos acreditando ter encontrado seu verdadeiro amor. Ambos os sentimentos brigavam dentro de si e Elizabeth ainda não havia encontrado um jeito de acalmar ambas as feras, mas sabia que o gatilho era Walter. O responsável pela sua dor e talvez o único que pudesse lhe dar a cura, não só para o coração, mas para toda a sua vida.

Por fim, terminaram a tarefa e Lúcia puxou-a para fora com seus olhos esbugalhados.

— Vamos, querida, em nome de Jesus!

E Elizabeth deixou o quarto, dando uma última olhada para trás para certificar-se de que não veria Walter, mas contentando-se apenas pelo som barítono da sua voz a proferir ofensas contra a própria paciente em triste estado.

— Olha só, — Lúcia colocou as duas mãos em seu ombro e olhou-a no fundo dos olhos — Fique bem. Estou com você, lembre-se sempre disso. — Elizabeth se esforçou para continuar olhando nos olhos da amiga, enquanto a visão se embaçava com as lágrimas. — Você merece ser feliz, me entendeu? Nós vamos sair dessa.

— Obrigada, Lu. E me desculpe mais uma vez...

Lúcia nada mais disse, apenas beijou sua testa e apertou sua bochecha, correndo os olhos por todos os seus detalhes. *Grandes olhos brancos como a lua numa pele negra que representava a noite calma de um outono.* Em seguida, tomou seu caminho, deixando Elizabeth refletindo enquanto a observava percorrer o corredor.

No quarto 102 ao lado, a paciente deu um grito estridente.

— Amarrem-na! — Alguém ordenou.

Elizabeth sentiu o coração ser tomado pelo medo. Agarrou o rodo e o balde e tomou os fundos a passos rápidos, imaginando a mulher lobisomem se atirando em sua busca. *Meu Deus...*

A lavanderia era um local sem piso, tanto no chão quanto nas paredes, e a diretoria do hospital usara o argumento de que era para evitar escorregões em caso de cair água no solo. A iluminação também era precária. Lâmpadas amarelas balançavam soltas em fios que desciam dois metros abaixo do teto de modo que a porta dos fundos tinha que estar sempre fechada para não entrar corrente de vento. Bicicletas, caixotes, ferramentas e aparelhos enferrujados tomavam boa parte do local e em pouco tempo os ratos passaram a fazer suas ninhadas por ali.

As outras faxineiras diziam que aquele local era assombrado e evitavam-no, mas Elizabeth gostava. Era um local que não se importava de passar o dia todo, pois apenas se preocupando em lavar lençóis sujos de fezes e vômitos era melhor do que ter que transitar de ninho em ninho de cobras. E no que dependesse dela, espalharia ainda mais boatos de aparições no local para que as outras continuassem longe dali. Além do mais, se divertia observando a forma a qual as fofoqueiras se comportavam, olhando de um lado a outro, quando tinham que entrar na lavanderia. Era o castigo que mereciam.

Ali, Elizabeth podia encher todas as máquinas com os lençóis e matar o tempo sentada em algum canto que não corresse o risco de se deparar com um rato. Quando dava na telha, subia a escada que dava para uma galeria, onde uma porta

de ferro, muito pesada, abria caminho para o lado de fora e ia até o terraço para observar o horizonte e imaginar uma vida feliz.

A lavanderia acabava numa comprida porta de ferro, ao lado do banheiro unissex. Era por onde os funcionários que usavam o estacionamento daquele lado entravam.

Após preencher todas as máquinas de lençóis carregados de mau cheiro e entupi-las de sabão em pó e amaciante, Elizabeth deixou-se desabar numa cadeira de ferro que alguém roubou de um bar. Só então se deu conta de que não ligara o rádio e começou uma luta interna se queria ou não ouvir música naquela manhã.

— Bom dia, sua gostosa!

Virou-se para o lado que dava para a entrada do hospital para contemplar a imagem da querida Alexia, uma jovem de 17 anos, olhos claros, pele queimada e lindos cabelos castanhos claro. Era magra e de estatura baixa e as roupas masculinas que usava deixavam-na ainda menor.

Trazia consigo a grande caixa de entregas presa às costas, a qual jazia vazia, pois fizera sua primeira entrega do dia.

— Alexia. — Sorriu.

— Que voz amuada, o que houve?

— Sono. — Mentiu.

Alexia era uma jovem sonhadora que trabalhava numa lanchonete onde os funcionários do hospital sempre faziam seus pedidos nos plantões.

— Menina, olha esse tempo!

— Nunca vi nada igual. Como está conseguindo fazer as entregas?

— Nem eu sei, viu. O vento quase me leva com moto e tudo.

Elizabeth balançou a cabeça negativamente.

Naquelas horas, em dias agradáveis, Alexia gostava de ir até o terraço da lavanderia para fumar maconha olhando para o horizonte além do estacionamento. Segundo ela, era seu ritual para começar o dia. O problema é que fazia esse ritual a cada vez que fazia uma entrega no hospital.

— Pensei que não te veria aqui hoje.

— Adiantei meus honorários para tirar férias uma semana antes.

— Que delícia!

— Mas e você, como ainda está trabalhando? Não tem mais ninguém na cidade.

— O porco capitalista do meu patrão. — Alexia começou a preparar um cigarro de maconha. — Mas não importa. Tenho uma meta. É só mais um ano e

terei grana o suficiente pra ir atrás dos meus sonhos. E não vai ser um furacãozinho que vai me impedir.

Elizabeth sorriu com ternura, observando-a com orgulho a imaginar como seria se seus sonhos ainda estivessem vivos.

— Mas obviamente não enfrentarei um ano pela frente sem dar algumas pausas — e exibiu o cigarro de maconha perfeitamente pronto — onde posso fumar?

Elizabeth olhou em volta.

— Vá no banheiro.

Alexia caminhou até o local indicado enquanto buscava nos bolsos o isqueiro que sempre carregava consigo. Elizabeth só ouviu o barulho da porta e um breve grunhido.

— Nossa, me desculpe.

Levantou-se da cadeira de ferro e se aproximou.

— Tem alguém aí? — Quis saber, mas Alexia estava com a atenção voltada para outra coisa.

— O que houve com seu olho? — A jovem se impressionou com alguém dentro do banheiro.

Elizabeth se pôs a caminho.

— Está tudo bem? — E quando chegou até a porta, foi surpreendida por Fernanda, a linda e doce enfermeira que tomara café naquela manhã no refeitório, a qual fazia Elizabeth viajar nos próprios pensamentos. — Fernanda.

— Está tudo bem, está tudo bem. — Fernanda tentou esconder o rosto, mas Elizabeth já percebera o vergão azulado que rodeava seu olho direito.

— Não, não está. Você está machucada.

— Foi um acidente.

— Com uma panela de pressão? — Alexia era terrivelmente direta.

— Quer que eu chame alguém?

— Não, por favor. Não faça isso!

— Mas você precisa.

— Não, isso vai gerar comentários pelo hospital. Eu não quero ninguém falando da minha vida.

Elizabeth observou-a. A triste cena a fez lembrar-se de sua mãe. *As coisas não são como a gente quer.*

— Eu já vi isso, Fernanda. Sei muito bem o que é.

Fernanda desatou a chorar.

— Por favor, faxineira, não conte isso a ninguém. Eu imploro!

— Fique tranquila, não contarei. — E foi o silêncio o principal guarda da prisão em vida de sua mãe. — Mas até onde pretende levar isso?

— Não posso me divorciar dele, estou grávida.

— Minha mãe talvez tenha dito isso um dia.

— As pessoas da minha igreja vão me condenar.

— Até que a morte nos separe, literalmente. — Alexia foi ríspida outra vez, mas naquelas alturas Elizabeth não podia mais fazer-lhe sinais para que parasse.

— Fernanda... — Elizabeth se aproximou dela e observou-a no fundo dos olhos, assim como Lúcia fazia quando queria acalmá-la. — Eu cresci vendo minha mãe apanhar. Isso me deixou marcas profundas. Às vezes, quando me pego vendo as minhas fotos de infância, a minha família, eu posso ler nos olhos da minha mãe que ela pedia socorro. Ela vivia com medo. Ela não sabia o que fazer. Você quer que o seu bebê tenha essa imagem de você quando tiver consciência?

Fernanda soluçou e suas lágrimas se misturaram com o ranho em seu nariz. Ela se livrou de Elizabeth e se atirou para a porta que dava para o estacionamento. A terrível tempestade não convenceu-a a ficar. Quando bateu a porta, Elizabeth e Alexia se viram a sós e com um silêncio que voltava a reinar, embora pelos corredores a tempestade ainda anunciasse o seu caos em ecos fantasmagóricos.

— Em algumas religiões, mais vale uma mulher morta do que uma divorciada.

Elizabeth refletiu no comentário de Alexia enquanto observava a porta fechada. *E pensar que ela era o meu exemplo de vida perfeita.*

— A senhorita precisa ser menos sincera, viu! — Elizabeth fitou-a com olhos maternos.

— E deixá-la morrer?

— Vamos para o terraço, aqui está mais movimentado do que eu supunha. — Partiram para a escada. — Algumas pessoas não querem ouvir. Na verdade, ninguém quer opinião de ninguém, mas existem formas de você colocá-las.

— Ela não queria ouvir? Que se convencesse com o soco que tomou no olho,oras.

— As coisas não são assim, Alexia. Somos seres movidos a emoções. Muita coisa pode estar envolvida além da dor física. Medo, vaidade, ego...

— Pois se um macho escroto me bater eu cortarei as bolas dele a noite.

— É muito fácil falar quando não estamos na situação da pessoa. A dor do próximo não é brincadeira.

— Liza, olhe pra mim. Você acha que eu deixaria?

Elizabeth parou, enquanto segurava a porta que dava para o terraço, para observar a figurinha que Alexia era.

— Eu duvido que você se apaixonaria por um homem. — Deixou que a risada escapasse.

— Seu rabo — Alexia riu também, enquanto arrumava a touca na cabeça.

Quando escapou pela porta, sentindo o peso que ela fazia contra, foi saudada por um tempo terrivelmente frio. O vento passava apressado para lá da mureta, levando consigo infinitos folículos de neve, pedaços de jornal e galhos secos de árvores mortas.

— Querida, tem certeza?

— Não mais. — Alexia respondeu com dificuldade, cobrindo o rosto e fazendo careta.

O som metálico da porta enferrujada da guarita no lado oposto da varanda soou minimizado pela tempestade.

— Hey, aqui!

Elizabeth sentia que perderia o fôlego com o frio que entrava por cada buraco de seu corpo quando observou de onde viera o grito.

— Bob. — Era o radiografista do hospital, se abrigando na guarita. Elas correram até ele.

Quando a porta de ferro fechou atrás de si, Elizabeth se viu num local quente e agradável, apesar de pequeno. Num suporte de madeira havia café e bolachas que era o desjejum da manhã de Bob. Um rádio mal sintonizado chiava, indicando que Bob estivera ocupado tentando afastar o tédio. O radiografista sorria enquanto esfregava as mãos cobertas por luvas no rosto vermelho e ressecado pelo inverno.

— Incrível, não? — Foi a forma dele de dizer bom dia.

Aléxia se apoiou na cadeira para vislumbrar a tempestade lá fora pela vidraça.

— Não deveríamos estar longe daqui? — Elizabeth se acomodou numa poltrona macia a frente de Bob.

— As autoridades acharam por bem morrermos com os doentes. — Bob era um homem sarcástico de natureza. E Elizabeth considerava isso um dom de pessoas terrivelmente inteligentes. — Aliás, você não estava de férias?

— Na verdade sairia semana que vem, mas tirei um plantão de três dias seguidos para adiantar a data.

— Que péssima ideia. — Bob observou-a com seus olhos arregalados cheios de pensamentos rápidos. Elizabeth quis rir. Na verdade, qualquer coisa que ele falava lhe dava essa vontade.

Bob era um rapaz de trinta anos com cara de vinte. Parecia um personagem de desenho. Seus traços eram exagerados. A pele branca exibia bochechas avermelhadas como se tivesse se maquiado. A boca extremamente grande deixava sempre a mostra os dentes da parte superior e, somado ao cabelo ondulado em forma de cuia e o nariz arrebitado, fazia-o parecer-se com um palhaço. Aliás, até mesmo seus trejeitos eram caricatos.

Elizabeth sempre se lembrava de um amigo dos tempos de escola quando conversava com Bob. A diferença era que esse amigo era gay. Certa vez, Elizabeth contou isso a ele. Sua única reação foi observá-la interpretando um olhar de desprezo e resmungando: *Recalcada*.

Ela sorriu com a lembrança e foi flagrada por ele, que lhe estendia uma xícara de café.

— Alá, loucona.

Elizabeth pegou, se enrubescendo de vergonha.

— Tá rindo de que?

— Nada.

— Fala logo. Ah, já sei! — Ele arregalou os olhos quando notou o que Alexia deixou cair enquanto levava a xícara de café até a boca. — Maconha.

— Não.

Mas nesse instante, já não adiantava mais Elizabeth se explicar, toda a atenção de Bob estava voltada para Alexia.

— Quantos anos você tem, garota?

— 17 — Alexia sussurrou com os olhos arregalados de culpa.

— Muito nova, viu.

Alexia colocou o cigarro que fizera naquela manhã no suporte e permitiu que a face de culpa fosse embora para organizar as palavras que precisava para se explicar em forma de desabafo.

— É uma forma que encontrei pra fugir um pouco da minha realidade e trabalhar melhor.

— E qual a sua realidade?

— Trabalhar bastante, mais do que deveria talvez. E não ter tempo para o que gostaria.

Alexia observou a tempestade lá fora como se seus sonhos estivessem em algum lugar lá dentro da neve.

— E o que você precisa para fazer o que gosta?

Alexia sorriu.

— Trabalhar bastante.

Bob levantou suas sobrancelhas como se tudo tivesse se encaixado na sua cabeça. Em seguida, pegou um isqueiro e acendeu o cigarro de maconha de Alexia. Tragou, soltou uma espessa fumaça branca e tragou de novo. Depois de certo tempo observando o nada a segurar a fumaça dentro de si, libertou-a e devolveu o cigarro ainda aceso para Alexia e sua atenção voltou-se toda para Elizabeth.

— Ria agora. — Penetrou-a com seus olhos vermelhos como brasa.

E Elizabeth desatou.

Nesse instante, o rádio que chiava sintonizou em um canal.

— O furacão que nos visita nesse fim de ano começa a tomar proporções maiores e está devastando o sul da cidade. O prefeito afirma que ele deve ir embora até o final do dia, mas cientistas pedem que todos permaneçam o mais distante possível. As escolas estão servindo de abrigo para...

— Ah, o senhor não vai me trazer notícia ruim agora que estou chapado, né?

— Bob desligou o rádio após observá-lo como se ele fosse uma pessoa.

Alexia estendeu para ele o cigarro. Bob pegou e ofereceu para Elizabeth. Nesse instante, uma tensa situação de escolha pairou no ar. Ela observou Alexia, que deu de ombros.

— Qual é? — Bob quis entender a conversa por telepatia.

— Quando ela fuma maconha dá bad.

Bob a fitou por um longo tempo, intacto, como se tivesse virado uma estátua segurando um cigarro cuja fumaça fina serpentou para cima.

— Oras, — ele imediatamente enfiou a mão no pulôver após a paralisia e pegou um maço de cigarros. — Fume isso.

Elizabeth pegou, relutante. Não era habituada aquilo. As pessoas da igreja a condenariam eternamente. Assim como se soubessem de muita coisa sobre sua vida.

— A maconha sensibiliza seus sentidos e deixa seus sentimentos extremos. — Bob guardou o maço de volta assim que Elizabeth pegou um dos cigarros. — Você pode estar guardando muita tristeza aí dentro e ele aflora quando você usa.

Faz sentido.

Alexia a observou com a mesma feição de quem conhecia seus mais profundos segredos e a compreendesse. E lhe estendeu o isqueiro.

Elizabeth Acendeu e tragou. Sua garganta queimou tanto que ela não conseguiu disfarçar a tosse e começou uma crise que parecia não ter fim. E embora estivesse se sentindo ridícula, Bob e Alexia não julgaram aquilo e apenas assistiam

a tempestade lá fora com pensamentos tão distantes que pareciam tê-los transportado para outra dimensão.

Quando se controlou, Elizabeth finalmente se sentiu bem, animada, segura e calma. A pressão deu uma leve caída e a tontura foi reconfortante. A aventura, aliás, lhe satisfaz de tal forma que sentiu uma leve excitação. Julgou se tratar de algo proibido. Religião, mais horário de trabalho e local escondido com pessoas agradáveis.

Não soube ao certo quanto tempo permaneceram ali. Apesar de não ter fumado maconha, teve a sensação de ter sido levada pela fumaça que Bob e Alexia soltaram no local. Os pensamentos ficaram acelerados, porém bem mais claros do que geralmente eram. E Elizabeth pegou-se repentinamente com saudade de Carlos. Com vontade de abraçar o filho e fechar os olhos pelo tempo necessário até que a certeza de que a vida era um presente entrasse em seu coração e nunca mais saísse.

Eu me sinto tão presente.

De repente, o nevoeiro que pairava pela sua cabeça se abria e via diante de si o lindo jardim que havia em seu quintal. *Eu posso recomeçar quando eu quiser*, percebeu. E aquela frase surgiu tão de repente que não soube distinguir pra que área da sua vida, e após analisar com um pouco mais de cuidado, notou que se encaixava também no que quisesse. *Não sou uma velha, não falhei em minha profissão, não sou mal amada e tenho muito mais do que pensei que um dia teria.* Imaginou-se retomando a faculdade de Letras e o quão incrível aquilo seria. Aliás, quão incrível era ter um escritor em casa, com todo o conhecimento e criatividade que ele carregava, e o quanto poderia ajudá-la. O pesar de tê-lo abandonado por uma aventura veio de repente, de surpresa, e Elizabeth percebeu que a mente voltava a se encher pelo nevoeiro. Mais denso, mais escuro. Mas ela apenas soprou e soprou e tudo foi se abrindo novamente. *Eu posso recomeçar quando quiser.*

— Céus, que horas são? — Elizabeth foi puxada de volta de seu devaneio.

— Hey, fique tranquila. — Bob espalmou a mão à sua frente, como se não quisesse que aquele momento acabasse. — O prédio é grande, ninguém sabe onde você deve estar. E pode ter certeza, ninguém viria até aqui com essa tempestade.

Ela colocou-se de pé, se esforçando para não se entregar a vontade de dormir naquela poltrona, e observou o mundo acabando em gelo lá fora. Era impossível ver o outro lado da praça, muito menos o horizonte que Alexia tanto amava observar enquanto fumava nos intervalos de suas entregas.

— Nós não temos controle nenhum sob o que nos rodeia. — Alexia resmungou e, aquela análise a respeito da força natureza caiu bem para si. Talvez

aquela guarita pudesse se comparar a ela própria e todo o ambiente desolado em volta as circunstâncias da vida.

— Mas você pode escolher ter um ataque de pânico ou fumar um baseado enquanto assiste o mundo acabar. — Bob completou, e aquilo lhe serviu também. — Garota, como está fazendo entregas com esse tempo?

— É só para o hospital. Meu patrão usou a desculpa de que está pensando nos doentes e profissionais da saúde que não podem abandonar o hospital para lucrar. Tanto que aumentou o preço.

— E só você faz as entregas?

— Só eu que aceitei os riscos.

Bob observou-a como se tentasse ler sua vida.

— É só até o fim do ano que vem. Ai terei dinheiro pra me mudar pra capital com meu violão.

— Show.

— Não, vou começar a estudar música.

— Show que eu me refiro é uma gíria que quer dizer legal.

Elizabeth riu, talvez mais do que deveria, e Alexia ficou vermelha de vergonha.

— Depois dessa é melhor irmos. — Alexia deixou a vidraça e buscou a porta. Elizabeth seguiu-a e Bob fez o mesmo, tendo o cuidado necessário de largar o local limpo.

Elizabeth nunca vira nada parecido antes. Tinha a impressão de que ia morrer. A respiração entrava dolorida e com muito esforço. O vento que bateu quando já estava no meio do terraço lhe trouxe o terror de levá-la junto e fez cogitar que era leve o suficiente para que isso acontecesse. Olhou para o lado para ver Alexia lutando para sair do lugar, puxou-a para si e a abraçou para que fossem juntas. Bob se adiantou e abriu a porta do hospital e em questão de segundos abandonaram aquele pesadelo para se verem seguros e aquecidos novamente.

— Meu Deus, meu Deus! — Alexia estremeceu quando se viu dentro da lavanderia. — Pensei que o vento me carregaria.

Eu também.

— Meninas, tenham um bom dia! Espero que essa brisa não vá embora tão cedo.

— Tchau! — Alexia e Elizabeth falaram juntas.

— E você, como vai sair nesse tempo?

— Não sei, Liza. Vou ligar para o meu patrão.

E foi o que Alexia fez, indo para um canto enquanto analisava os contatos de seu celular. Elizabeth esfregou as mãos e desceu a escada observando os montes de lençóis e roupas ao lado das máquinas de lavar que teria que encarar naquele dia.

Sentia-se tão bem que sabia que a hora passaria muito rápido e logo completaria seu plantão e estaria em casa novamente. Pronta para viajar, passar um inesquecível fim de ano e quem sabe se apaixonar por Carlos. Era tudo o que queria para aquele momento, e que aquele momento fosse duradouro, tão duradouro que pudesse ser chamado de eterno. Uma vida feliz como desejou na infância, como via nos comerciais de marca de manteiga ou em novelas. Uma vida feliz como sabia que merecia.

Nesse instante, o uivo da paciente do quarto 102 cortou os corredores e ecoou na lavanderia. Elizabeth sentiu que paralisara onde estava, levantou os olhos para a galeria acima da escada e viu Alexia com seus lindos olhos azuis a quase escaparem das órbitas.

— Por Deus, Liza, o que foi isso?

CAPÍTULO 2

Apenas a roda do carrinho fazia barulho pelo corredor naquela madrugada fria. O hospital estava em profundo silêncio e Elizabeth sentia que a calma que conseguia manter fazia com que o tempo passasse depressa. Logo estaria em casa, em seu primeiro dia de férias e, quem sabe, por um milagre, reatar o relacionamento.

Naquelas alturas, Carlos já deveria ter levado Joe para fazer o boneco de neve no quintal, usando uma das cenouras que trouxeram na última compra para fazer o nariz, olhos de botão preto, cartola de camurça, cachecol de lã vermelha que era de sua mãe e braços de galho.

Permitiu que um sorriso crescesse imaginando a casa rodeada por piscapiscas quando por fim chegasse no final daquele dia. O natal era sempre lindo e, porque não, sua época preferida.

E era estranho refletir que em boa parte do dia estivera destruída pelos próprios pensamentos de modo que o natal, o boneco de neve e até mesmo Joe perderam a cor. Carlos nunca teve cor, mas naquele momento sentia-se tão bem que era capaz de olhar pra ele e dizer: hey, vamos tentar?

E por fim entrou com o carrinho no corredor que mais temia. Puxou a máscara para o rosto e enfiou as mãos em luvas de borracha. Aquele era naquele instante o corredor mais silencioso do hospital. As enfermeiras tiraram os demais pacientes de seus quartos e os acomodaram em outro setor devido aos berros incessantes da paciente do quarto 102. Isso nunca teria acontecido se não fosse pelo pânico generalizado que a situação estava tomando.

Houve um momento do dia em que a paciente uivou como um lobo, muito mais alto e estridente que um ser humano comum era capaz. Sua voz ecoou por todos os corredores. Pacientes se debateram em suas camas e alguns se atiraram para fora dos quartos em busca da saída, carregando consigo sondas e soro.

O quarto 102 se aproximava e juntamente com ele o arrepio subindo pela espinha. Uma luta dentro de sua cabeça se iniciou. *Troco o cesto de lixo ou não? Troco o cesto de lixo ou não? Troco o cesto de lixo ou não?*

Não.

E então, apressou-se com o carrinho de limpeza, e a voz de Lúcia soou dentro de sua mente.

Por isso fiz questão que você viesse, porra. As outras não teriam coragem.

Sentiu vontade de ver a amiga e pedir-lhe desculpas outra vez. Enquanto sentia-se tomada pelo remorso e o coração voltava a dar batidas doloridas, obrigou-se a virar o rosto rapidamente para dentro do quarto 102. Foi uma espécie de castigo a si mesma por se odiar naquele instante.

Lá estava a paciente. Acordada. Consciente. Observando com olhos tristes o nada. Parecia um animal ou uma criatura do tempo das cavernas. A rápida olhadela não lhe deu tempo para perceber tantos detalhes, mas notou a pele acinzentada e enrugada, a boca inchada e sem cor e os cabelos desalinhados como uma juba.

A paciente a viu. Aqueles olhos tristes lhe transpassaram. Olhos murchos, sem vida, aguardando um fim. Não havia nela resquício de esperança. Enquanto caminhava, mais apressada ainda, imaginou o que deveria estar passando na cabeça da paciente. Se percebeu que ela se assustou com sua situação de modo que preferiu sequer desejar-lhe boa noite, se sabia que o corredor estava sem pacientes por sua causa. E quanto mais passos dava, mais o coração derretia.

E então parou.

Os olhos voltavam a se encharcar.

Ela é eu.

Observou o pano dentro do balde cheio de desinfetante e em algum ponto dele pousou a sua mente. Tentou não pensar, mas a falta de esperança e os olhos murchos eram como os seus. Se ela se visse no espelho, não veria outra imagem que não fosse a mesma que Elizabeth enxergava todas as manhãs.

E então compreendeu a dor dela.

Você é!

A voz de Lúcia voltou a estar clara em sua mente.

Deu meia volta com o carrinho e enquanto retornava, passou o braço pelo rosto e retirou dali as lágrimas duras que desceram. Respirou fundo e ensaiou um sorriso. E tão de repente a porta do quarto 102 lhe tragava.

— Boa noite... — cantarolou, meio esganiçado, e não conseguiu manter os olhos nela e os baixou para o chão, retirando o pano do balde e envolvendo-o no rodo, que passou a esfregar no assoalho.

— Boa noite, querida. — A voz estava fraca, aguda, e misturava-se a uma garotinha inocente e uma velha na beira da morte. Elizabeth refletiu que aquelas cordas vocais deveriam estar destruídas após tantos berros e uivos daquele dia.

— Pensando na vida? — o coração de Elizabeth se agitava como se pudesse subir pela garganta e rumar pelo corredor em busca da saída, mas ela interpretava bem, apenas focando os olhos no chão que esfregava.

— O sono me abandonou essa noite. — Aquela voz arruinada revelou uma frase dita em meio a um sorriso, mesmo que quisesse dizer algo desagradável, e isso conquistou Elizabeth que, inconscientemente, levantou-se e dirigiu sua face para a mulher.

Você é eu.

O crânio dela parecia querer rasgar a pele. O nariz buscava o lábio superior que, por sua vez, saltava para fora como um focinho. Os dentes da frente se separaram e ela não conseguia guardá-los pra dentro da boca, de modo que um filete de saliva estava sempre escorrendo para o queixo. Os olhos, aqueles tristes olhos, estavam pequenos em meio ao inchaço da pele e bochechas. As orelhas cresceram e a parte inferior despencava pelos cabelos ressecados como pelo de animal. Elizabeth nunca vira algo tão horrível em sua vida.

— Quando não consigo dormir... Eu fecho os olhos e imagino uma vida feliz... Como se todos os meus planos tivessem dado certo...

— Isso não lhe coloca numa realidade triste?

Elizabeth tentava não desviar os olhos dos olhos dela para que ela não percebesse que estava observando a ruína que se encontrava.

— A insônia de fato é uma... realidade triste. — Elizabeth voltaria a esfregar o chão, mas a voz da mulher lhe manteve paralisada.

— Qual seu nome, querida?

— Elizabeth. — Umedeceu os lábios, tentando manter o arrependimento de ter entrado longe de si. — E o seu?

— Liza.

Você é eu

— Meus amigos me chamam de Liza.

— Foi o que imaginei. — A paciente tentava sorrir, mas seu rosto ficava pateticamente horrendo. — Conheci uma Elizabeth na época do colégio e, por preguiça, as outras pessoas chamavam-na de Liza. Isso me confundiu muitas vezes.

Elizabeth balançou a cabeça, positiva e lentamente. Não soube por quanto tempo aguentaria não fugir dali, mas desejava com todas as forças ser agradável à Liza. Ela não merecia sentir-se da forma que sentia. *Ninguém merece*. Elizabeth sabia disso muito bem. Sabia o que era sentir-se como ela. Sabia o que era ser ela.

— O que houve com você?

Liza suspirou, observando algum ponto dos cobertores que cobriam-na da barriga pra baixo.

— Moro numa fazenda ao sul da cidade...

A história começou como as que a sua avó contava na infância para encher-lhe de medo.

— Fui atacada por um lobo numa madrugada em que fui ao banheiro. Tinha um buraco na parede na parte inferior. A casa é de madeira. Por sorte o buraco era pequeno e ele não conseguiu me arrastar pra fora, por azar era grande o suficiente para que ele enfiasse seu focinho e arrancasse uma lasca de minha perna.

— Eu sinto muito. — Elizabeth suspirou.

— Pedi infinitas vezes ao meu marido para fechar aquele maldito buraco, mas o coronavírus o matou antes que tomasse atitude.

Elizabeth percebeu de repente que segurava o rodo com as duas mãos, tensa, como se fosse precisar usá-lo como arma a qualquer instante.

— Você o amava?

Liza observou-a profundamente e arrepiou-lhe inteira. Em seguida, esboçou uma nova tentativa de sorriso que fez com que Elizabeth se arrependesse de ter lhe feito a pergunta.

— Ele me deu os melhores anos da minha vida.

E a voz soou tão triste que Elizabeth sentiu-se imunda pela sua vida.

— Me desculpe tocar no assunto.

— Não, eu gosto de me lembrar dele. É o mínimo que lhe devo.

Elizabeth deixou um sorriso crescer, imaginando como seria ter alguém que amasse para compartilhar uma vida. Para algumas pessoas isso era uma coisa normal, assim como para Liza, mas custava a compreender o porquê de assim não ser para si própria.

— O natal está chegando e tudo o que me vem a memória foram os vários e vários que passamos juntos, fazendo amor na frente da lareira, chocolate quente e os presentes para os netos.

— Quantos netos vocês tiveram?

— Nove. Três filhos e nove netos. Todo ano era uma briga só para decidir quem colocaria a estrela no topo da árvore.

Lembrou-se de Joe e o coração se encheu de saudades do pequenino.

— Eu tenho apenas um filho.

— E por que só um?

Elizabeth desejou afastar o assunto, mas talvez fosse um bom momento para dividi-lo. Faria bem a si mesma e distrairia Liza. Afinal de contas, fora a única que tivera coragem de ser-lhe amigável.

— Acho que não existe o sentimento que existia no seu.

— Por parte dele ou por sua?

— Ambos. — Aquilo soou extremamente falso — ou de minha parte. — corrigiu. E por fim rendeu-se a tomar uma poltrona para si, mas ainda sem largar o rodo. — Não temos assuntos a dividir, não temos sintonia, não existe fogo... Eu o odeio na maior parte do tempo e não consigo evitar isso.

— E como ele é?

— Ele não é uma pessoa ruim. — Elizabeth suspirou e de uma forma estranha falar sobre o marido lhe enchia de culpa, remorso, tristeza. — É um bom pai. Cumpre com sua parte nas finanças da nossa união. Trabalha como escritor, então consegue fazer isso em casa. Cozinha e mantém nosso lar. Eu não tenho muito tempo.

Levantou os olhos para Liza e sabia que ela lia a pessoa que naquele instante Elizabeth se sentia. *Uma ingrata.*

— E o que lhe faz não amar esse homem?

— Eu não sei explicar. Eu sei que eu sou o problema.

— Quando vocês se conheceram, o que sentia? Desculpe-me tantas perguntas. Eu estou tentando compreender a sua história e quem sabe ajudá-la.

Elizabeth se esforçou para não deixar que o choro lhe tomasse.

— Acho que sempre foi só carne. Transávamos tanto que do nada percebi que ele já estava praticamente morando em minha casa e não ia mais embora. Eu me acostumei com ele. Quando brigávamos e decidíamos romper nas tantas vezes antes de Joe nascer, eu sentia a falta dele. E então sempre reatávamos.

Liza balançou a cabeça. Seus olhos perambularam pela parede como se nela existisse uma tela onde pudesse assistir a vida de Elizabeth. Um filete de saliva escorria de sua boca.

— E ele é bom pra você?

— Ele desistiu de mim...

Liza manteve-se calada, observando Elizabeth com sua face monstruosa.

— Decidimos viver por Joe, meu filho. E então eu me envolvi com outra pessoa.

A cada frase, Elizabeth sentia-se pior.

— Eu sabia que não ia dar certo, mas me deixei levar pela aventura. Isso me destrói sempre que me lembro.

— Você ainda sente algo pela pessoa responsável por essa aventura?

— Não sei. Sinceramente, não sei. Essa aventura faz sentir-me livre. E Carlos de um jeito estranho representa a minha prisão dentro de mim mesma.

Elizabeth pensou infinitas vezes e concluiu que não seria boa ideia revelar que sua aventura fora o próprio médico que tecia comentários degradantes enquanto analisava o estado de Liza.

— Quando ele soube que você estava se envolvendo com outra pessoa, como reagiu?

— Surtou no começo. Chorou, ameaçou levar meu filho consigo para a casa da minha sogra, passou a beber.

— Alguma vez te agrediu?

— Nunca.

Liza nada mais disse e apenas observava como se esperasse que Elizabeth continuasse.

— Eu estava feliz. Era estranho, apesar do luto que minha casa se encontrava. Mas tão logo tive o castigo que merecia por minha aventura. E uma semana depois lá estava eu, chorando copiosamente pela merda que fiz.

— Sua aventura te abandonou?

— Sim. Mas não pensei em voltar com o pai do meu filho. Morávamos na mesma casa. Eu o respeitava, e só. Percebi que ele se afundou na bebida. Os dias que se passaram foram cinzentos e fazíamos tudo o que podíamos para manter Joe fora das influências que um lar destruído pode ter.

Ao menos, sua história poderia encher Liza de tédio e ela encontraria o sono.

— Numa tarde, enquanto ele observava nosso filho brincando entre os primeiros folículos de neve que desciam do céu, sentei-me ao seu lado na grama.

— Elizabeth então se pegou lembrando do gramado e do quão triste se sentia quando tentava correr por ele a brincar com seu pequeno Joe. Não compreendia como a sensação de liberdade lhe despertava tanto terror. — Ficamos em silêncio e, eu ofereci o meu chocolate quente a ele. Ele pegou minha caneca e experimentou. Não parecia triste, tampouco feliz. Só estava curtindo o momento. Talvez vivendo através dos olhos do nosso filho. Desejei conversar, mas o sentimento de sujeira não permitiu. Apenas curti o silêncio ao lado dele. Naquela noite, tomamos um vinho como bons amigos. Ou não. Estávamos na beira da lareira e Joe dormia no quarto. Pensei que transaríamos. Mas não. Apenas uma ida ao banheiro e quando retornei ele já roncava no sofá. O vinho aconteceu outras vezes e inclusive numa dessas tentei beijá-lo, mas ele esquivou-se de mim. “talvez algum dia volte a acontecer”, foi o que ele me disse. Nunca mais o procurei. Ele também não. Está mais distante do que nunca, apesar de conversar comigo tranquilamente e talvez até mais do que antigamente sobre diversos assuntos. Talvez tenha encontrado uma amiga em mim. E eu decidi que tentaria melhorar aos poucos, me apaixonar por ele novamente, reatar nosso lar.

Elizabeth sentiu-se feliz por não chorar. Quando levantou os olhos, à espera de algo, Liza apenas refletia.

— Desculpe-me, querida. Ainda não sei o que lhe dizer. Mas sinto muito. Eu espero que tudo dê certo.

— Não se preocupe. — Lisa forçou um sorriso sem vontade. — Obrigada por me ouvir.

Liza sorriu e naquelas alturas Elizabeth nem se aterrorizava mais.

— Vou rezar pela sua vida essa noite, querida.

Elizabeth permitiu que a gratidão tomasse seu coração. Aproximou-se de Liza e mergulhou sua mão por baixo do cobertor para apertar a dela. E só então percebeu os pelos que tomavam-na desde o braço e as mãos parecendo patas de gorila. Embora os olhos quase explodissem na órbita de susto, obrigou o sorriso a permanecer ali.

— E eu pela senhora.

— Quando voltar pra casa. Beije-o. Peça-lhe perdão e implore por um novo começo. As palavras tem poder e talvez a sua felicidade esteja escondida atrás de uma palavra não dita.

— Prometo-lhe que farei isso.

— Promete mesmo ou é só uma promessa sem intenção?

— Prometo.

E então, Elizabeth largou a mão de Liza. Sentiu um forte arrepio tomando seu braço e obrigou-se a esperar um momento apropriado para lavar as mãos. Aquilo lhe causou um reboição no estômago, afinal aquela senhora era a melhor pessoa que havia naquele hospital.

Antes que escapasse, Liza pigarreou.

— Querida, por favor.

Elizabeth virou-se e a observou.

— Poderia ligar a TV e apagar a luz, por favor?

— Claro, senhora Liza.

Elizabeth foi até a Tv e a ligou. O primeiro canal estava fora do ar, apertou o botão ao lado do aparelho e imediatamente um noticiário surgiu na tela.

— Pode deixar aí. — Liza pediu.

A Tv falava sobre a tempestade de neve na cidade e o furacão que estava tomando caminhos desordenados e fugia de minuto em minuto das previsões.

Elizabeth não queria ouvir sobre aquilo naquelas horas, já bastava o terror que os funcionários estavam lhe transmitindo.

Caminhou até a porta e apertou o botão na parede. A lâmpada se apagou e somente a luz da Tv iluminava agora a figura demoníaca de Liza. Elizabeth a observou com receio, mas grata, e ambos os sentimentos brigaram dentro de si.

— Tenha uma boa noite, senhora Liza.

— Igualmente, querida. E lembre-se. Quando estiver com seu marido e filho novamente, não procure pela felicidade, apenas seja feliz.

Liza sorriu. Aquele mesmo sorriso. Elizabeth observou-a por alguns segundos mais do que deveria e então tomou o corredor, domando os próprios passos para que os pés não se tornassem independentes e fizessem-na correr como uma criança amedrontada. O arrepio subiu pelas costas, mas ela contentou-se em respirar fundo e somente desejar um casamento feliz como o da paciente do quarto 102.

Abandonou os equipamentos de limpeza no corredor após lavar as mãos no banheiro e decidiu que era hora de uma pausa para comer.

O cheiro de janta já inundava o corredor do refeitório. Embora sem sal, lhe enchia a boca. *A fome é o melhor tempero.*

Enfiou as mãos enluvadas nos bolsos de sua blusa e apertou o pescoço para dentro do cachecol quando adentrou o refeitório. Teria tido um djavu, mas talvez o ódio subindo tenha impedido. Lúcia mais uma vez, de costas para a porta, percebendo sua presença graças à reação, dessa vez das enfermeiras juntamente com as outras faxineiras, escapou fingindo não notá-la.

Estavam falando de mim.

Teria se obrigado a não dar importância para aquilo, mas as mãos já tremiam. Se dirigiu para a mesa onde os caldeirões de janta se prontificavam para que se servissem.

— Liza, sente-se conosco!

Elizabeth se virou para ver quem lhe chamava. Era Letícia. *Desde quando sabem meu nome?*

Ela sorriu como resposta, torcendo para que a fera dentro de si não despertasse como na manhã que fora grossa com Lúcia. *Droga, estou tremendo por algo que nem aconteceu ainda.*

Quando seu prato já estava pronto e esfumaçava, levantando o cheiro da carne de panela com batatas, virou-se para a mesa onde todas a observavam em silêncio. Agradecer pelo convite e sentar-se distante seria pior. Olhou em volta e nem sinal de Lúcia, ela sempre dava um jeito de escapar.

— A gente percebeu que você está meio tristonha? — Letícia fez uma voz mais fina que a habitual e seus olhos se apertaram.

Elas nunca notaram antes sua presença. *Estaria o hospital comentando sobre meu caso com Walter?*

— Quer desabafar com a gente?

Elizabeth sorriu. Derrubou seus olhos para o prato, buscando dentro dele a melhor resposta, mas não encontrou.

— Eu estou bem, gente. Só estou cansada.

Letícia balançou a cabeça positivamente, com os olhos ainda estreitos, e apertou sua mão num afago que há muito tempo não recebia de forma tão quente. Sorriu, embora em pensamento uma voz idiota se perguntasse: *O pênis de quem essa mão acariciou hoje?*

Ao correr os olhos em volta, todas as outras observavam-na com um sorriso carregado de empatia. Até mesmo Fernanda, por trás de sua máscara. Quando seus olhos se cruzaram, Elizabeth se esforçou para fingir que nada havia acontecido, mas a enfermeira permitiu que o desprazer transparecesse. *A realidade é mais forte do que a imagem.*

Lúcia provavelmente espalhara coisas a seu respeito. *O fim do relacionamento com Carlos, talvez.* Quem sabe até mesmo algo mais acrescentado do que a verdade. *Carlos foi embora e me deixou com meu filho, Carlos é um alcoólatra que me espanca, Carlos me deixa preso no porão nas horas vagas...*

Nada disso era verdade. Em seu relacionamento, se existia algum vilão, esse seria ela própria. Por ter permitido que começasse e por rompê-lo por uma aventura idiota.

Não menosprezava o poder das palavras em seu ambiente de trabalho. As coisas costumavam tomar dimensões gigantescas quando percorriam aqueles corredores. Por isso, tudo o que ouvia, duvidava. Uma pena que nem todos dali tivessem essa habilidade.

Pior seria ainda se os boatos se juntassem como quebra-cabeças a seu respeito. Lúcia não sabia de tudo, mas sabia de uma parte. *Será que Walter contou sobre a gente pra alguém?* Se odiou, do fundo da alma, por ter cometido aquele maldito erro. Se ele contou, alguém tinha uma peça do quebra-cabeça. Se coisas pequenas se tornavam gigantes naquele local, quanto mais a faxineira que largou o pai do próprio filho para se aventurar com o companheiro de trabalho em cada cômodo que ficavam sozinhos?

Elizabeth já quase não impedia os tremores, derrubando o arroz do garfo, quando Juliana a trouxe de volta de seus pensamentos.

— Como é a paciente do quarto 102?

Ergueu os olhos para ela e não soube por quanto tempo refletiu antes de entregar-lhe o que queria.

— Está sofrendo muito, ouvi dizer. — Sentiu-se aliviada por proteger Liza. — Eu não a vi, ela está cercada de cortinas.

— Não está mais! Eu passei pelo corredor. — Uma das faxineiras se arcou ao fundo da mesa para que a percebesse. — Mulher, ela parece um demônio.

Elizabeth não conseguiu esconder o nojo por ouvir aquilo.

— A família dela não veio vê-la? — Mariana quis saber.

— Ouvi dizer que ela é uma pessoa sozinha. — A mesma enfermeira respondeu.

— Mas como ela ficou desse jeito?

— Bruxaria. — Juliana arregalou seus olhos, chamando a atenção de todas.

Céus...

— Sério?! Que horror!

— Como assim?

— Parece que ela participava de uma seita que comia fetos. — Juliana fazia jus a fama que carregava.

— Ah, mentira. — Mariana fez careta.

— Sério.

— Gente, que horror, né? Como pode uma pessoa chegar a tal ponto?

— Se fosse isso, vocês não acham que a polícia estaria aguardando-a para prende-la? — Elizabeth tentou, mas não conseguiu manter-se agradável.

— Faz sentido. — Letícia balançou a cabeça, analisando o que Juliana acabara de jogar na roda. — Quem vai levar a janta pra ela? — A enfermeira quis saber.

— Você não entregou hoje, Letícia! — Juliana disparou.

— Nem a pau. Se quiser entrego do hospital inteiro na próxima semana toda, mas não vou naquele quarto.

— E agora?

— Vamos nós todas. — Mariana propôs.

— Vocês não estão entendendo, eu travaria só de entrar naquele corredor.

— Gente, pelo amor de Deus, nós somos pagas pra isso. — Fernanda arcou-se na mesa, fazendo com que seus olhos bem escondidos por maquiagem corresse por todas.

Finalmente alguém com cérebro.

A discussão entre elas se acentuou enquanto Elizabeth se preocupou em esvaziar o prato para se livrar logo daquele círculo social.

— Eu levo. — Ela se levantou, passando o esparadrapo na boca.

— Sério? — Letícia permitiu que a cara de espanto tomasse sua face.

— Você teria coragem? — A enfermeira fez careta.

— Não sei, mas é o que deveria ser feito. — Ela respondeu por fim, escapando da mesa e colocando os talheres no prato sujo para levá-lo consigo.

— E você tiraria uma foto pra gente ver? — Juliana tinha conquistado seu ranço naquela noite, mas não queria dar a ela o que merecia ouvir. Estava aí uma boa oportunidade pra domar seu estresse. *Logo estarei de férias, numa fazenda, com meu filho e quem sabe Carlos e eu não reatamos?*

Elizabeth não soube para onde a palavra NÃO teria ido dentro de si. Talvez a necessidade de se enturmar ou o medo de parecer grossa outra vez tenha sido mais forte.

— Sim. — *Depois dou a desculpa que meu celular estava descarregado.*

— Não leva comida não, leva ração. — Juliana ainda gargalhou e todas as outras a acompanharam. Elizabeth se manteve fazendo a marmita da paciente, de costas para elas, com sua face carregada de tristeza. Estar perto delas lhe fez mais mal do que estar em companhia de Liza, do quarto 102.

A televisão começou a transmitir notícias sobre o furacão e acabou com assunto e gargalhadas delas enquanto Elizabeth focava sua atenção em fazer a melhor marmita possível sem derrubar dentro do recipiente as lágrimas resultantes de seu descontrole emocional. E quando finalizou, escapou pela porta torcendo para não ser notada.

De fato, não queria, assim como as demais, estar no quarto com Liza. A ideia lhe apavorava, inclusive. Mas não seguiria com sua vida tamanha a culpa se acatasse com a opinião alheia. Ainda mais quando conhecera o ser humano que habitava dentro das ruínas daquele corpo amaldiçoado. Vislumbrar a imagem de Liza novamente lhe trouxe não só medo, mas uma íntima tristeza que julgou se tratar da sua habilidade de empatia. Respirou fundo e tratou aquilo como uma marca de que era alguém diferenciada. *Uma iluminada, talvez.* A ideia lhe fez sorrir, embora ainda tremesse por diversas emoções dentro do furacão que estava seus pensamentos.

— Liza.

Ergueu os olhos e viu adiante o médico Walter. Era tudo o que sua sobriedade não queria para aquele momento.

— Você está bem? Não te vi mais. — Ele se aproximou, mais próximo do que deveria, com um semblante diferente dos últimos dias.

— Estou. — Foi tudo o que conseguiu pronunciar. Não queria mais aquela emoção para a sua tempestade.

— Vai ficar por aqui hoje?

As palavras fugiram. Ela buscou-a com os olhos perdidos no ar, mas ficou claro que tentava fugir embora não conseguisse. E o seu apego ficou muito claro.

— Olha, me desculpe. — Walter começou, e sabia muito bem por onde fazer aquilo — Acho que fui grosso com você. Eu não deveria ter falado daquele jeito. É que nos últimos dias estou ficando louco. Sabe, muito trabalho, furacão, distância de pessoas que amo e agora essa paciente que mais parece um experimento científico...

— Walter, eu te compreendo.

— Você me perdoa?

— Sim, fique em paz.

Ele balançou a cabeça, olhando-a. Não havia uma única alma viva no corredor assombrado e talvez ele esperasse que ela tomasse atitude e se entregasse, mas ela não tinha coragem para isso. Talvez se ele viesse em sua direção, também não teria forças para detê-lo, embora a imagem de Carlos gritasse dentro do furacão dos seus pensamentos.

— Você não está pensando em levar isso para aquela criatura horrorosa, não é?

Ela derrubou os olhos para a marmita, que tremia em suas mãos, mas novamente não conseguiu pronunciar palavra alguma.

— Por favor, deixa que eu levo. — Ele tomou posse da marmita, com muito cuidado. — Não quero que aquilo perturbe sua cabeça. Na verdade, isso é obrigação das enfermeiras.

— Você vai levar a ela ou vai pedir para alguma enfermeira?

— Vou levar.

Ele lhe deu as costas e retomou o corredor. Elizabeth permaneceu paralisada onde estava, acompanhando-o com os olhos. Devagar, a vontade de tê-lo beijado transformou-se em arrependimento por não tê-lo feito e nem a ideia de que também se arrependeria por fazer isso conseguia acalmar o embaraço dentro de si.

Espero não vê-lo mais hoje. Desejou com tristeza, tentando fazer a imagem de Carlos e o menino Joe a colocar as meias vermelhas na janela ganhar força em seu coração.

Quando Walter por fim adentrou o quarto 102 ao fundo, entoando profissionalmente o nome de Liza, Elizabeth se tranquilizou e deu meia volta. Observá-lo por todo aquele tempo não se devia somente ao sentimento que ainda nutria por ele, mas por não confiar que de fato alguém daquele hospital alimentaria a pobre paciente com dignidade.

E dirigiu-se para a lavanderia, onde pegou sua mochila e caminhou lentamente para o banheiro, sentindo as pernas cansadas, debaixo do som das máquinas de lavar e o uivo fantasmagórico do vento do lado de fora.

O banheiro era apertado e a luz amarelada pouco revelava dos obstáculos que deveria desviar. O espelho com grandes manchas de ferrugem refletiu a imagem de uma mulher cansada, porém de pé. Desejou tomar aquele banho sentada no chão, como várias vezes fizera em sua casa, mas não confiava que aquele local estivesse inteiramente limpo ou seguro da presença de ratos.

Deixou a roupa que usaria na pia, a suja na mochila dentro de uma sacola plástica, e se observou mais uma vez no espelho, insatisfeita, e deu a volta pela privada para se ver debaixo do chuveiro desligado. O frio percorreu por debaixo da porta e lhe arrepiou inteira, fazendo-a tremer e bater o queixo.

Girou o registro com cuidado, devagar, e apertando-o contra a parede, para receber um jato não tão quente com gostaria. Resistiu até que viu a fumaça subindo e o calor lhe devorando da forma mais aconchegante possível.

Já toda molhada, se ensaboou vagarosamente, tendo o cuidado de estar presente. Pensou no cigarro de Bob e talvez lhe pedisse mais um quando o visse novamente. Queria relaxar como estivera no terraço para dormir um pouco antes de ter que tomar posse do seu próximo turno. De olhos fechados, permitiu-se uma respiração profunda e lenta, a ouvir somente o som do chuveiro aquecendo sua pele e o vento num uivar melancólico a transtornar qualquer coisa que estivesse desabrigado.

Quando seus dedos passaram por seu sexo, ainda de olhos fechados, nada mais subiu à sua mente que não fosse a imagem de Walter. Afastou-o, soprando a água quente do chuveiro ao mesmo tempo, e se esforçou para trazer para si a imagem de Carlos lhe fazendo gozar com a língua nos dias de juventude plena.

Mas não conseguiu a excitação que queria. Aquilo era o que suas companheiras de trabalho mais comentavam sobre o que era agradável, mas apenas a imagem de Walter cuspindo no dedo para facilitar a própria entrada lhe arrepiava da forma que queria.

Eu sou doente. Diagnosticou seu transtorno sexual, abrindo um sorriso e, em pensamento, deixando Walter bater em sua bunda enquanto mantinha-a de quatro, não se importando nem um pouco de ao menos deixá-la confortável. Imaginou com

tanta vivacidade que podia até ouvir o barulho que o corpo dele se chocando com o seu fazia, com violência, e o seu grasnar rouco, selvagem, antes de catarrar em seu ânus e fazer dela o que bem quisesse.

— Liza?

E Liza estremeceu, tirando os dedos da vagina e abrindo olhos arregalados em direção da porta.

— Quem está aí?

Temeu ter gemido alto, embora não se lembrasse de tê-lo feito.

— Eu. Walter.

Era só o que faltava.

— Só um minuto, por favor.

Mas a porta, num único tranco, se escancarou, e o vento gelado invadiu o banheiro juntamente a Walter.

— Walter... — Elizabeth estremeceu.

— Eu sinto que as coisas não andam bem entre nós.

— Walter, não pode existir nós.

— Eu errei, me perdoe.

Elizabeth se encolheu, tentando proteger o corpo da visão tentadora do médico.

— Eu já te perdooi. Esqueça isso...

Ele bateu a porta atrás de si, mas a fechadura quebrada manteve-a entreaberta.

— Por favor.

— Walter, estou focada em ficar bem com Carlos. — A voz de Elizabeth soou mais como um lamento.

— Não, não faça isso. Ele não tem o que te oferecer.

— Eu não estou interessada em...

— Não estou falando em bens materiais, linda. Estou falando em sentimento.

— Walter, não faça isso comigo. — Elizabeth cobriu o rosto com as próprias mãos enquanto a água quente ainda lhe vestia — Não bagunça minha cabeça de novo. Eu estava ficando bem...

— Liza...

Quando levantou os olhos, já embaçados, foi surpreendida por um Walter cujas lágrimas já haviam riscado por ambas as bochechas.

— Eu te amo.

— Walter...

E ele lhe beijou. Sua boca era quente. Ela não retribuiu nos primeiros segundos, mas manteve a boca aberta para que sua língua passeasse como bem quisesse. E tão logo a mão dele já tocava sua vagina, massageando-a e fazendo-a suspirar com leves gemidos como nenhum outro conseguia.

— Eu te amo... — Ele sussurrou quando ela já sugava sua língua e o apertava contra si, molhando toda sua roupa.

De repente, quando a mão buscava seu cinto para abri-lo e chupá-lo como nos pensamentos mais secretos, fora surpreendida pela calça já totalmente liberta estirada pelo solo encharcado. Seu membro estava rígido como nunca vira, já ensopado pela água do chuveiro e o sabão do seu próprio corpo. Nesse instante, com violência, ele agarrou nos cabelos de sua nuca com suas mãos fortes e virou-a de frente para a parede num único puxão. Ela gemeu e o que imaginava que viria a partir dali a fez sorrir. E os olhos reviraram quando sentiu-o entrando para dentro de seu corpo, dentro de sua alma, e a dor de sua selvageria invadindo suas entranhas como num pesadelo que não queria acordar. Seu órgão parecia não ter fim e foi penetrando-a, abrindo-a, sem qualquer cuidado sentimental, fazendo-a se arrepender a cada centímetro de si sendo explorado. E quando atingiu um ponto impenetrável, empurrando o músculo de sabe-se lá onde, em pressão, dentro da barriga, forçando-a a ficar na ponta dos pés para se proteger, Um eco seco fez o prédio tremer inteiro. Seu pênis recuou e acertou-a profundamente mais uma vez, fazendo-a ranger os dentes e desejar gritar. E o prédio balançou.

— Socorro! — Alguém gritou de alguma parte.

Voltou a cabeça para trás, com os olhos arregalados, mas Walter não se importava com mais nada que não fosse sua vagina, segurando-a como um saco de batatas.

— Walter...

E ele penetrou-a, ainda mais dolorido que anteriormente.

— Walter!

— Pra fora! Pra fora! Vai! — Vozes ecoaram dentro da lavanderia e a porta estava entreaberta.

— Walter! — Ela empurrou-o e seu membro escapou seco, áspero, e Elizabeth se viu liberta. Atirou-se por sobre a privada, buscando suas roupas e, quando seus olhos voltaram para o médico, este olhava em volta, para as paredes que tremiam.

— O que é isso?

E os corredores começaram a ecoar o som mais assustador que Elizabeth já ouvira. Como se bombas estivessem explodindo por toda a parte.

Enquanto lutava para encher o corpo de roupas novamente, Walter a empurrou contra a parede e quase jogou-a ao chão, se atirando para fora, para só então vestir as próprias calças. Atrás dele, Elizabeth notou uma cortina de fumaça levantando e farelos dos tijolos desabando do teto.

— Meu Deus, meu Deus, o que está acontecendo? — Ela gaguejou, enfiando-se dentro da blusa que faltava para terminar de vestir-se.

— É o furacão! — Não foi Walter quem berrou, não foi seu inconsciente, mentor, sequer Deus... Foi algum funcionário no corredor, que Elizabeth teria visto se o teto não tivesse desabado e coberto todo o seu campo de visão. A poeira tomou todo o ambiente e tão logo se viu de bruços no chão, procurando desesperadamente em meio a tijolos que choviam por toda a parte a saída para o estacionamento.

Mas nada viu. Nenhuma saída sequer. Somente os resquícios da neve do lado de fora em meio a fendas do que um dia fora as paredes do grandioso Hospital Municipal. E tudo tornou-se escuro, apertado, quente e carregado de uma tensão monótona que lhe fez sentir o cheiro do inferno. Tentou levantar-se do chão, deixando cair para o lado pequenos resquícios de lajotas, mas esbarrou no concreto que fazia uma ponte acima de si e tão logo lhe esmagaria. Tossiu, tossiu e sentiu o corpo amolecer, sem ar, sem visão, sem esperanças. Desejou chorar, mas a poeira a fazia engolir cimento e cal. Permitiu-se perder a consciência, enquanto gritos desesperados se fundiam ao uivo fantasmagórico do furacão lá fora, acima dos destroços do que um dia fora o seu local de trabalho.

CAPÍTULO 3

— Meu senhor... Meu senhor...

A respiração, ofegante, trazia para dentro de sua garganta uma poeira cortante que lhe obrigou a tossir até vomitar. Não adiantava tentar manter a calma, não tinha controle da velocidade que o coração batia a ponto de se chocar contra seus próprios ossos e se machucar. Tentar respirar fundo só lhe sufocava ainda mais. As mãos tremiam enquanto tateavam esfoladas pela terra que formava uma cama e, num dado momento, sentiu que uma lacraia correu por entre seus dedos. Os olhos ainda não haviam se habituado a escuridão, mas sabia que o ambiente estava tomado pela poeira.

O prédio desabou... O prédio desabou... Meu Deus...

Outro estrondo. Elizabeth sentiu que uma placa se arrastou até bater em suas costas, obrigando-a a gatinhar para a frente. Foi quando lembrou-se do celular. Correu a mão pelos bolsos da blusa e encontrou o aparelho. Ligou-o e a pouca luz lhe deu conhecimento de onde encontrava-se. Estava deitada no que parecia ser o próprio solo abaixo da escada, embora a terra esbranquiçada que fazia a poeira flutuar por todo o local se esparramasse pelo assoalho. A dois palmos acima de sua cabeça estavam os destroços que agora eram o teto. Em questão de segundos e tudo aquilo desabaria e a esmagaria. Imaginar aquilo lhe arrepiou de tal forma que virou-se de lado para vomitar novamente.

Outro estrondo. Berros ecoavam de algum lugar distante, tão distante que ela sabia que nunca seria ouvida. Quanto mais respirava, mais a garganta se arrebetava com a poeira e, aos poucos, ficava cada vez mais difícil buscar pelo oxigênio. Esfregou o nariz com raiva e quando observou a palma da mão, a poeira se transformara em barro dentro de suas narinas.

— Eu vou morrer. — Confessou a si própria e, de repente, o coração desacelerou e uma pesada lágrima despencou do canto dos olhos e se espatifou em algum lugar do solo escuro. Engasgou-se com a saliva como lama na garganta e deixou que as pálpebras se colassem, esperando que o oxigênio pesado lhe desmaiasse antes do sofrimento. Nada mais vinha a sua mente. Apenas a terrível sensação da morte. E nunca imaginara que seria tão friamente acolhedora.

Pensar em Joe a tranquilizou de alguma forma. Naquelas alturas, ele deveria estar jogando vídeo game com o pai. Dentro de instantes, a notícia chegaria até eles. Outra lágrima despencou e tudo o que ela desejou foi que ele tivesse a melhor

vida possível e Carlos seria capaz de lhe prover isso, até muito melhor que ela própria.

Estou onde deveria estar. Nos destroços da lavanderia desse emprego nojento.

Fungou e tudo o que ouviu foi o nariz já praticamente entupido. O corpo começava a doer devido ao desconforto da posição, mas não tinha como se esticar.

Não soube dizer quanto tempo passara de olhos fechados, mas quando abriu-os, todo o corpo encontrava-se dormente. Cogitou já ter morrido e fez como que se tentasse levantar para sair com sua alma atravessando os destroços e flutuando para fora, para assombrar o que restara do hospital. Mas infelizmente, ainda estava viva.

A temperatura aumentara terrivelmente e já sentia todo o corpo escorrendo suor, até mesmo suas pernas. Fechou os olhos uma vez mais e fez de conta que estava em casa, bem, após um maravilhoso banho, e Carlos estava no sofá, observando a Tv com seus olhos distantes assim como eles eram um para o outro. Joe brincava com seus brinquedos espalhados pelo tapete, hora ou outra vindo até o pai para lhe mostrar o que fizera com as pecinhas de lego. Sentiu-se estranhamente feliz e percebeu que criava realidades dentro de sua cabeça em fuga de uma realidade horrenda, assim como Liza, do quarto 102, havia declarado. Mas não importava. Não queria estar ali, em sua realidade, totalmente soterrada e aguardando que a morte voltasse do horário de almoço.

O calor lhe trouxe uma desagradável dor de cabeça e, naquelas alturas, tornara-se tão difícil de respirar quanto numa sauna. Não soube diferenciar seu estado de consciência, se permanecera distraída ou se adormecera de vez. Mas hora ou outra era sacudida por sabe-se lá o que ou que reações estava tendo para se assustar a todo instante. E então se pegava analisando os detalhes demasiadamente próximos daquele local o qual seus olhos já podiam enxergar com mais clareza.

Fechou-os uma vez mais e focou em imaginar como seria além da vida. Um lugar onde problemas terrenos não existissem. Nem mesmo o tempo. E todo momento era uma oportunidade de recomeçar. Um lugar onde nada seria erro e, com isso, nenhuma consequência que lhe custasse a paz. Um campo comprido como um tapete, cobrindo montanhas onde pequenos chalés de pedra e madeira deixam subir fumacinhas pela chaminé, vindo de um fogão a lenha ou lareira. Pássaros voando por todos os lados, cantando e vivendo a mais terna missão que é simplesmente estar vivo. Sem obrigações, sistemas ou horas para cumprir. Todos os dias são uma viagem de fim de ano, com alguém que se ama e os filhos e, se não o amar, você simplesmente aciona um comando e o milagre acontece. Sem a existência do frio, nem calor demasiado. É como um agradável fim de tarde de domingo. E esse agradável fim de tarde de domingo não tem fim. *Você só tem a*

obrigação de existir, viver, desfrutar, abrir os olhos e andar por ai sem hora pra voltar ou tempo para respeitar. E deitar-se debaixo de uma macieira é tão aconchegante quanto a poltrona da guarita, somado ao cigarro e a companhia de Bob e Alexia. Um lugar que a fizesse se limpar de tudo o que fizera em vida e até mesmo não estar mais no corpo que habitava, para que toda vez que se olhasse no espelho não viesse aquele nojo misturado a ódio que sempre sentia. E consequentemente, uma íntima vontade de se bater.

Eu mereço estar aqui, eu mereço.

Abriu os olhos mais uma vez para se castigar com a própria realidade e sentir-se ali, molhada de suor, lágrimas e lama. Onde ocupava o espaço que merecia ocupar. No lugar em que deveria estar e apenas cumprindo sua obrigação – aguardar que seu peso fosse finalmente retirado do mundo.

Foi nesse instante em que ouviu a voz de Bob, um grasnar afobado, seguido pela tosse rouca do médico Walter e um praguejar ríspido que era de sua personalidade.

— Por aqui, foi por aqui!

— Liza! — A voz de Bob soou com tanta força que Elizabeth percebeu que ele estava bem perto.

— Bob, aqui! — Começou a tossir vorazmente. — Meu Deus... Meu Deus...

— Ouviu?

E sons estranhos de choques ocos que faziam a terra deslizar por sobre seu rosto começaram a soar.

— Bob! Bob!

— Por aqui, rápido!

E os segundos tornaram-se como horas e a cada instante, a terra deslizava e lhe abraçava naquele buraco que lhe servia como uma banheira de horror. Quanto mais eles gritavam rápido, mais demoravam e Elizabeth percebeu que já não tinha mais espaço para se mover e, sequer tentou gritar, pois a terra já tomava todo o seu rosto e começava a entrar pelos olhos e pelo nariz.

Meu Deus, meu Deus, por favor...

Foi nesse instante que a voz de Walter soou bem alto no seu ouvido e então sentiu a mão dele em seu ombro.

— Aqui! Vai, puxa!

Elizabeth deu por si novamente após um breve apagão que não soube por quanto tempo levava, mas quando abriu os olhos, ardentes pela terra que os arruinara, viu a silhueta de Walter contra a lanterna de Bob, fazendo respiração

boca a boca e massagem no seu peito. Começou a tossir novamente e foi tomada pelo pânico de lembrar-se de onde fora retirada.

— Calma, calma! Você está bem.

Não sabia distinguir o atual momento e nada conseguia arrancar da sua cabeça que estava sonhando ou presa nos próprios pensamentos.

— Eu não quero voltar pra lá! Por favor!

— Calma! Calma!

— Liza, — Bob colocou a lanterna para iluminar seu próprio rosto e pela primeira vez Elizabeth não sentiu vontade de rir ao vê-lo. — Você se salvou. Fique tranquila. Você está bem. Já tiramos você de lá.

Elizabeth queria obedecê-lo. Desejava com todas as forças ficar tranquila, mas os pés estavam desordenados a baterem um contra o outro e sequer podia controlar os tremores e a vontade de vomitar e gritar ao mesmo tempo.

— Estado de choque. — Walter resmungou, observando o arredor. Em seguida, levantou-a sem esforço e quando Elizabeth se deu conta, estava amarrada numa maca e o teto escuro do hospital passava depressa no seu ofuscado campo de visão.

— Ilumina esse corredor! Droga, esse não.

— Minha nossa senhora, Walter, isso tudo vai desabar!

E tão logo um bloco se espatifou em algum lugar e fez chover terra, que ecoou. Elizabeth percebeu que o corpo estava ressecado por dentro e, quanto mais respirava, mais suas entranhas queimavam. Tentou se remexer, mas estava toda amarrada, como a criatura que era. Por pouco, e bem pouco, e a morte lhe carregaria daquela vida desgraçada.

Fumaça, poeira e cascatas de farelo tomaram todo o caminho e, de repente, a pouca luz que vinha de algumas partes se apagou. Pode ouvir ainda fios ricocheteando e sons de curto circuito.

— Por aqui! Por aqui! — uma voz ecoou ao longe, de algum lugar da escuridão, e a maca foi tomando seu caminho. Quando ergueu os olhos, percebeu que quem estava acima de sua cabeça, empurrando a maca, era o próprio Walter. *Motivo da minha ruína*. Bob corria na frente, iluminando e abrindo caminho pelos destroços e poeira.

E de repente, viu uma última porta aberta, o vislumbre de um policial fazendo sinal com uma lanterna e vultos correndo *de* um lado a outro. Então, Bob cobriu seu campo de visão, levantando sua cabeça e enchendo sua boca e olhos de água após enfiar com desagradáveis dedos salgados de terra e suor um comprimido que desceu queimando. Só então ela percebeu que o corpo não parara de se

debater, não tinha o controle dele. Bob soltou sua cabeça de uma vez e desapareceu no escuro. Ela sentiu o comprimido descer arranhando até chegar à boca do estômago, e ficou refletindo se ele não ficara entalado.

Os gritos e choros à sua volta vinham de apenas vultos e silhuetas que mal conseguia decifrar naquele escuro onde apenas algumas lanternas faziam riscar feixes de luz. E cada vez mais as coisas giravam e era difícil de compreendê-las ou acompanhá-las. Daria um grito para se libertar de si mesma, mas o corpo estava inteiramente sofrendo uma paralisia do sono. Na escuridão, se aterrorizou com a ideia de que um demônio a segurava para que toda a legião que chegara com o inverno a estuprasse com o mesmo carinho de Walter horas atrás.

Pare de pensar. Por favor, pare de pensar.

E quando tentou fechar os olhos para ser levada pela cabeça que girava, fazendo com que todo seu organismo ameaçasse vomitar a terra que engolira, vislumbrou que não conseguia se mexer, pois ainda estava presa nos escombros e, pior que isso, trancafiada no próprio pesadelo.

A lágrima que escorreu do olho direito desceu pesada pela sua face e essa pode sentir com tanta realidade que obrigou-se a abri-los mais uma vez, mas já estava dentro de um sonho.

— Você não vai se formar? Vamos, você está atrasada! — Era Lúcia, com uma linda roupa social, boina de formatura e uma toga dobrada abaixo do braço.

Elizabeth olhou para baixo e se viu toda suja de terra.

— Meu, Deus. Eu nem tomei banho ainda.

— Menina, não vai dar pra te esperar não.

— Só um minuto, por favor!

— Corre!

Meu Deus, por que não planejei isso antes?

Foi até o banheiro, mas ao adentrar no chuveiro, lembrou-se de procurar pela roupa. E permaneceu num looping, revezando entre o banho e buscar a roupa no guarda-roupa. Esse ato carregado de loucura durou horas e horas, onde a todo momento olhava para a sala a qual as enfermeiras, também arrumadas, aguardavam a busca por uma roupa que não existia.

— Menina, — a voz de Lúcia a enchia de desespero — cadê sua roupa?

Elizabeth por fim sentou-se no chão, com o chuveiro ligado acima de sua cabeça, como costumava fazer muitas vezes, e as mãos cobrindo o rosto.

— Eu não tenho roupa. — Começou a chorar e o coração saltava no peito.

— E você não vai se formar por causa de uma roupa?

— Aqui! — Fernanda apareceu de repente na porta do banheiro. — Vai com essa mesmo.

Quando Elizabeth tirou as mãos do rosto, a enfermeira balançava sacos de plástico preto, os quais usavam para colocar lixo, e Elizabeth se atirou neles e começou a vesti-los, debaixo do falatório das demais que a apressavam. O desespero para colocar a roupa de saco de lixo foi semelhante ao momento em que se vestia enquanto o hospital desabava.

Foi nesse instante que ela percebeu que não deveria se formar usando sacos de lixo como roupa. E enquanto observava o nada, paralisada pelo que estava aceitando, os brados de xingamento das demais, apressando-a, tornaram-se mais alto e mais alto, até que acordou.

— Liza, Liza, está tudo bem...

Uma silhueta passava a mão pelo seu rosto, num carinho terno em mãos femininas cuja voz a fez lembrar-se de alguém querido. Não podia enxergá-la na escuridão, mas percebeu que ela tentava acalmá-la, pois estava se remexendo, quase levando a maca a desabar, e não tinha controle do próprio corpo.

Elizabeth, respira... Respira... Respira...

O corpo demorou para corresponder, mas aos poucos foi se acalmando e enfiando na cabeça de uma vez por todas que aquilo não passara de um sonho esquisito. E quando conseguiu domar a si mesma, e o coração desacelerou, apenas a tristeza por não se formar por causa de uma roupa ficou pairando no ar, até sumir de vez no plano de sonhos que não faziam sentido.

— Quem é você?

— Calma, isso... Sou eu, Alexia.

— Alexia... — Elizabeth começou a chorar e sentiu que as lágrimas foram lambuzando todo o seu rosto enquanto escorregavam pela sujeira. — O que você está fazendo aqui?

Antes mesmo que terminasse a frase, Alexia já abraçava seu corpo imobilizado pelos cintos da maca.

— O porco capitalista do meu patrão... — sua voz rouca denunciou que andara chorando muito. — Vim fazer uma entrega...

Elizabeth nada mais disse, apenas forçou seu corpo no abraço dela, apertando os olhos e manchando-a com sua própria sujeira. No escuro em volta, ouvia conversas e choros. Alguém, em algum corredor distante, gritava e sua voz ecoava pelos escombros que Elizabeth não podia sequer imaginar.

— Tem alguém vivo aí?

Afastou da mente voltar a imaginar alguém lá, soterrado, não conseguindo gritar, pois os escombros esmagavam sua cabeça e a terra invadia cada buraco disponível. Aquilo lhe fazia voltar a tremer e a sensação era angustiante.

O som do vento que cantava pelos corredores devia estar passando por fendas entre os destroços acima de suas cabeças. Ali embaixo, não tinham luz, sinal de celular ou qualquer meio que pudessem pedir ajuda ou ter informação. Ouviu resmungos sobre a chegada do resgate, tentativas de ligações e reclamações sobre o furacão. Ouviu também pessoas que rezavam, implorando a Deus uma chance para voltar a ver a família novamente. E embora tentasse manter a calma, era impossível não pensar em Joe e sentir o coração se despedaçando.

— Pessoal, é o seguinte! — Uma voz rouca e desconhecida soou na escuridão da sala, fazendo com que todos ficassem no mais absoluto silêncio. *Algum policial.* — Por favor, atenção todos! Vamos manter a calma, evitar ficar andando, se possível paradinhos aí mesmo onde estão. Toda a estrutura acima de nós está corrompida e qualquer movimentação poderá nos esmagar aqui. Quanto mais tempo conseguirmos, mais perto o resgate estará de nós! Estamos estudando o mapa do prédio para verificarmos possíveis caminhos que possamos fazer em busca de alguma saída alternativa. Não sei se vocês perceberam, mas estamos nos andares da parte do subsolo. Tudo o que era térreo pra cima desabou. Por favor, rezem o quanto puderem, conversem entre vocês, deem forças uns aos outros, mas não caminhem. Confiem que apenas alguns se arriscarão nessa tarefa para que todos sejam salvos. Vamos aguardar, logo estaremos todos fora daqui!

Nesse instante, um uivo, rouco, melancólico e grave soou tão alto quanto uma sirene.

— Céus, o que é isso? — O teórico policial estremeceu sua voz na escuridão, perdendo a postura.

— A paciente do quarto 102!!! — Um grito estridente disparou.

— Lobisomem! — outra voz, masculina dessa vez, bradou de um corredor distante, e foi seguido por uma multidão de berros desesperados e paredes despencando.

Elizabeth tentou se debater para se soltar, mas os cintos estavam bem presos por fivelas.

— Socorro! — Ela gritou, mas era inútil pedir ajuda em meio a uma multidão em caos.

— Saaaai!!! Saaaai!!!

— Fechem a porta!!

— Me ajudem!!!!

— Fechem a porta!

Tiros ecoaram, juntamente a paredes desabando e o som de algum animal selvagem rasgando carne.

Elizabeth não conseguia se mover para saber o que estava acontecendo com a maldita porta e teve que ignorar os assombrosos gritos em alguma parte, de sabe-se lá que pessoas, sendo rasgadas por sabe-se lá que criatura, para focar a mente em escapar dos cintos que a prendiam na maca.

— Alexia, Alexia!!!!

Mas Alexia já havia desaparecido.

CAPÍTULO 4

— Pelos fundos!

Elizabeth só percebeu que era grande a multidão que ali se encontrava quando a aglomeração no cômodo lutou contra a besta que se atirava contra a porta, arranhando-a com suas unhas e rugindo com a voz de mil demônios. Metade deles fugia para os fundos, com gritos horrorizados, em meio a faixas de lanternas e luzes de celulares perdidos a rolar pelo chão.

— Me tirem daqui! Me tirem daqui! — Ela urrou, mas ninguém podia ouvi-la.

Vidraças se espatifaram em algum lugar e de repente Elizabeth sentiu a terra que desabava em sua face novamente, lhe enchendo ainda mais de pânico. Blocos começaram a despencar pela multidão em caos e tudo o que pode fazer foi aguardar que sua cabeça fosse esmagada por algum deles.

— Me ajudem com a porta!

— Segura! Segura!

— Meu braço!

Quando esbarraram na maca e ela foi arrastada, Elizabeth pode enxergar graças ao ângulo em que fora posicionada e às luzes de aparelhos que rebatiam nas paredes brancas que a porta já estava fora da parede e alguns faziam pressão para que ela não abrisse passagem. Paralisada, seus olhos caíram sobre o rasgo que se formou no aço. A criatura conseguiu enfiar a cabeçorra pelo buraco e agarrar o braço de um dos homens de roupa branca. Alguém disparou um tiro. A besta recuou, levando o membro da vítima consigo.

Então, após alguns segundos, lá estava o demônio novamente, abrindo a porta ao meio com suas garras e, dessa vez, não recuando com os tiros. A maca rodopiou e desabou para o outro lado, mantendo-a ainda presa na altura dos ombros, pulsos e pernas, e Elizabeth não teve mais a visão do que acontecia. Apenas gritos de terror. Foi quando tudo desabou outra vez. E agora, os poucos pontos que traziam alguma luz eram ofuscados pela fumaça e poeira que subia. Os gritos diminuíram pela metade e Elizabeth teve um leve vislumbre de pessoas sendo pisoteadas e outras sendo esmagadas pela parede dos fundos que acabara de vir ao chão, trazendo consigo os destroços do andar superior.

E o que pode ouvir da entrada, abafado pelos estrondos e cômodos vizinhos que tremiam, apenas gemidos e carne rasgando em meio ao rosnar grave da besta

que acabara de escapar do inferno.

O peso do seu corpo esmagava o braço esquerdo que estava agora abaixo de si, em seu corpo suspenso, ainda preso a maca. O coração escaparia pela boca e fugiria entre os destroços se pudesse e a respiração puxava para dentro toda a poeira que já queimava em seus olhos. Foi quando o cheiro de carne podre tornou-se mais forte e, acima de sua cabeça, o arrepio lhe fez ter certeza que a besta caminhava pela escuridão.

O focinho revelado pela penumbra tomou o campo de visão, embora os olhos semicerrados para fingir-se de morta se embaçassem com as lágrimas se transformando em barro. O rosnar, profundo e melancólico, a fez pensar em milhares de almas *pedindo* socorro dentro do próprio limbo que era o seu interior. Fungou pelos destroços em busca de feridos e Elizabeth pode ouvir suas presas rasgando a carne de indivíduos que julgava ainda estarem vivos.

Ela sabia, em poucos minutos seria ela. A pressão caiu e sentiu o corpo tão mole que parecia escorrer pelos cintos apertados e desabar no chão. O cabelo, duro, ressecado, grudado na testa ensopada de suor, balançava a encostar ao chão e, quando ela percebeu isso, teve uma breve visão da fera se atirando em sua cabeça e, ao adentrar aqueles dentes como navalhas em seu crânio, a sacudiria assim como fazia com todos que eram vitimados por sua fúria.

E a sombra do lobo gigante passava de um lado a outro, mordiscando um pouco de cada corpo que encontrava, às vezes precisando escavar com as patas dianteiras os destroços no chão para encontrar novos deles. Elizabeth forçou uma reza em pensamento, com todas as forças que lhe restava, embora refletisse que estavam tão profundos debaixo de terra, concreto, vigas, lixo e neve, que Deus jamais os ouviria clamar.

O vulto se ausentou por um breve tempo, mas ela permaneceu onde estava, mesmo com o braço latejando. A dor insistente era muito melhor do que as vísceras balançando para o lado de fora.

Esse monstro não é Liza. É um animal selvagem que se escondeu nas tubulações por causa do inverno. Veio de alguma mata assustada pelo furacão. Pessoas que se transformam em lobisomem não existem. Isso é impossível!

Uma lágrima escorreu pesada dos seus olhos e se espatifou no chão sujo de cimento e cal como um suicídio. E aquilo lhe trouxe forte para a cabeça um plano. Não precisava mais continuar com aquilo. Não precisava mais evitar o inevitável. Era só soltar-se dos cintos da maca e achar o corpo do policial. Apenas um tiro na boca e resolveria o problema de todos. A besta teria o alimento que desejava sem precisar fazê-la sofrer, não seria um estorvo para mais ninguém que lutava pela vida em meio aos escombros, Carlos poderia buscar uma mulher muito melhor do

que ela fora, Joe então teria uma mãe que teria mais tempo pra ele e que fizesse seu pai feliz. Cresceria com um exemplo maravilhoso de relacionamento. Um tiro na boca e fim. Fim a tudo o que fora sua vida consequente de cada escolha errada que fizera. Um tiro na boca a faria sofrer por poucos segundos. Segundos esses que levaria a melhor situação possível para todos.

Então, se remexeu para sair de cima do braço que esmagava e sentiu que a maca desabaria de ponta cabeça, levando-a de frente para o solo. O barulho possivelmente chamaria a atenção da criatura. Prendeu a respiração e se manteve contraída até que a maca estabilizou o equilíbrio. Foi nesse instante em que o vulto já a cobria, estando a apenas um palmo de seu rosto.

Fechou os olhos com toda a força e apenas aguardou que sua barriga fosse rasgada o mais rápido possível e sua consciência compreendesse e aceitasse logo que já era a hora de morrer.

— Calma, não faça barulho.

Era a voz de Alexia.

Abriu os olhos, não acreditando que alguém ainda estava vivo por ali. Não acreditando sequer que alguém voltaria por ela.

— Meu anjo.. Meu anjo...

Alexia chiou a boca para que Elizabeth se acalmasse e imediatamente os cintos das pernas foram cortados por alguma navalha que a jovem trouxera consigo.

E tão logo, Elizabeth se viu fora da maca. Quando o braço que estivera esmagando foi solto, rangeu os dentes e, com as mãos trêmulas, puxou com cuidado a tira de borracha que estava dentro da carne já rasgada.

Então, se arremessou pelos destroços, em busca do corpo do policial. Tropeçou em uma pedra e desabou por cima de um tronco com as tripas espalhadas pelo chão. Rolou para o lado, arranhando as costas em blocos e vidraças espatifadas pelo solo e se viu tateando por outros três mortos que se empilhavam cobertos por cal e lascas de tinta seca.

— Liza!

Mas ela não quis saber de seja lá o que for que a jovem sonhadora lhe trouxesse. *Cadê, cadê?*

— Liza, acalme-se! Por favor!

Escorregou por sobre outra maca revirada que servia de esconderijo para mais defuntos e, gatinhando e amparada pelo desespero, tateou em busca do policial. De repente, sentiu o peso às suas costas. Sabia que não era a besta. Muito leve.

— Desgraça, você quer nos matar? — Alexia segurou em seu colarinho e tentou balançá-la, mas era muito fraca.

— Alexia, por favor, me deixa.

— Não.

— Me larga!

— Liza, se controle.

— Me larga ou eu vou gritar.

— Se você gritar você vai nos matar!

Quando ela percebeu aquelas grandes olhos azuis cheios de medo revelados pela fraca penumbra, sentiu-se ridícula.

— Alexia... Eu não posso mais continuar com isso... — E seu choro saiu dolorido pela garganta ressecada de poeira.

— Pense no seu filho.

— Já pensei... Por favor, só me deixa...

As mãos de Alexia se afrouxaram e Elizabeth se viu finalmente livre para se arrastar de costas para longe da menina.

— Você não era assim, Liza. Você era forte.

— Não... — E então, voltou-se para o chão, passando a mão por destroços e tripas, na esperança de encontrar o tal guarda morto que fizera os disparos.

— Foi por você que voltei. Porque eu sei que com você eu teria mais chances de sobreviver... — A voz de Alexia acabou num engasgo.

— Não... Não...

— A qualquer momento, aquilo vai voltar e nos matar. Eu irei junto. Eu vou morrer porque voltei por você...

— Eu sinto muito... Só vá embora... — Elizabeth começava a se irritar com a própria procura.

— Você pensa que só você cogita desistir. Acha que eu não penso o mesmo? Acha que todos aqui não pensam o mesmo? Aliás, sequer se trata do que ainda temos lá fora. Eu por exemplo tenho uma kit net e um patrão de merda. Muitos que estão aqui embaixo ainda querem viver porque ainda buscam um motivo para tal. Assim como eu também. Você não precisa estar aqui embaixo pra desistir da vida, basta tê-la em qualquer lugar. Isso aqui embaixo não é nada perto de tudo o que você leva em sua vida comum. Você não pode negar, você sabe quantas vezes já desabafou comigo.

Elizabeth começou a odiar o fato de estar sendo convencida por Alexia. E odiou-se ainda mais quando percebeu que a procura pela arma tornara-se uma

atitude idiota e impossível.

— Por favor, Liza. Se for pra morrer, vamos deixar que a morte nos encontre juntas. E vivas.

Elizabeth despençou a chorar, desabando em cima de um bloco sujo de sangue. No fundo do coração, exausta e odiando Alexia por cada palavra que ela enfiara dentro de si. E então, sentiu-se curada pelo abraço da mesma.

— Vamos. Vamos sair daqui.

— Vamos...

Elizabeth levantou-se, trêmula, e viu a silhueta de Alexia voltando-se para os fundos da sala, por onde julgou que teria vindo. De repente, pisoteou um corpo mole e perdeu o equilíbrio. Ao cair, com as duas mãos buscando o solo para amparar-se da queda, deu de frente com o guarda ensanguentado. Em sua mão enrijecida, a pistola que disparara os tiros antes de morrer. Elizabeth pegou-a e se levantou. Seus olhos caíram sobre Alexia, intacta, observando-a como uma estátua. Mas naqueles olhos azuis já não havia temor.

— Vamos... — Elizabeth quem suspirara, voltando a pôr-se a caminho dos fundos e refletindo que a vida só lhe dava o que julgava antes estar pronta para ter.

Ultrapassaram uma mureta quebrada e subiram por montes de corpos destroçados que faziam uma espécie de barranco até um grande bloco que despencara do andar superior. Ali, Alexia ligou uma lanterna e apontou-a para um buraco pequeno acima do bloco. Elizabeth subiu com dificuldade e o coração disparou tão rápido que não pode controlar os inúmeros pensamentos de morte que lhe tomaram.

Já acima do buraco, gatinhou pelo solo até se deparar com outro, só que dando acesso para baixo, o que possivelmente se estendia para a um corredor.

Alexia subiu até ela com agilidade e não pensou duas vezes antes de descer pela próxima entrada. Elizabeth iluminou para que ela visse o caminho.

Destroços formavam uma escada disforme e, por ali, alguns mortos ainda se esticavam pelo chão em camas de sangue, com faces duras de terror.

— Vamos. — Alexia pegou de sua mão a lanterna e se pôs a frente.

Caminhar naquele corredor lhe sufocava. A lanterna só iluminava a poucos metros adiante e o que estava mais a frente era um mistério carregado de horror. Nas paredes, marcas de arranhões e mãos sujas de sangue e respingos de fluídos. A tinta estava descascada e toda a estrutura rachada, ameaçando que qualquer movimento brusco e os esmagaria.

— Espere...

Elizabeth parou de repente, mas seu coração continuou agitado.

— Droga! Vem, vem.

Alexia disparou para trás e se enfiou por uma porta. Elizabeth a seguiu, não tão ágil. Trancou pelo lado de dentro, embora o material não fosse tão resistente como já haviam percebido no primeiro ataque. E gatinharam para os fundos, passando por baixo de uma maca e encontrando a mesa de madeira, para usá-lo como esconderijo.

Só então Elizabeth ouviu barulho de garras batendo no solo. Altos, mostrando que eram grandes e a criatura que as portava, pesada.

— Meu Deus... — sussurrou.

De repente, o fungar. Um som alto como o soprar de um humano forte e saudável, porém contínuo, se repetindo na mesma intensidade. O ronronar semelhante a um bicho selvagem, grande e assustador.

Alexia a abraçou e jogou o rosto contra seu ombro. Percebeu que a menina tremia tanto quanto ela e aquilo a apavorou ainda mais.

Elizabeth nunca imaginara algo que lhe causasse tanto medo e, de longe, aquilo não era um lobo. *Um urso talvez. Um urso... Escapou de algum zoológico...*

A fera desistiu de cheirar a porta e o som de suas garras ao solo deixou claro que ela se afastava para outro local.

Ainda assim, permaneceram debaixo da mesa por algumas horas, totalmente caladas, imóveis. Só então Elizabeth, já com o corpo frio, percebeu o latejar no antebraço e, ao passar a mão por ele, sentiu o corte profundo do cinto de borracha o qual ficara presa na maca.

— Quanto tempo já estamos aqui?

— Três dias... — Alexia sussurrou.

— Certeza?

— Estou usando o meu celular só pra checar isso.

Perdera totalmente a noção do tempo, mas tinha certeza de que a família já sabia de seu desaparecimento e, naquelas alturas, o desabamento do hospital já estava sendo transmitido pelos canais de todo o país.

— O resgate já está chegando...

— Ou não. — Elizabeth teve que confessar. — Se pararmos pra pensar que o furacão pode não ter passado ou piorou ainda mais a tempestade. Acima de nós, fora todos os destroços de infinitos andares de concreto, ainda temos a neve e um tempo horrível lá fora. Dificilmente o governo sacrificará mais pessoas por outras já dadas como mortas.

Nesse instante, Alexia pôs-se a chorar como uma criança. E o celular dela, aceso, exibindo um calendário, fez com que Elizabeth enxergasse seu rosto

contorcido num choro profundo e já sem resquícios de esperança. Então, quando a tela se apagou, ela desabou para o lado e se perdeu no próprio lamento até adormecer. Elizabeth assistiu-a e refletiu no quanto a jovem amava a vida e todos os seus sonhos que sequer provara uma mínima oportunidade de realizar. Sentiu-se culpada por lançar sobre ela toda a sua frustração e fraqueza. Talvez, fosse melhor manter-se quieta, dessa forma não traria sobre a cabeça delas toda a avalanche antes da hora. E, como a própria Alexia dissera momentos atrás, *Que a morte, quando chegar, nos encontre vivas*.

O cansaço abateu-a quando menos esperava. Ali, totalmente intacta, conseguira a temperatura ideal para manter-se imóvel, perdida dentro de si mesma. Quando Alexia se remexeu, não soube quanto tempo esteve parada, nem se de fato adormecera. A escuridão, embora se acostumasse com ela após algum tempo, às vezes a fazia confundir o estado adormecido com a vigília.

— Estou faminta... — Alexia sussurrou — e com sede.

— Eu também.

— Vamos?

Elizabeth, embora não quisesse, apenas se pôs de pé. Não queria ser o estorvo que estava se habituando. Só então percebeu o frio que estava sentindo, com calafrios delirantes, a respiração cansada e o suor descendo em gotas pela testa e empapando o pescoço. *Estou com febre*. Passou a mão pelo antebraço ferido para sentir, por cima da blusa, a profundidade do corte, rodeado por um inchaço rígido. *Inflamação*.

Quando Alexia atingiu a porta, sondando o lado de fora da vidraça para evitar qualquer surpresa. Elizabeth pediu a Deus em pensamento que as protegesse.

Um lamento fantasmagórico inundava o corredor. Era o vento percorrendo as frestas dos destroços e tubulações e achando-os na escuridão. Ou realmente eram fantasmas dos assassinados pela fera. Caminharam com dificuldade, sem a luz da lanterna, tateando com uma das mãos pela parede gelada e a outra à frente, impedindo que esbarrassem em algo. Elizabeth segurava fortemente a pistola, já com um dedo pronto no gatilho. Qualquer movimento e atiraria sem pensar. Sabia que era inútil desligar a lanterna, a besta provavelmente enxergava no escuro. Mas mesmo assim preferiu não opinar ou assustaria a menina novamente.

— Liza... — A voz trêmula de Alexia sussurrou à sua frente.

— Oi...

— Chegamos...

— Graças a Deus...

Alexia se enfiou no escuro onde Elizabeth mal podia enxergá-la. Apenas ouviu o som de coisas ocas caindo e a porta emperrada.

— Ah, meu Deus, não acredito nisso. — A menina resmungou, perdendo o controle. — Trancaram a porta.

Elizabeth caminhou lentamente, após abandonar a parede, com as mãos percorrendo o ar com o devido cuidado. Até encontrar a companheira. Juntas, forçaram, e forçaram, mas a porta não cedeu.

— Tem que ter um jeito.

Alexia ligou a lanterna e só então puderam enxergar dezenas de corpos desmembrados, com feições gélidas demonstrando a última emoção que viveram. Alguns deles, com mãos que unham a porta, provavelmente pedindo para que abrissem-na.

Elizabeth não conteve a vontade de chorar e tão logo seguia Alexia, desesperadas, rumo ao cômodo em que se encontravam anteriormente. A cada passo, a sensação de que a besta as aguardava no metro escuro em que a lanterna não alcançava. Até mesmo suas respirações ofegantes ecoavam pelos corredores e o barulho dos pés fazia farelos desabarem do teto.

Já no cômodo, Elizabeth se jogou de quatro e gatinhou para os fundos enquanto Alexia teve o devido cuidado de trancar a porta atrás de si. Não tinham agora outra saída a não ser aguardar. E na espera, apenas torcer para que a fome e a sede não as matassem, ou quem sabe a sala desabando. *Tudo menos aquele demônio.*

— Desgraçados, trancaram a porta... — Alexia chegou até onde Elizabeth estava. — Não acredito...

— Estão se protegendo.

— Mas a custa de quantas vidas que bateram naquela porta, Liza? — Alexia perdeu o controle da voz e Elizabeth se arrepiou.

Um tenso momento em silêncio perdurou, deixando-as apenas com os destroços de algum lugar desabando e cobrindo por alguns segundos o lamento do vento pelas frestas do corredor. Tudo isso não era pior que o uivo melancólico e o som daquelas garras que a besta não conseguia recolher.

— Onde você estava antes de me achar? — Elizabeth teve a ideia de conversar para fazer o tempo passar.

— Aqui.

Ela balançou a cabeça e só então percebeu que Alexia não a enxergaria concordando consigo no escuro.

— Todo mundo corria na mesma direção e o lobisomem matava um por um. Quando eu vi essa porta não pensei em outra coisa.

— E se trancou?

— Sim. Eu sou hipócrita.

O silêncio tomou o ambiente novamente, só que por poucos segundos.

— Você estava com medo. — Elizabeth tentou usar uma voz maternal. — Assim como eles. — E quando observou-a, com os olhos voltando a se acostumar com a escuridão, viu apenas a silhueta se apertando, encolhida, no canto da parede, por trás da mesa.

— Assim como a enfermeira que apanha do marido... — Alexia colocou as palavras que lhe serviam como uma amarga lição. Elizabeth preferiu não dizer mais nada. Nos últimos dias, perdia-se fácil nos próprios pensamentos, e, agora, estava neles novamente, pensando na própria mãe, como se Fernanda fosse o seu gatilho.

Não precisamos estar aqui para desejar a morte. A vida lá em cima pode ser muito pior.

E então, enquanto as lágrimas apenas molhavam seus olhos, pois não tinha mais água no corpo, refletiu em cada noite que a besta chegava em casa, muitas vezes bêbada, para devorar a beleza, os sonhos e a vontade de viver de sua mãe. Talvez não retirasse suas tripas ou quebrasse seu pescoço, pois dessa forma lhe daria por fim a liberdade da morte. Ao invés disso, apenas o necessário. Obrigá-la a se ver no espelho, arruinada, usando uma máscara de pó de arroz para que a sociedade não se incomodasse a ouvi-la pedindo socorro era ao seu pai muito mais doce.

Ela era forte, uma pena não saber disso.

— Você está bem? — A voz de Alexia lhe trouxe de volta.

— Sim...

— Por que está gemendo?

Estou?

A silhueta de Alexia se aproximou e sua mão tão logo apalpou-lhe a face.

— Meu Deus, você está pelando em febre.

— Eu vou ficar bem.

— Deite-se aqui, tente dormir.

A jovem a amparou para o assoalho frio, mas as blusas fizeram com que encontrasse um solo mais macio. Para a cabeça, Alexia tratou de deitar ela própria ao lado e ofertar-lhe o próprio braço para trazer algum conforto.

— Venha...

Elizabeth não conseguiu negar.

— Tente descansar. Estamos seguras aqui.

Elizabeth não conseguia deixar de tremer. Quando pensava que estava febril, imediatamente sentia o calafrio percorrendo desde a sola dos pés até a cabeça. E começou a sonhar com bolas de luzes explodindo pela escuridão e rasgando o teto, onde lá fora, via neve e sol, entre gaivotas e helicópteros a despejar homens fardados e mensagens de paz aos sobreviventes do hospital municipal. *Estou delirando*. Sorriu a si própria, a contemplar cada vislumbre, afinal de contas, sequer estava dormindo. Era só fechar os olhos e o corpo era tomado por sensações que faziam-na cogitar que inalara crack sem saber.

O que Carlos teria dito a Joe naquelas alturas?

Observar as figuras que ainda dançavam pela escuridão não impedia que voltasse a pensar na mãe e comparasse a vida dela com a sua própria. E então, percebia-se a mulher mais vadia e ingrata do mundo. *Eu mereço estar aqui*.

Aquele era o momento perfeito para que tudo desabasse. Estava drogada o suficiente por si própria. E essa vontade cresceu juntamente com as alucinações que fizeram Elizabeth se perder tanto que cogitou já estar morta. E o pós-morte nada mais era do que a própria consciência solta no universo.

E aquilo perdurou por horas que mais lhe pareceram segundos. E então Alexia já se via presente e desperta.

— Como não vi isso?

Elizabeth olhou para o lado, surpresa por Alexia estar vendo as mesmas coisas que ela em sua alucinação.

— O teto é de forro de placas de madeira.

Não, não está vendo as mesmas coisas.

A jovem abandonou-a com o devido cuidado e tudo o que Elizabeth viu no escuro foram sombras como num teatro de fantoches onde Alexia empilhava cadeiras em cima da mesa que pertencera algum dia a algum médico local.

Ela acendeu a lanterna e Elizabeth espremeu os olhos para ser surpreendida pela mão de Alexia, em cima de cadeiras que fizera uma escada, a tocar o teto e erguer uma placa de madeira. Os olhos dela aguardavam com satisfação uma opinião de Elizabeth, mas a mesma não conseguia dizer uma só palavra que não fosse ser deturpada por seu delírio de febre.

Então, a menina se jogou pelo buraco e sumiu por ele. Elizabeth torceu com todas as forças que aquilo não fosse outro delírio. Quando tentou levantar-se para

seguí-la, o corpo não obedeceu. Imediatamente o pânico tomou-lhe e então se viu debatendo as pernas. *Vou acordar... Vou acordar...Não acredito...*

Tudo não passava de delírio, sonhos, e de repente teve certeza. *Vou acordar nos escombros novamente.*

Mas tão logo Alexia já a sacudia, levantando-a do chão.

— Vamos. Não podemos desistir!

— Obrigado por não me deixar acordar.

— O que?

Amparou-a para que, molenga, se visse de pé em cima da mesa, e foi subindo vagarosamente pelas cadeiras, sentindo as magras mãos de Alexia lhe dando equilíbrio. E, ao ergueu-se e agarrar-se nas bordas do buraco do teto, a jovem já estava logo atrás, apenas aguardando-a com seus grandes olhos azuis.

— Muito bem.

E quando se viram no forro do teto, Alexia acendeu a lanterna e gatinhou a frente. Elizabeth seguiu-a, não se importando com todo o acúmulo de poeira e teias de aranha que grudavam em sua face e engrossavam seus cabelos já imundos. A cada placa encaixada em vigas transpassadas como jogo da velha que colocava uma das mãos, sentia que se partiria ao meio graças ao próprio peso e desabaria no corredor, onde a besta já estaria aguardando-a.

A luz da lanterna revelou centenas de baratas trafegando pelos cantos, fugindo de aranhas que pulavam como se em bung jump do teto.

Num dado momento, Alexia parou para desencaixar uma placa e observar em que cômodo estavam. Então, voltou a se colocar em movimento. Elizabeth preferiu nada dizer. Sentia-se louca e os pensamentos se materializavam à sua frente.

De repente, os resquícios de luz que rebatiam nas paredes lhe revelaram que Tateava em concreto, mas preferiu não acreditar no que via.

— Estamos em cima do corredor. — Alexia anunciou, sem se preocupar com o volume da voz.

Já estava sem ar, tremia de frio ao mesmo tempo em que via as gotas de suor do rosto despencando nas próprias mãos. Então, desabou. A tontura lhe removeu o estômago e lhe trouxe trancos profundos que a fariam vomitar se tivesse alguma coisa no estômago. Piscou tão lento que teve tempo de ver Alexia voltando em sua busca.

— Hey, vamos. Força.

Pediria para que ela lhe deixasse, mas tão logo tudo escureceu e nada mais viu à sua frente.

Em dado momento, abriu os olhos e viu apenas a escuridão. E fechou-os novamente sentindo descer a saliva amarga pela garganta.

Não soube quanto tempo, e nem lembrou-se dos sonhos, quando abriu os olhos para se ver ainda no forro, percebeu que não morreria ali e odiou-se por isso. Olhou em volta e nada de Alexia. Desejou chorar, mas o desespero fora maior que a água que continha no corpo. Virou-se para voltar a ficar de quatro, mas a mão esquerda nada encontrou que não fosse um buraco abaixo de si.

Alexia caiu.

— Meu Deus... Meu Deus... — Sussurrou para si, se engasgando com a própria tosse.

Os olhos não conseguiam enxergar o fim daquele buraco e não sabia ao certo se queria vê-la destroçada pela besta, olhando para o teto com o mesmo terror dos que se espalhavam pelo corredor.

Foi nesse instante que a lanterna brilhou lá embaixo e queimou seus olhos.

— Liza?

Era Alexia.

O coração disparou em alegria.

— Estou aqui embaixo.

— Você caiu...

— Não, eu descí. Estamos do outro lado da entrada trancada.

Aquela foi a primeira vez que Elizabeth sentiu-se feliz desde que tudo desabou. Embora não estivesse firme o suficiente para descer, deixou que um breve sorriso riscasse o rosto.

— Venha, aqui embaixo tem água.

Ouvir aquilo a encheu de forças. Ainda fitou a silhueta de Alexia subindo numa maca para ajudá-la a colocar os pés na cadeira e por fim se ver livre do forro.

Quando se agachava para descer da maca, não conseguiu conter o impulso e abraçou a pequena Alexia com as poucas forças que lhe restavam.

— Ah, mana...

Ouviu a jovem dizer, deixando escapar um suspiro.

— Quanto tempo fiquei lá?

— Umas cinco horas.

— E você não me abandonou. — Elizabeth soluçou.

— Se a morte for nos encontrar, estaremos juntas.

— E vivas.

— Isso...

Quando se soltaram do abraço, Elizabeth percebeu que não tinha lágrimas para chorar e todo o rosto doía quando tentava, assim como seu antebraço esquerdo, a garganta e a cabeça. Sentia os olhos ressecados e o tremor nas mãos tornara-se um fenômeno comum naqueles dias.

— Quer descansar mais um pouco antes de sairmos para encontrá-los?

— Não. — Elizabeth desceu da maca e caminhou sentindo a cabeça rodar até o filtro na mesinha do canto, revelado pela luz da lanterna de Alexia, bem mais fraca do que antes. Cada passo que deu, sentiu que um terremoto aumentava de nível em seu cérebro.

Foi a água mais agradável de sua vida. Tomou sete copos cheios e sentiu que explodiria. A garganta degustou o alívio de terras secas quando chove e pode perceber o líquido percorrendo por todo o caminho até finalmente chegar ao estômago, que Elizabeth inundou.

Alexia aguardava-a ainda sentada na maca, com um sorriso sincero no rosto e Elizabeth não se importou em perder a postura enquanto bebia, chegando a deixar a água escorrer pelo queixo e cair na blusa.

— Estou pronta... — Disse, esbaforida, retirando a arma da blusa.

Escaparam da sala e se viram novamente no corredor, só que do outro lado da porta trancada, e viam agora através da lanterna de Alexia que móveis e equipamentos de consultório se empilhavam por trás das portas como uma barreira, impedindo que fosse aberta mesmo que a fechadura estourasse.

Embora a fera tenha ficado do outro lado, Elizabeth não se conteve e, com a arma esticada à sua frente, aguardava qualquer movimentação surpresa.

— Por aqui...

Naquele lado do corredor não havia corpos estirados e nem sinais de carnificina pelas paredes. Com cuidado, Alexia abriu a primeira porta e correu a luz da lanterna pelo cômodo. Ninguém.

E foram assim sala por sala, deparando-se apenas com locais quietos, cujas paredes rachadas exibiam a tristeza de um lugar tomado pela desgraça. Tudo quieto.

Até que chegaram numa sala trancada. Na porta, uma placa torta escrito: DIRETORIA. Alexia iluminou a vidraça para que quem quer que fosse que estivesse lá dentro percebesse que eram sobreviventes. Sem respostas, deu três curtas batidas na porta.

Quando virou-se para analisar o restante do corredor com a luz da lanterna, uma figura acinzentada já estava a um metro. Alexia deu um grito estridente que

ecoou corredor afora, Elizabeth tremulou no próprio eixo e apertou o gatilho uma, duas, três vezes, mas nenhum tiro saiu. Então, pôs-se a berrar.

— Calma, calma! — Era Bob.

Juntamente a ele, Walter, três desconhecidos e Letícia.

— Por que chegou assim, cara? — Alexia ainda não media o volume da voz, arcada, sem ar, com a mão no peito.

A arma ainda tremia na mão de Elizabeth e quase vomitava a água que acabara de beber.

— Pensamos que seria alguém da sala. — Os olhos de Bob estavam ágeis. Em cada mão trazia uma sacola de suprimentos. Walter quem segurava a lanterna e outros desconhecidos ajudavam com outros sacos.

— Você está bem, querida? — Letícia veio até ela, com os olhos espremidos e o rosto sujo de poeira. Nunca vira seus cabelos ruivos tão maltratados. E lhe abraçou. — Que bom te ver viva. Você está quente.

— Ela está com febre... — Alexia ainda tentava recuperar-se do susto.

— Vamos entrar e resolver isso. — Bob adiantou-se para a porta trancada.

Walter tomou a frente de Elizabeth, fechando sua intenção de chegar até o abrigo.

— E você me dê isso. — Pegou a pistola de suas mãos, que ainda agradecia a Deus por não ter funcionado ou explodiria a cabeça de Bob — Você não tem psicológico pra usar isso. Poderia ter nos matado.

E deu-lhe as costas como se ela nunca significasse nada pra ele, ou seja, estava sendo totalmente sincero naquele instante. O último instante em que os olhos dele observaram-na deixou claro que tratava-se de um julgamento quase que como diagnóstico e Elizabeth demorou para afastar a ideia de que ele não simplesmente falava isso por causa dos apertões no gatilho, mas levando em conta sua vida desgraçada, de atos impulsivos, que faziam-na parecer uma louca qualquer. Envergonhada, apenas deu uma última olhada entorpecida de tristeza para Alexia, enquanto Letícia ainda roçava a mão pelo seu cabelo sujo e lhe amparava num abraço acolhedor.

Embora a recepção ruim, não queria permitir que suas emoções ditassem o ritmo. Ensaiou a melhor feição, mesmo febril, e graças a uma lamparina amarela na mesa aos fundos, pode ver as várias sombras se levantando do chão da sala quando Bob chegou anunciando.

— Temos novos sobreviventes!

CAPÍTULO 5

O banheiro era apertado, embora Bob não percebesse, fumando seu cigarro e empestecendo o lugar de fumaça. Elizabeth sentava-se na privada, com o braço ferido apoiado na pia, onde uma vela tinha a missão de clarear o ambiente. Walter fazia o curativo, após limpar seu braço, esterilizar e dar os pontos. Elizabeth precisou morder uma toalha para não gritar de dor.

E o médico fizera tudo sem qualquer demonstração de afeto, nem ao menos olhava-a nos olhos quando precisava perguntar qualquer coisa sobre sua saúde. Olhá-lo, disfarçadamente, para contemplar a beleza de seus traços másculos, embora o cabelo estivesse empastado de barro duro e a barba toda desgrenhada, fazia-a se perder em si mesma e a vontade de beijá-lo fazia-a se arrepiar. Mas Walter estava tão distante como cada sobrevivente do mundo lá fora.

Aquilo a feria, intimamente, e não sabia convencer a si própria de desistir dele. Pegou-se imaginando como isso seria possível e se sofreria por ele até o último dia de vida e, nos últimos segundos dela, estaria criando em sua cabeça as cenas que poderiam ter vivido juntos.

Momentos atrás, Alexia a sacudira no sofá, onde adormecera profundamente após Bob ter lhe entupido de remédios para combater a inflamação e a febre. A jovem estava mais estressada do que a princípio e Elizabeth notou nela forte dificuldade em conviver com outras pessoas.

— O babaca está te chamando para fazer seus curativos. — Foi tudo o que ela disse, antes de se perder em um dos cantos do cômodo.

E então, Elizabeth despertou, juntamente com a esperança de uma conversa com o homem o qual julgava amar.

— Precisamos chegar até o depósito de clorofórmio. — Bob recitou, após encher o ar de fumaça. — Com clorofórmio, poderemos colocar aquele demônio pra dormir e só então teremos como matá-lo.

— Nem os tiros da pistola de Patrick adiantaram, quanto mais clorofórmio.

— Eu o vi de perto. Seu corpo tem músculos muito rígidos e boa parte coberto de pelos grossos. Além do mais, estava escuro, Patrick sequer deve ter acertado o alvo.

— Temos preocupações mais importantes. Comida. E agora temos mais bocas para alimentar. — Walter tocou no assunto sem se importar com a presença de Elizabeth, que era inclusive uma das bocas a qual ele se referia.

Ela ergueu os olhos para Bob, que a observava com um olhar de não se importar com ele. Lutou contra a vontade de pedir-lhe um cigarro. Não queria incomodar ainda mais já que era mais uma boca a ser alimentada e estava utilizando gratuitamente os serviços de Walter. Além do mais, já bastava ser tratada como fora por ele quando chegara.

Mas um cigarro seria muito bem vindo para lhe trazer a calma que sentira dias atrás e Bob era um cara legal para isso. Mas era melhor guardar a vontade para si já que o homem que domava seus pensamentos e vontades estava ali para abater-lhe com palavras ríspidas sempre que se fizesse presente.

Odiou-se por ser dependente de Walter mesmo com tudo o que já brilhava à sua frente como prova de que ele a matava aos poucos. E não compreendia do fundo do coração como era possível um homem que adorava machucá-la, não só em palavras, mas também no sexo, conseguir conquistar seu coração a tal ponto.

Quando ele acabou, deu dois tapas no ombro dela e apenas disse.

— Pode ir.

E ela levantou-se e saiu do banheiro. Não agradeceu, sequer olhou para ele. Talvez fosse dessa forma que ele preferisse. E era sempre quando a via se distanciando que corria atrás. *Então, que assim seja.*

Ao escapar do banheiro esfumaçado por Bob e empestado por Walter, deparou-se com a sala inundada pela luz amarelada da lamparina de óleo e pelo cheiro de sopa rala. Os sobreviventes, amarronzados por sujeira, sangue, suor e lágrimas, comiam em pequenos pratos plásticos. Elizabeth percebeu em meio a sons de talheres e bocas a sugar a sopa, apenas algumas vozes trocando conversas e choros sufocados.

— Coma um pouco, querida. — Lúcia lhe estendeu uma cuia cheia da sopa que esfumaçava.

— Obrigado... — Lhe sussurrou, mas as palavras mal escaparam de sua boca.

Olhou em volta e então achou Alexia no canto ao lado da porta, também matando a fome. E foi para lá que se dirigiu, tomando o devido cuidado de desviar-se dos que dormiam pelo chão.

— Você está tão quietinha desde que chegou. — Elizabeth puxou conversa, assim que se acomodou ao seu lado.

Alexia suspirou profundamente.

— A vida às vezes é uma bosta.

Elizabeth permaneceu observando-a como se esperasse que a Alexia lutadora retornasse.

— Tenho muitas dívidas lá em cima, Liza. Não posso morrer aqui.

— Você está soterrada no hospital municipal e pensando em dívidas, Alexia?

— Quem me dera fosse dívidas financeiras.

Estavam a uma distancia segura para conversarem sem serem ouvidas. Alexia observou o chão tomado por sombras que dançavam como se buscasse nele as palavras que precisava.

— Eu briguei com meu pai há alguns meses.

— Quer falar sobre isso?

Ela contorceu o lábio e Elizabeth derrubou seus olhos para o prato dela para notar que sequer tocara na comida. E estivera todo o caminho até ali reclamando de fome.

— Minha mãe separou-se do meu pai quando eu era bem novinha e sempre criou obstáculos para que eu tivesse uma relação boa com ele. — Seus olhos encheram-se. — Apesar de tudo, ele sempre foi presente. Me tratava como princesa. Foi a minha principal influência nas músicas que gosto de compor.

Elizabeth preferiu não tecer comentários, apenas refletiu como era ter pais separados e, mais do que isso, um pai bom.

— Mas eu sempre tive um ranço estranho por ele que eu não sabia de onde vinha e agora percebo o quanto minha mãe me influenciou a isso.

Silhuetas caminharam ao lado e ela preferiu dar uma pausa antes de continuar.

— Eu o vi pela última vez duas semanas atrás. — Seus olhos se encheram e ela umedeceu os lábios antes de continuar. — Ele estava desempregado, mais magro, mais velho, mais arcado. Seus olhos exibiam cansaço e ele veio me dar satisfação do porquê não estarmos nos vendo como antigamente. E me contou sobre sua falência financeira. Eu sentia saudade, mas era sempre um sentimento ruim que vinha junto, como se ele não se importasse comigo. E teria sido tudo tranquilo se o seu principal motivo por ter vindo foi por ficar sabendo que eu estava namorando com o guitarrista de uma banda que ele ouviu boatos.

Elizabeth balançou a cabeça, observando-a profundamente.

— Eu estava mesmo. E ele veio me encher de sermões. Disse que o menino usava drogas, que não me queria caindo por esses caminhos, que já sabia que estava usando maconha, que tinha saído da casa da minha mãe, e mais um monte de coisas. Discutimos. Não de trocar ideia como pai e filha, mas de gritar. Eu sai de mim, disse coisas a ele que mais me machucaram do que a ele próprio. Falei que não precisava dele agora que estava me tornando independente, falei que ele nunca foi presente como deveria, que a vida estava devolvendo a ele agora as coisas que

ele plantou e era um frustrado. Disse que sequer usava seu sobrenome em minhas redes sociais porque tinha vergonha dele.

Pesadas lágrimas rasgaram o rosto de Alexia.

— E ele?

— Chorou e disse que já que causava tanta coisa ruim em mim, sumiria de vez pra me deixar em paz. — Soluços escaparam da alma de Alexia. — E foi o que fez.

— E não era o que você queria?

— Não...

Elas permaneceram em silêncio por segundos onde apenas se fez ouvir os sobreviventes se alimentando ao fundo.

— Ele estava certo. O menino só pensava em drogas, começou a insistir pra eu cheirar com ele e, fadidamente, minha mãe adoeceu depois que saí de casa. Ele estava preocupado, aliás, com minha mãe que sempre desejou o mal pra ele. — Suspirou longa e profundamente. — Eu não devia ter falado tudo aquilo pra ele, Liza. Deveria ter ficado quieta e o ouvido falar, mas estava ferida e sob pressão. A aventura com o guitarrista da banda era a única coisa emocionante e legal que havia acontecido na minha vida.

— Eu te compreendo...

Alexia finalmente observou-a com os olhos e nariz já vermelhos.

— Eu só queria uma chance pra consertar tudo, mas eu sei que não é o fato de estar aqui embaixo que me faz querer isso. Eu já queria bem antes, quando estava tudo bem. Mas assim como aqui embaixo, meu ego e todas as coisas que coloco à frente na minha vida me impediram. — Ela refletiu — As coisas da minha vida, o meu ego, enfim... São como esses destroços acima de nossas cabeças. — Seus olhos caíram para a comida já fria. — Eu só queria uma chance pra consertar tudo.

Elizabeth balançou a cabeça e teve empatia por ela. Conhecia a sua dor.

— Eu também.

Silhuetas perambularam pelo cômodo e de algum lugar da escuridão a voz enjoativa de Juliana reclamou de tédio.

— Olha, eu sei que esse Walter é o cara que você comentou uma vez comigo. Não tenho nada com a sua vida, mas não gostei dele, não gostei da forma que ele te tratou quando chegamos e nem de vê-la da forma que ficou. Você pode me dizer o que for.

— Eu sei, Alexia. Embora eu não mande nos meus sentimentos, eu sei que devo evitá-lo.

— Ainda bem que sabe.

O silêncio perdurou enquanto uma sombra passava por elas.

— Preciso te falar sobre algo que o vi comentando com Bob, eles não sabiam que eu estava no banheiro.

O coração de Elizabeth acelerou da forma que não gostava e ela esperou pelo pior.

— Walter disse com essas palavras. Se Letícia se ferir, ela que morra. Não temos equipamento nenhum aqui, sequer objetos de necessidade que me protejam. Eu não vou me arriscar botando a mão numa portadora de AIDS.

Os olhos de Elizabeth correram pelo resto da sala, pelas silhuetas reveladas pela fraca luz de uma vela na mesa do centro. Não viu Letícia em lugar algum, apenas o cochicho de Juliana se perdendo no escuro. Sua voz irritante era única.

A cabeça foi pousando em uma coisa de cada vez porque era impossível digerir tudo o que Alexia lhe passara. *Como um monstro desses pode ser médico?* Ela balançou a cabeça, irritada, imaginando o filhinho de papai que por muitas vezes faltou na faculdade pra encher a cara ao invés de seguir o caminho que fora feito para trilhar. Uma faculdade que era o sonho de consumo de inúmeras pessoas cujo coração ardia por estender a mão aos necessitados.

Pensar demais muitas vezes lhe causava ranço e era tudo o que ela precisava para se ver livre de Walter.

— Se ao menos fosse um desinformado eu compreenderia, mas um médico vomitando uma frase dessas?

A segunda, e que de certa forma fez Elizabeth sentir-se mal por se colocar como juíza de uma pessoa - *Quantas pessoas Letícia não infectou nas centenas de vezes que transara no próprio ambiente de trabalho?*

Letícia era linda, sem dúvidas, e ninguém cogitaria a situação. Afinal de contas, a medicina evoluíra para tal. Mas Elizabeth não conseguia negar as infinitas possibilidades de um sexo sem proteção por aquela pessoa movida ao desejo carnal. Sem contar que era adepta a todo tipo de drogas que colocassem à sua frente. *Pobres rapazes movidos a orgasmos.*

Elizabeth se perdera tanto em pensamentos repetitivos e cada vez mais profundos que, quando se dera conta, Alexia já estava dura ao lado, com a respiração pesada e roncando.

Fechou os olhos para descansar também e o remédio permitiu que encontrasse a paz que precisava. Em seus sonhos, onde fugia de alguém em uma noite de lua cheia em floresta fechada, podia sentir-se infinitamente melhor. E quando se viu refletida na água de um rio, tinha apenas sete anos. Então,

consciente de que era capaz, começou a flutuar entre os cipós, bambuzais e flores que escondiam insetos e ninhos de animais silvestres. Flutuou bem próxima da água do riacho, onde os peixes paravam suas rotas para observá-la passar como uma espécie de assombração ou espírito da floresta.

Acordou com o som de passos e quando forçou os olhos, notou Bob e Lúcia.

— Dorminhoca. — Lúcia lhe provocou com carinho. — Está bem?

— Sim. — Lhe sussurrou timidamente. — Aonde vocês vão?

— Vamos ver se o gerador de energia não foi soterrado.

— Posso ir com vocês?

— Tem certeza que não quer descansar? — Bob agachou-se bem perto para não precisar incomodar com sua voz de palhaço os que dormiam. — Embora o bicho esteja pra lá do portão, isso aqui está um caos.

— Eu vou morrer de qualquer jeito se tudo desabar de vez. — Elizabeth se levantou com dificuldade e deparou-se com o sorriso de Lúcia que parecia enxergar sua alma por trás de toda aquela sujeira.

Nesse instante, Walter passou logo atrás de Bob, acompanhado de Juliana, Mariana, que chorava copiosamente, e um rapaz magrelo e de óculos fundo de garrafa que ela nunca vira antes.

— Vamos procurar por água em algum cômodo. — Ele anunciou, escapando pela porta. Elizabeth cogitou lhe dizer que havia um galão na sala ao lado da entrada trancafiada, mas a garganta fechou-se inconscientemente, protegendo-a.

Não esperava que fosse se arrepender tanto da ideia de acompanhar Bob e Lúcia quando se viu novamente no corredor.

— Fique tranquila, — Bob fez a lanterna clarear o caminho — não tem como nos depararmos com o capiroto de quatro patas, já trancamos todas as passagens disponíveis.

Bob conhecia os caminhos do hospital muito melhor que ela. Era um rapaz popular típico de quem tem o seu carisma. Pessoas que o chamavam para churrascos de feriados não eram só do andar em que pertencia sua área de trabalho, mas de quase todos os andares do prédio. Portanto, estava habituado a trafegar por qualquer lugar dali.

— Não estamos longe.

— Tomara que dê certo. — Lúcia se coçou — Eu preciso muito de um banho.

— Tenho uma mochila com comida na minha sala e é bem ao lado do gerador. Vou aproveitar pra pegar.

Baratas escapavam em cascata de uma rachadura da parede e Elizabeth apenas observou como se fosse uma coisa comum. Em outros tempos, Lúcia teria gritado freneticamente.

— Certas coisas perdem o poder quando você se preocupa com outras maiores. — A amiga crocitou, continuando sua caminhada sem perder o reboado de suas ancas largas. Elizabeth sorriu pra ela.

— Aqui — Bob segurou a lanterna na direção de uma portinhola de metal. Em seguida, mordeu os lábios para reunir a força necessária para puxá-la. O aço rangeu até ceder e um vento cortante adentrou o corredor, trazendo consigo o som do lamentar do vento.

Ele entregou a lanterna para Elizabeth que continuou a apontá-la para a parte de dentro onde a portinhola negara antes passagem. Um cubículo tomado pelo emaranhado de concretos em blocos, madeiras e areia. Ele enfiou o braço por uma fresta, ainda com a cabeça para a fora, e foi arrancando do caminho, mesmo sem ver, qualquer obstáculo que se opunha ao seu objetivo. Até que um sorriso alarmou que encontrara o que procurava.

— Ótimo! — E arrancou o braço, ainda mais sujo, do entulho.

Imediatamente, as lâmpadas do corredor piscaram, mas apenas algumas se acenderam, dando-lhes uma fraca luz que pouco era superior às velas do cômodo onde os sobreviventes se reuniam. Três ratos assustados escaparam de uma sala e fugiram.

Elizabeth sentiu-se aliviada, embora a pouca luz lhes revelasse ainda mais o mundo caótico que agora se encontravam. Desligou a lanterna e devolveu-a a Bob.

— Pelo menos agora o capiroto será visto a mais de um metro. — Ele bateu as mãos no bolso e encontrou seu maço de cigarros. — Mereço um prêmio. — Após enfiar um na boca, estendeu para Elizabeth.

Era tudo o que queria e precisava. E tinha certeza que após aquilo conseguiria descansar como queria. Pegou.

— Que isso, Liza? — A voz de Lúcia estava carregada de descrença. — O que você está fazendo?

— Han?

— Cigarro? Você não era assim!

— E também não era uma soterrada. — Bob resmungou enquanto acendia o seu.

— Pagando de adolescente com essa idade, Liza?

— Eu só quero ficar mais calma.

— E você já não está calma?

— Por dentro não.

— Qual é, Lúcia? — Bob se colocou entre as duas. — Ela não está cometendo um crime. Estamos todos fodidos.

Lúcia balançou a cabeça negativamente enquanto Elizabeth se dividia entre acender o cigarro e devolvê-lo.

— Vamos até a minha sala?

Mas Lúcia não o respondeu. Ao invés disso, virou-lhes as costas.

— Se matem como quiserem. Eu estou fora.

Observaram Lúcia partindo pelo corredor, bamboleando como sempre e com a cabeça empinada.

— O que deu nela?

Elizabeth suspirou e nesse segundo pensou mil vezes se deveria ou não desabafar o ranço que às vezes Lúcia lhe causava.

— Lúcia é uma boa amiga nas horas ruins... E somente isso.

Bob a encarou com a boca semiaberta, como se não tivesse compreendido.

— Não sei o que acontece. Quando me reergo de algo ela se torna insuportável como se enxergasse em mim uma oportunidade de me fazer melhor. O problema é que não reconhece quando de fato dou essa liberdade para me tornar uma pessoa melhor.

— Viciada em opinar. Um mal muito comum na sociedade atual.

— Bob, juro, às vezes eu tenho vontade de matá-la.

Ele riu.

— Acalme-se. — E quando Elizabeth o fitou, ele lhe estendia o isqueiro. — Fuma antes que mate a Lúcia.

Tomaram o caminho que Bob indicou pelos corredores semi-iluminados. Algumas paredes exibiam pequenas rachaduras e o teto permitira que lascas de tinta seca se espatifassem pelo chão. Baratas e ratos corriam de um lado a outro, ainda desesperados. Objetos se espalhavam por toda a parte, deixando claro que pessoas tentaram escapar dali. *Mal sabiam que seria um dos únicos lugares intactos.*

A cada novo caminho que precisavam virar, Bob sondava antes, para ter certeza que a fera não encontrara um trajeto ou alguma parede desabada que lhe desse passagem. Elizabeth percebeu que por onde caminhavam, o teto não era de forro. Imediatamente, convenceu-se de que o melhor caminho caso fossem surpreendidos pela besta era correr com todas as forças para o lado contrário.

Então, se depararam com um novo corredor, totalmente tomado pelo breu. As luzes dali, assim como tantas outras, não tiveram contato ou energia suficiente que as acendesse. Aliás, algumas haviam se espatifado no chão.

— Tem certeza? — Ela sentiu que seus pés colaram no solo em rebeldia.

— É isso ou morreremos de fome, Liza. — Bob fez careta e de repente ela lembrou-se de Walter tratando-a como uma boca a mais para alimentar. Ao menos, se ajudasse o radiografista a encontrar novos alimentos, comeria com a dignidade intacta e sem precisar dar explicações ao médico. — E eu ainda planejava checar o armazém do setor privado.

— Vamos. — Elizabeth tomou a frente. — É isso.

Imaginou Bob surpreso às suas costas e mais tarde contando isso a Walter.

Novamente precisaram da luz da lanterna e o medo de serem surpreendidos retornava para molestar o coração. O som dos ratos correndo arrepiou-lhe a coluna e torceu com todas as forças que aquilo acabasse logo ou entraria em pânico. *Respira, Elizabeth, respira...* E sua respiração saía aos trancos, barulhenta, obviamente alarmando a presença de uma pobre mulher amedrontada e indefesa.

— Por aqui. — Bob escorregou para dentro de sua antiga sala de Radiografia.

Elizabeth seguiu-o, se deparando com um ambiente escuro, cheio de máquinas de todos os formatos e tamanhos. Nas paredes, papéis pregados em meio a receitas e lembretes coloridos acima de livros empilhados e caixas de remédios. E um esqueleto de pé. Elizabeth não conseguiu conter o grito. Tropeçou no próprio pé e se esbarrou na mesa atrás de si, fazendo com que vidros de remédios se espatifassem pelo chão. Nada mais fez que não fosse enfiar as mãos espalmadas no próprio rosto e segurar o choro.

Bob a encarou com os olhos arregalados, tão assustados quanto ela. Fez sinal para que se abaixassem e foi o que ela fez. Tremia, mas conseguia controlar a vontade de chorar.

— Fique tranquila. — Bob se aproximou, gatinhando. — É só o Nicão.

Elizabeth ria, mas o soar das unhas da besta no assoalho de algum corredor distante acompanhando o eco do seu grito a assombrou.

— Céus... — Bob suspirou e ela notou seus olhos de terror na escuridão.

Permaneceram intactos por tempo suficiente até que Bob conseguisse coragem o bastante para ligar a lanterna. Elizabeth desejou com todas as forças da alma pedir que ele desligasse, mas a voz não conseguia sair da garganta. Arrastou-se para o outro lado da sala, o mais distante possível da porta que jurava que se abriria num estrondo no segundo seguinte e então veriam o demônio do quarto 102.

Em algum lugar, um novo ecoar de desabamento, acompanhado do esfarelar de parede e terra. Olhou em volta e torceu para que o teto não desabasse.

Bob remexia papéis na gaveta. Nas suas costas, uma mochila de couro preto onde julgou estar a refeição que ele alegara.

— Bob, pelo amor de Deus, você está procurando papéis?

O radiografista parou de repente e fitou o nada, como se refletisse na besteira que fazia. Então, voltou sua cabeça na escuridão para onde julgava que Elizabeth estaria.

— Cadê você?

Ela ergueu os braços e o balançou até que a luz da lanterna de Bob a encontrou. Ele imediatamente agachou-se e veio até ela de um jeito estranho o qual Elizabeth nunca imaginou que o veria.

— Olha, me sinto horrível por isso e às vezes confesso que sou meio retardado.

— O que houve?

— Eu preciso que você me dê uma luz. Eu não sei se já estou louco com tudo isso.

Elizabeth aguardou que ele terminasse enquanto o radiologista observava a porta com o mesmo terror que a perturbou momentos atrás e fez com que cogitasse o que ele pensava.

— É que não sei se é um bom momento, eu deveria ter entregado isso à Mariana antes de tudo acontecer. — Elizabeth olhou para baixo para contemplar uma pasta de papel branco que ele estendia.

— Você quer que eu leia um documento agora?

— Oras, não. — Bob se atrapalhou, embaraçado, enquanto voltava a colocar a pasta debaixo do braço.

Elizabeth aguardou que ele desembuchasse.

— Me sinto horrível por não saber como agir num momento desses. É que preciso dar uma notícia à Mariana. Mas...

— Estamos numa sala de radiografia, Bob. Eu já cogito o que você está tentando me dizer.

— Sim...

Elizabeth não completou, apenas aguardou-o.

— Mariana está com câncer terminal.

— E você cogita levar a ela o resultado.

Bob baixou os olhos e fitou o chão, envergonhado. Elizabeth não viu maldade alguma nele. Só era um homem sem problemas. Tão acostumado a dias tranquilos que, como uma formiga, não sabia como reagir quando um obstáculo pousava em seu caminho.

— Se precisa de uma opinião de alguém que julga saber como funcionam as emoções de uma pessoa é só se colocar no lugar da própria pessoa.

— E é o que eu desejaria.

Elizabeth aguardou que ele finalizasse.

— Saber que estou lutando por uma vida que já está no seu fim.

Apesar de tristes, aquelas palavras pareceram soar com uma naturalidade psicopata.

— Ela já tem muito com o que se preocupar, Bob. — Elizabeth foi mais tranquila do que esperava ser, embora a imagem de Mariana chorando copiosamente enquanto saía com Walter e os outros para procurar por água lhe tomasse a mente repentinamente. — A ignorância às vezes é uma benção.

O radiografista refletiu por longos segundos, até que pareceu ter compreendido. Retirou a pasta do meio dos pertences restantes e largou-a no assoalho.

— Eu não sei o porquê cogitei levar isso a ela no meio desse caos. Nos últimos dias, seria uma rotina. — Parou por um instante, buscando as melhores palavras. — Parece que estou programado para nunca parar de trabalhar. Aqui, debaixo da terra, com essa criatura matando todo mundo, minha cabeça fica me lembrando que tempo é dinheiro.

Elizabeth balançou a cabeça, suspirando.

— Sinto muito...

Bob lhe retribuiu um sorriso triste que ela esforçou-se para distinguir no escuro. E então se levantaram. Bob clareou o assoalho até atingirem a porta. Onde, com o estômago a se revirar, precisou rezar em pensamento para enfim se ver solta no corredor, à mostra, disponível, à disposição. Correu com todas as forças até o outro lado, seguindo o desesperado Bob, que dobrou para a direita e em seguida para a esquerda. A cada virada, Elizabeth se preparava para um novo susto. De forma estranha, se surpreendia a cada segundo que ainda respirava viva.

E então atingiram um dos refeitórios. Entraram sem pudor. Mesas se espalhavam e Elizabeth não conseguiu distinguir tanta coisa a mais no cenário devido à escuridão. Apenas seguiu-o, confiando que Deus guardaria seus passos.

— Céus...

O resmungo de Bob a arrepiou.

Levantou os olhos e por fim reconheceu o terror que a luz da lanterna lhe revelava. O teto estava todo trincando, desabando terra em finas cascatas, e à esquerda a parede já havia desabado e destroços inundavam o aposento.

— Vamos voltar, está muito arriscado.

Era tudo o que Elizabeth mais desejava. Porém, a fome lhe transpassava. Saber que metros adiante encontrariam todo o armazém para o setor público lhe conquistava o coração. Mas, de fato, todo o local estava esfarelando. A lembrança de quando tudo desabou lhe perturbou repentinamente. O coração acelerou desesperado como se ameaçasse fugir antes que ela tomasse atitude, e então resolveu aceitar.

Deram meia volta e Elizabeth teve a impressão de que as cascatas de terra engrossaram conforme ouviam seus passos. Escaparam para fora e ela ergueu os olhos quando a luz de Bob analisou o teto. Todo rachado. E o corredor inteiro se via em estado caótico.

— Meu Deus... — Bob apressou o passo.

Elizabeth não soube decidir em sua cabeça se preferia morrer despedaçada pela besta ou soterrada. *O que for mais rápido.*

Quanto mais corriam, mais farelos despencavam do teto. Quanto mais farelos despencavam do teto, menos se importavam de não fazer barulho com os pés. E com isso, a cada passo, Elizabeth tinha a impressão de estar sendo seguida e, de forma aterrorizante e sem explicação, a criatura conhecia os caminhos do hospital melhor que eles próprios.

Quando se deu conta, Bob corria com todas as forças e Elizabeth ia ficando para trás como num pesadelo. Mal podia ver os obstáculos em seu caminho e, de repente, chocou-se com uma maca. O ferro bateu em sua cintura e ela desabou, escorregando pelo assoalho.

— Inferno...

O peito, virado para cima, foi se enchendo de terra e de repente a respiração se preparava para receber todo o peso do prédio em seu corpo. Sentiu os pés se cobrindo com os farelos e a sujeira que já lambuzava a sua face. Foi nesse instante que Bob a agarrou pelo braço e a arrastou pelo chão, apavorado.

Por resquícios da visão acostumada percebia silhuetas de objetos pelo caminho, as lâmpadas apagadas passando no teto e as portas que Bob se esbarrava para ultrapassar em desespero. Fazia mais barulho do que deveria. Naquelas alturas, o medo de ser soterrado era maior que mil bestas.

Foi então que percebeu-se no corredor do aposento em que o restante se encontrava, ainda sendo arrastada por Bob que, sem qualquer delicadeza, a largou

ainda em movimento. Elizabeth rolou escuridão adentro e foi se chocar com a parede, muito longe de onde percebia a luz da lanterna.

— Elizabeth! — A voz de Bob revelou que o homem se engasgava com o próprio choro. — Aqui! — Balançou a lanterna.

O medo da morte foi o combustível necessário para fazê-la se levantar do assoalho e se atirar pelo corredor na direção da lanterna, cogitando que a boca da criatura já quase a alcançava. E então se esbarrou com o umbral direito da porta, rodopiou no próprio eixo e desabou no chão, mas já dentro do aposento, debaixo do olhar de todos os desesperados sobreviventes que os aguardavam.

As chaves do desesperado Bob tilintaram atrás de si na dificuldade para fechar a porta. Apesar da fera não ter aparecido em momento algum, apenas imaginá-la já causava assombro. Elizabeth não se levantou, preferiu ficar estirada no chão gelado, coberta pelo próprio suor e lambuzada da terra que empoeirou seu corpo. Por pouco, e bem pouco, estaria morta. Quando se remexeu para observar Bob, percebeu que só se via nele os olhos, estava todo preto de terra. Imaginou como deveria estar ela própria. Só então a dor do choque com a maca trincou no osso da cintura e a sensação emotiva da morte lhe tragou. Desatou a chorar, descontroladamente, porém, sem barulhos, embora ecoasse pelos corredores o desabamento do local onde se encontravam anteriormente.

CAPÍTULO 6

— O que está acontecendo? — A voz de Walter sussurrou na escuridão e então Elizabeth ouviu Bob lhe responder.

— Consegui energia para alguns locais. — O radiografista estava rouco e havia tremor em sua voz. — Gerador. Esse corredor deve estar com a fiação danificada pelo desabamento.

Elizabeth abriu os olhos para observar sombras que caminhavam pela sala em busca do corredor fora do cômodo. Outros, pelos cantos, choravam, com as mãos no rosto.

— Eu não vou lá, eu não vou lá... — Negavam o banho, apavorados.

Não julgava-os. Era aquele mesmo sentimento que imperava em seu coração. Sentia que um homem pesado e invisível mantinha cada um dos seus membros presos no solo, a sussurrar em seu ouvido.

— Você também não vai lá, você também não vai...

No lado onde se prontificava a porta do banheiro, uma bacia de água servia para que alguns se limpassem molhando panos e os esfregando no próprio corpo.

— Isso vai dar merda, Bob. Isso aqui está caindo.

Nada se ouviu de Bob e talvez isso tenha ajudado Walter a perder a paciência.

— Será que um banho é mais importante que nossas vidas?

— Você acha que eu arrisquei minha vida pensando num banho? — Bob fez um chiar com a boca de quem está expelindo fumaça. — Boa parte dos corredores agora ao menos tem luz.

— E essa movimentação?

— Eu quero que eles se fodam.

— Pois se eles se foderem você está no mesmo barco.

— Calma, gente. — A voz de Lúcia soou — Não adianta nos perdermos agora. Se nos organizarmos...

— E comida? — Walter a interrompeu.

Na falta de resposta de Bob, Walter bufou. Em seguida, a passos duros, foi até a porta e impediu que os demais saíssem.

— Vamos organizar isso aqui, tá legal? — Elizabeth fechou os olhos para não vê-lo, mas sua voz ainda lhe remoia e não deveria fechar os ouvidos para não

parecer ridícula. — Assim que os demais voltarem, vocês vão.

— Liza? — A voz de Bob estava mais próxima do que ela supunha.

Ela abriu os olhos e os ergueu para se ver coberta por Lúcia, que se arcou acima dela e a cobriu com um abraço. Só então Elizabeth percebeu que estava tendo espasmos involuntários.

— Fique calma... — A voz da amiga sussurrou em seu ouvido, mas não impediu que Elizabeth ainda desejasse matá-la por entretenimento.

— Toma, Liza. — Bob colocou na palma de sua mão um cigarro e fechou seus dedos ao redor do objeto. — Fuma comigo. Fique calma.

Lúcia ergueu-a do solo com facilidade e acomodou-a encostada na parede. Seus olhos pousaram na amiga, que lhe exibiu um sorriso, como se Elizabeth precisasse de sua aprovação para fazer o que lhe desse na telha.

— Fuma com ele, amiga. Eu entendo.

Elizabeth derrubou os olhos para o cigarro na mão para perceber que sequer tinha coordenação para segurar o objeto.

— Só prometa a mim que não vai viciar nessa porcaria.

Mas mesmo que quisesse, não conseguia responde-la. As palavras de Lúcia passavam pelo seu corpo como vento e, por um instante, Elizabeth temeu estar morrendo.

De repente, outra sombra se fez presente. Elizabeth ergueu os olhos para se deparar com Mariana, que empurrava um senhor numa cadeira de rodas.

— Minha cabeça vai explodir... — Ela resmungou para Letícia e imediatamente Elizabeth pousou seus pensamentos no Raio-X o qual Bob lhe contara.

Letícia abandonou o curativo que fazia em alguém do chão e se prontificou para tomar posse da cadeira de rodas.

— Deixa comigo, amiga. Vá descansar.

Uma segunda cadeira de rodas veio do escuro, trazendo acomodado um senhor caucasiano e com uma calvície que tomava toda a cabeça, mantendo nela somente um cavanhaque branco que parecia ser a única coisa limpa naquele ambiente. Às suas costas, Juliana conduzia-o, com seus grandes olhos azuis que brilhavam como faróis a fitar Mariana, já desabada no canto escondido da sala.

Elizabeth observou Bob, que lhe retribuiu, e pode ler em seus olhos que, da mesma forma, a única coisa que poderia fazer era torcer para que tudo acabasse logo e Mariana pudesse começar o tratamento que ainda não sabia.

— Vocês dois... — A voz rouca do senhor na cadeira de rodas que Juliana conduzia os trouxe de volta. — Vocês são heróis. Muito obrigado.

Bob lhe acenou com a mão que não segurava o fumo.

— O senhor é o primeiro que nos agradece. — Elizabeth percebeu as notas melancólicas na voz do radiografista.

Quando deu por si, na outra mão, um isqueiro aguardava para ser usado. Acendeu o cigarro na boca e só então percebeu que não retribuira o senhor educado da cadeira de rodas.

Acompanhou-o apenas com os olhos, escapando pela porta onde Walter se posicionava como um guarda. E então, seus olhos se cruzaram. E o médico demonstrou sua feição de nojo quando Elizabeth tragou e soltou a fumaça no ar.

E se viu munida do equilíbrio que precisava. *Quero que você se foda.*

Deu outro trago e observou Mariana mais uma vez, umedecendo os lábios e deixando que o que quer que aquela fumaça tivesse, lhe invadissem e lhe trouxesse a cura emocional que necessitava para o momento.

Meu Deus, eu me sinto tão bem.

Era libertador se ver livre de Walter. Ele representava tudo o que em sua vida se estirava ao chão, soterrando-a, e ter o controle disso lhe era surreal. E podia observá-la, com o nojo que quisesse, não se importava. Aquela porcaria de cigarro lhe deixava imune do encanto de seu veneno. Enquanto aquela fumaça trafegasse pelas suas entranhas, estaria bem.

Por um breve instante, muito mais breve do que cogitaria, percebeu que sempre que sentia aquilo, Walter tragava-a para si outra vez. E ela sempre caía. Ele sabia o que fazer. Ele conhecia suas fraquezas e sabia onde bater. Sabia domá-la, machucá-la, matá-la aos poucos. E Elizabeth tinha ciência que de fato nunca escapara.

Um estranho incômodo lhe percorreu e, quando observou a porta outra vez, com seus olhos que não disfarçavam a súplica para que a deixasse em paz, o médico já não estava mais lá.

Ele vai me destruir outra vez. Ele sabe o que fazer.

Os olhos lacrimejaram e de repente Lúcia se fez ouvir.

— Eu não sei o porquê de você fazer essa graça! — Elizabeth voltou-se a ela para vê-la perdendo a postura de boazinha de momentos atrás. — É ridículo! Fica explícito.

E você de novo, sempre que perco minha vontade de matá-la...

— Minha filha, não adianta disfarçar agora. Ficou na cara!

Os demais presentes voltaram suas atenções para Lúcia, que sequer percebeu isso. E Elizabeth percebeu que seria aquele o momento perfeito para arruinar a cara da amiga com suas próprias unhas, mas não tinha forças para isso.

Apenas soprou na direção dela a fumaça do cigarro que tragara e imaginou-a se desvanecendo assim como o vislumbre de dias atrás quando estivera com Alexia e Bob na guarita. Quando a nuvem de nicotina acertou-a, ela paralisou e, por alguns segundos, Elizabeth apostou consigo mesma se Lúcia a atacaria ou se faria de vítima como sempre.

— Lúcia, na boa. Dá um tempo, porra! — Bob colocou a mão no ombro da companheira de trabalhou e conduziu-a para longe.

Elizabeth fitou-a, sendo engolida pela escuridão, e Lúcia sequer desviou os olhos arregalados de sua direção, talvez em pane pela indecisão de atacar a amiga ou fingir-se de vítima. E sumiu.

Bob retornou balançando a cabeça negativamente.

— Você precisa se afastar dessa mulher, Liza. — Ele resmungou. Elizabeth lhe correspondeu com um balançar de cabeça, sem encontrar as palavras que queria, e voltou a observar a silhueta de Mariana desabada no escuro.

Alguns corredores com alguma iluminação para dar-nos confiança e afastar o medo, banho para alívio e acalmar os nervos, mais esperança para achar comida e sobrevivermos até que o resgate chegue. Fizemos nossa parte por hoje. Não tenho o porquê de me achar inferior a nada.

— O resto que se foda. — Bob entooou como se lesse seus pensamentos.

Quando observou-o, ele soltava no ar uma nuvem de fumaça e Elizabeth percebeu que aquela estava se tornando a sua marca registrada.

— Obrigada, Bob. — Lhe estendeu o isqueiro enquanto se levantava. Ele pegou-o sem olhar nos olhos dela e apenas balançou a cabeça, cumprimentando-a.

E então se viu no corredor totalmente escuro, embora nada dali lhe metesse medo. Sentia-se bem resolvida até mesmo com a própria morte. E quando a besta que vagava pelos escombros apareceu em sua mente, ela sorriu, então se viu imediatamente banhada pela luz de algum corredor o qual ajudara a trazer luz.

Obrigada, Bob

Ali, as paredes estavam livres de rachaduras e de ratos ou baratas. E acima disso, livre de Walter. Quanto mais caminhava, mais sentia-se bem, e quanto mais sentia-se bem, mais merecedora de um banho quente repleto de breves imaginações se tornava.

Tão logo se viu no grande vestiário ainda tomado pelo esfumaçar da água quente e, quando adentrou em um dos pequenos banheiros, se livrou das roupas grossas de imundície e, finalmente livre, girou o registro para que a água a libertasse de si mesma.

Mal podia ouvir os outros sobreviventes em outros chuveiros, nem os choros ou resmungares. De olhos fechados, à sua frente, somente o natal utópico com Carlos e seu pequeno Joe, de frente para uma lareira, reaquecendo tudo o que deixara morrer sabe-se lá que dia. *Eu vou ser feliz. Eu mereço isso.*

Pegou-se flertando com a sua eterna saída do hospital e retornando para a faculdade de Letras. Divagou com imagens que nunca existiram antes nem mesmo em sua mais ousada criatividade. Feliz, realizada, sorrindo, assim como Fernanda, mas com sinceridade.

— Carlos, me dê uma chance e você será o homem mais feliz desse mundo. — E uma lágrima pesada de arrependimento escapou de seu olho e foi carregada pela cascata quente do chuveiro.

Só então percebeu que o hospital já era passado em sua vida. Tudo ali não existia mais, assim como muitos funcionários que odiava com todas as forças encontrar em seu dia-a-dia.

E foi só pensar nisso que ouviu a voz de Walter. Seus olhos se abriram repentinamente e sentiu nas entranhas o medo carregado de desejo de vê-lo invadindo o banheiro como minutos antes de tudo desabar.

— Pra mim isso aqui já deu... — acompanhando a voz do médico, o esfregar do que parecia ser toalhas.

— Será que vão nos indenizar? — A voz de Juliana.

— Com certeza. Só espero não precisar gastar tudo com psicólogo.

— Que psicólogo o que? Esse terror todo eu curo com praia, balada e muito beijo na boca.

Walter riu.

— Seu namorado vai sair ganhando então.

— Xé, aquele cachorro já deve estar comendo outra enquanto eu estou aqui nesse buraco.

Eles riram juntos e Elizabeth sentiu um ciúme íntimo a crescer pela forma a qual se davam bem com a conversa. Coisa que nunca conseguira com Walter. Para o médico, Elizabeth era só um pedaço de carne onde ele soltava seus espermatozoides.

Ele sabe como me destruir.

Elizabeth ouviu com clareza sua própria versão, lá dentro, lembrando-lhe disso.

Preferiu não sair do banheiro para se proteger do fitar ou dos comentários destrutivos de seu algoz. Levou as mãos aos ouvidos e fechou os olhos, pois ali ninguém a tomaria por ridícula, e apenas aguardou que tudo acabasse. Imediatamente a imagem de Lúcia brotou em seus pensamentos.

— *Eu não sei o porquê de você fazer essa graça! É ridículo! Fica explícito.*

Soprou em seu pensamento, ordenando que Lúcia desanuviasse, mas não aconteceu como a vez na guarita e sentiu-se idiota por isso. E para fugir dela, preferiu recolocar a roupa e correr de volta para o cômodo onde os sobreviventes aguardavam. Só então o silêncio pairou. Se percebeu sozinha, finalmente sozinha.

Recolocou toda a roupa com pressa, sentindo que o prédio desabaria e, aquela sensação estava incrustada em seu íntimo, totalmente ancorada. *Meu Deus, meu Deus...*

Escapou pela porta, já vestida com as roupas sujas que anulavam sua pele livre e aliviada, observando o teto ainda firme com tanta certeza que desabaria quanto a certeza que já estava sem o barato do cigarro e agora teria que conviver consigo mesma novamente.

Foi quando ouviu o estralar molhado, seguido de sussurros, gemidos e respirar pesado. O coração doeu. Parecia que recebia nele as patadas de unhas como navalhas da fera. Ela sabia o que era.

Ele sabe como me destruir.

E então, pela fresta de dois armários, pode ver no outro corredor de banheiros, num banco de madeira. Walter e Juliana, na penumbra de uma fraca luz com mau contato, completamente nus e entrelaçados. A língua de ambos, como nós, se enroscando e invadindo o outro numa troca desesperada de saliva que chegava a lambuzar-lhes os lábios.

Ele nunca me beijou assim.

O primeiro tiro pousou em seu peito, matando-a vagarosamente, como era característico dele.

As mãos dela arranharam suas costas, fazendo nelas marcas profundas e avermelhadas, assim como as lágrimas faziam agora em seu próprio rosto.

Juliana gemeu com sua voz de gralha e Elizabeth percorreu os olhos por entre os corpos para observar com uma mistura de terror e desejo o pênis de Walter já lambuzado pelo prazer da jovem enfermeira, adentrando-a, abrindo-a, fazendo-a sua. Tão sua quanto Elizabeth sempre desejou ser. Olhando-o no fundo dos olhos, flertando com a alma, assim como Elizabeth sempre sonhou fazer.

Walter segurou na cintura dela, posicionado entre suas pernas, e lentamente, saía e voltava para dentro de suas entranhas, sem deixar de observá-la com os mesmos olhos apaixonados que a fitava quando ainda era de Carlos, quando ainda não destruíra de vez o seu mundo.

Juliana gemia e tão logo Walter gemia também, mas não com a selvageria do banheiro quando tudo desabou. Ali ele era humano, pois Juliana não era o pedaço

de carne que Elizabeth sempre lhe deixava claro que era.

E jamais negaria que deixara isso muito claro, afinal de contas, estando ali simplesmente assistindo Walter e Juliana entrelaçados, presos, fundidos, de carne e alma, a fazia remoer no coração que jamais seria dele novamente, pois agora sua vítima era outra... Mais jovem, mais bela e mais gostosa que ela. Alguém que Walter jamais desejaria esconder do resto do povo e certamente a exibiria como seu troféuzinho. Uma linda loura de olhos claros e sem filhos ou marido para se submeter a um papel de vagabunda, traindo-os sem qualquer relampejo de racionalidade. Juliana porém era totalmente livre para ele quando quisesse.

A enfermeira o empurrou para trás, fazendo-o desabar no assoalho gelado, e então subiu em cima dele, cavalgando como uma jovem camponesa em seu cavalo.

Eu jamais tive essa ousadia.

E pensar naquilo lhe rasgou por dentro, pois os olhos de Walter brilhavam de felicidade e podia ver o arrepio nos pelos do seu braço e o sorriso safado a riscar seu rosto.

Eles escorregavam pelo chão e quanto mais o médico se contorcia, com mais vigor sua enfermeira cavalgava, fazendo-o sentir-se cada vez mais dentro de si própria. Era uma briga de quem dava mais prazer e Juliana certamente o viciaria em si assim como todos os outros homens que tagarelava com suas amigas a tal ponto de Walter desejar que o resgate nunca chegasse.

Então, Elizabeth fechou os olhos para que nenhuma lágrima a mais desabasse.

Eu queria ser ela

Odiou-se por confessar aquilo à sua versão psicóloga que habitava dentro de si própria, a quem às vezes desabafava.

Então, voltou-se para a saída, sendo tragada novamente pelo corredor e deixando para trás a garota mais feliz do mundo com seu brinquedo.

Queria matá-los, mas isso não mudaria o fato de ser o lixo que era. Seus olhos tomaram o corredor vazio, com as luzes piscando, falhando, no mesmo ritmo em que os gemidos soavam lá no vestiário. E tudo o que desejou foi que a fera aparecesse e a levasse dali, para longe, bem longe, e a devorasse como bem quisesse. Ao menos alguém sentiria prazer com sua carne.

Mas tudo o que viu despontar no cruzamento de corredor foi a pequena figura de Alexia.

Não precisou dizer nada, Alexia já lia sua alma com olhos que se apertavam em uma face carregada de compaixão. Elizabeth deixou-se cair de joelhos e logo foi tomada pelo abraço da adolescente.

Ele sabe como me destruir.

— Eu não sei o que estou sentindo... Eu quero morrer...

Alexia apertou-a forte em seu abraço frágil para lembrar-lhe de estar viva quando a morte chegasse.

— Eu já estava soterrada há muito tempo... Já existia em mim um demônio que hora ou outra me matava, todos os dias... Eu só quero que isso acabe agora...

— Eu não sei mais o que fazer para que você se livre disso... — A voz de Alexia revelou que lágrimas despencavam de seus olhos também e nela morava o dom da empatia, de dividir a mesma dor com quem amava.

— Me mate...

— Não...

— Por favor, me mate...

— Não... — E Alexia apertou-a com todas as forças. — A morte que nos encontre aqui. Eu não facilitarei o trabalho dela.

— Eu não aguento mais... — Elizabeth sentiu que a garganta queimava a cada palavra.

Quando abriu os olhos ardentes como brasa, cujas pálpebras se colavam, teve que se perguntar se tudo aquilo era um sonho. E desejou-o com todas as forças. Mas o tremor de Alexia era mais real do que a própria dor que martelava seu peito.

E imediatamente percebeu que não acordaria, por mais intacta que tentasse permanecer. A besta acinzentada, observando-as do fundo do corredor, com a bocarra aberta e os olhos vermelhos como fogo, a delirar com a mesma paixão que consumia Walter no assoalho do vestiário.

— Alexia...

A morte nos encontrou.

CAPÍTULO 7

Se contasse a alguém, lhe chamariam de mentirosa, mas foi o que fez. Levantou-se agarrada a Alexia, como se a jovem fosse seu bebê, e atirou-se na porta entreaberta ao lado, disponível na parede lisa que formava o corredor.

Sem olhar para trás, apenas sentiu o bafo quente da fera próximo à sua perna, mas o chão molhado do banho que acabara de tomar e dos pés dos sobreviventes que transformaram em lodo o solo do vestiário fez com que a criatura escorregasse e patinasse para além da porta a qual se abrigara.

Elizabeth desabou por cima de uma mesa de madeira e Alexia, escapou de seus braços, gritando estridentemente quando ouviu o rosnar do demônio, e rolou pelo meio de pastas, papéis e uma impressora se espatifou no chão.

Imediatamente, a faxineira se jogou na porta e suas mãos trêmulas encontraram a chave na fechadura. E o eco da mesa que Alexia empurrou para fortificar a entrada alarmou-se por todo o corredor, mas não tão assombroso quanto aos arranhões no aço vindo do lado de fora.

Tão logo, o que lhes salvara dias atrás voltava a brilhar na mente como única saída. Os olhos percorreram o teto e percebê-lo também de forro amadeirado trouxe a Elizabeth uma lufada a mais de oxigênio, mas a porta ameaçava rasgar-se ao meio enquanto era atacada.

Quando voltou os olhos para o fundo do pequeno cômodo, Alexia já escalava o armário usando as gavetas como degraus de escada e socava a placa de madeira para que subisse e lhe abrisse passagem. E fez o mesmo que ela antes que não tivesse mais tempo, mas não era tão ágil quanto a jovem amiga.

E por fim se viu abrigada pelo forro escuro e tomado por teias de aranha e poeira. A porta lá embaixo cedeu em um som metálico misturado com a legião que rosnava dentro da besta.

Alexia gatinhou ao lado de Elizabeth e se apoderou da placa de madeira para fechar a passagem, mas nesse exato instante, o som do armário desabando a fez tremer inteira e num piscar de olhos lá estava o braço da fera adentrando o forro como uma serpente disparando um bote. E agarrou Alexia. Seu grito estridente enquanto se debatia de nada lhe adiantou. Elizabeth se atirou em sua direção, agarrando os seus pés, mas a jovem fora tragada para baixo novamente, juntamente com cada um de seus sonhos para dali um ano. E o rosnar da criatura foi desaparecendo pelas profundezas da escuridão dos escombros do que algum dia fora um corredor transitado por funcionários de um hospital.

Os berros de Elizabeth foram perdendo a força e somente os soluços em sílabas mal proferidas lhe tomavam. Sua cabeça desabou nas duas mãos arranhadas pela subida até ali e agora o que restara de uma de suas únicas amizades leais em vida foram gritos de socorro que aos poucos foram se perdendo, até esganiçar em algum local onde a esperança já não existia.

Virou de barriga para cima, sentindo que a pressão alterada a fazia agora suar até as calças colarem nas pernas. Fechou os olhos e apenas permitiu e deixou-se levar pelo coração em ruínas, onde residia o ninho do seu caos. Dentro dele, um furacão como o que desmoronara o prédio. E esse furacão recebia a força do que Walter causava em sua vida mesmo que desejasse com todas as forças que não. Também era nutrido pela saudade cortante de Joe e a última a imagem, a da meia, que não abandonava a sua mente. A fraca e irracional esperança de ser feliz ao lado de Carlos e a culpa por ter manchado sua vida. O medo, de estar ali, ser esmagada ou devorada, não só pelos escombros ou pela besta, mas também pelos próprios companheiros. E agora, os gritos de Alexia a acompanhariam pelo resto da vida.

Fechou os olhos e apenas sentiu. Não fugiu dessa vez. Apenas aguardou, assim como o hospital fizera enquanto o furacão passava. Até que finalmente desabou.

E de olhos fechados pode ouvir os uivos fantasmagóricos, seguidos de gritos de horror e pequenos deslizamentos. Rugidos, portas batendo e pés correndo. Mais paredes indo ao chão e curtos circuitos reverberando. Elizabeth não sabia explicar se era externa ou internamente que toda aquela bagunça acontecia. Ou se em ambos.

De repente, suas costas deixaram de tocar o forro e voltou a pousar violentamente. Abriu os olhos para ver tudo rodando no pouco que podia enxergar. Poeira levantando e cachoeiras de entulhos por todos os lados. Nada fez, apenas aguardou a morte com paciência. Mas ela passara tão rápido quanto seus momentos de paz.

Algumas frestas deixavam que uma pobre luz penetrasse até ali e desse a ela a chance de enxergar onde se encontrava. Não estava tão sufocada quanto da primeira vez e de uma forma estranha sentia-se até habituada a situação. Por sorte, um caminho cavernoso se projetava entre os entulhos do desabamento e, embora escuro, lhe era convidativo.

O uivo da besta soou em algum lugar distante, melancólico, como se também não desejasse a tristeza daquela maldição. Elizabeth pegou-se divagando se ela também se sentia culpada por cada atrocidade que cometia.

E então, pôs-se de quatro e foi adentrando pela única passagem que se abria, torcendo para encontrar novos feixes de luz e a besta continuar uivando distante a

lhe dar a calma necessária para somente se preocupar com um novo desabamento.

De repente, suas mãos passaram por algo frio, rígido, e pelo pouco que podia enxergar graças aos olhos se acostumando pode contemplar o corpo de uma mulher de sua idade, coberta de poeira e cal.

Podia ser eu.

Observou-a pelo tempo necessário até que a reflexão do porquê ainda estar viva aceitou que jamais encontraria a resposta na escuridão de seu subconsciente perturbado. E quando tomava o caminho novamente, uma ninhada de ratos veio em sua direção. Dez, vinte, cinquenta, cem. Esbarravam em suas pernas, mãos, e Elizabeth desejou gritar até os pulmões explodirem, mas ficou travada como uma estátua, com os olhos se espremendo e apenas desejando que a morte dessa vez lhe fosse gentil e não brincalhona.

Eles grunhiam, saltitavam e pareciam tão pesados quanto gatos de médio porte. Alguns ousaram subir em seus ombros, se enroscaram em seus cabelos, talvez não compreendendo que estivesse viva. E ela os compreendeu, às vezes nem ela sabia ao certo.

E por fim se findaram, queriam apenas uma saída. Observou-os sumindo no escuro não deixando que o terror de serem tantos a ponto de parecer que o chão se movia tomasse seu coração. *Eles fugiam de algo.*

De repente, as mãos passaram a tremer e os pensamentos aceleraram. Vislumbrou dentro de sua mente a imagem da besta surgindo no escuro e apenas lembrar-se de sua imagem parada no corredor com seus olhos carregados de assombro lhe deixou tomada pelo próprio instinto.

Imediatamente se virou para a direção que os ratos tomaram e segurou o choro dentro da própria boca. Já não sabia se estava no mesmo caminho de onde viera, já que por várias vezes precisara se arrastar para adentrar em alguma passagem apertada e novos feixes foram surgindo mais do que a princípio. Isso significava que estava próxima a um local com luz, embora se sentisse segura entre os escombros.

— Respira fundo, amiga...

— Calma, calma...

As vozes lhe eram familiares e pareciam tão próximas que lhe encheram de um alívio inseguro.

Juliana... Mariana...

Se arrastou com mais vontade entre as placas de concreto e vigas retorcidas. Os ratos já haviam encontrado a saída e naquelas alturas os feixes de luz já

clareavam o caminho com mais nitidez. Já podia ouvir os soluços de Letícia e o praguejar de Lúcia.

Quando achou um buraco que lhe dava a visão do piso estourado como um quebra-cabeças de algum corredor, se atirou por ele, mas não era largo o suficiente e se viu presa.

— Lúcia! — Não viu outra saída a não ser gritar.

— Ouviram? — A voz já não parecia tão próxima quanto antes.

— Aqui!

Os passos se apressaram ecoando pelo solo e, na dúvida se a veriam, meteu o braço para fora e balançou-o.

— Aqui! Aqui!

E de repente recebeu o calor das mãos aconchegantes de Lúcia. E pode ver, embora estivesse presa por placas de concreto que quase sufocavam-na, a pele negra e rechonchuda de sua amiga de horas difíceis.

— Vamos tirar você daí.

— Me ajude aqui! — A voz de Mariana rangeu ao lado, quando um bloco começou a se deslocar, lhe abrindo passagem.

CAPÍTULO 8

Sentir que nasceu novamente já não causava em Elizabeth a felicidade ou as contrações involuntárias e negativas de outros tempos. Quando se pegava perdida nos próprios pensamentos, se perguntava se ainda estava de fato viva com os outros ou se tornaram-se fantasmas ignorantes em busca do caminho do paraíso.

Mas o desabamento daquela vez lhe soara mais positivo. Estavam agora, embora perdidas entre caminhos bloqueados e passagens em paredes destruídas, no armazém do setor privado, onde cogitara tentar acesso juntamente a Bob em outra oportunidade em que quase morrera soterrada. Tinham ali comida e água. Elizabeth se hidratou até a barriga doer e comeu pão com salsichas para preencher o espaço que sobrou.

Letícia delirava de febre em um amontoado de roupas sujas que lhe serviam de cama. Lhe faltava a mão direita e parte do antebraço, enrolado por panos amarronzados e tingidos de sangue.

Lúcia lhe contara num momento em que se viram a sós, em sussurros cautelosos, com os grandes olhos esbugalhados scanando o arredor para se precaver de alguém lhe flagrar fazendo fofocas.

— A paciente do quarto 102 comeu a mão dela.

Lembrar da forma a qual Lúcia lhe trouxera o fato lhe arrepiou inteira e a fez se remexer no escuro do que sobrara da sala onde se encontravam.

Pobre, Letícia. Sempre me tratou com um carinho sincero, até mais que Lúcia.

Lúcia roncava em um canto próximo da porta, onde bloquearam com uma placa de concreto, mesa e sofá, embora Elizabeth cogitasse que apenas um empurrão e todas as paredes em volta desabariam como finas placas de madeira.

Mariana chorou até dormir, afagada pelas mãos de Juliana a qual Elizabeth evitava olhar, mesmo quando ela lhe dirigia alguma conversa. Apenas a sua voz nasalada lhe transtornava de ciúmes e preferia o medo da morte e o transtorno a lhe perturbar a coluna pela queda do forro no último desabamento do que ter o descontrole emocional que lhe tomou no banheiro.

Difícilmente conseguia dormir. E quando dormia, era por pouco tempo. Nunca de forma tranquila, nunca de forma profunda. Abria os olhos com a sensação de queda e então era sacudida pela realidade monstruosa de estar soterrada pelo lugar que mais odiava na vida.

Em outras situações, em meio a um cansaço que lhe paralisava e a deixava amortecida de tanto pensar, pegava-se perdida profundamente nesses pensamentos a ponto de não saber ao certo se estava sonhando ou simplesmente refletindo inconscientemente.

O clima já era de luto. Em cada coração dali partes já estavam em falta. A realidade amarga a fazia cogitar a perda até mesmo dos que não se encontravam diante de seus olhos. Não se via fora dos escombros, mas intimamente não sentia-se apartada de Joe. Embora lembrar-se dele lhe carregasse de saudade até encher-se de lágrimas. A despedida então era por Fernanda, pelo porteiro Will, por Alexia. A jovem entregadora cheia de sonhos a qual Elizabeth se entristeceu por não ter achado nela tamanha lealdade quando a vida era outra. Talvez, se tivesse a sensibilidade de enxergar a alma por trás daqueles olhos claros, seria mais grata aos momentos no terraço a qual aguardava-a fumar seu baseado.

E então, Elizabeth se viu tão profunda que os pensamentos se tornaram sonhos e se viu no terraço, num fim de tarde fresco, com o céu numa mistura de laranja e rosa além do estacionamento e dos prédios a se perder de vista.

Olhou para o lado e lá estava sua amiga. Seus lindos olhos se apertando enquanto soprava para o ar um comprido braço de fumaça.

— Precisamos mudar. — Ela recitou — Não é justo com nossa existência uma vida a qual não nos faz feliz.

Dessa vez, Elizabeth despertou. Não soube novamente quanto tempo se passara, mas estava recarregada. Percorreu os olhos ao redor, sentindo o cheiro de café que lhe embrulhou o estômago. Vinha de Lúcia, acomodada numa cadeira, observando o nada, enquanto Mariana e Juliana entupiam Letícia de remédios.

— De verdade, acho que não compensa sairmos daqui a não ser se o teto começar a esfarelar. — Lúcia dava continuidade a conversa que teciam. — Duvido que tenha alguém vivo além de nós.

— Não sei, Lúcia. — Mariana falava de forma arrastada, sua voz estava cada vez mais fraca. — Não me sinto segura aqui.

— Podemos juntar a comida e buscar um lugar mais intacto. — Juliana propôs.

— E correr o risco de sermos devoradas antes de chegar nesse local intacto?

Elizabeth se levantou do solo, assentando-se e sentindo as costas dando estalos secos.

— Liza. — Lúcia lhe exibiu um sorriso. — Está melhor?

— Sim... — Elizabeth se esforçou para lhe devolver outro sorriso. Em seguida, observou o árduo trabalho de Mariana e Juliana pela vida da linda ruiva

que sofria em seus últimos instantes de vida.

— O que você acha de ficarmos por aqui, Liza? — Lúcia quis saber e Elizabeth sabia que na verdade ela só queria que a própria opinião ganhasse força.

— Não sei, a única certeza que tenho é que se esse lugar desabar não teremos tempo para desbloquear a porta.

Elas se entreolharam, dando à opinião de Elizabeth a devida reflexão a qual era digna.

— Nossa, é verdade. — A voz de Juliana soava como o mugir de uma vaca e Elizabeth evitou olhar em sua direção.

— E se formos mortas assim como sua amiga? — A companheira de trabalho foi seca. — A essas alturas a juvenzinha já virou fezes. Quer nos dar o mesmo destino?

— Alexia não está morta.

Todas permaneceram em silêncio.

— Tenho ouvido a voz dela pedindo ajuda.

— Você está ficando louca, Liza. — Lúcia não era somente seca, mas tão direta quanto.

— Eu não estou ficando louca.

— Liza, convenhamos. Você sempre foi uma louca. A situação só se agravou. — No rosto de Lúcia se estampava o estresse de quem está prestes a explodir.

— Eu não vou responder a isso, Lúcia. Ao menos dessa vez você teve a decência de falar na minha cara. — Embora o ódio lhe tomasse, Elizabeth soube domar suas emoções e até se permitiu um sorriso. — É uma grande evolução de sua parte.

— Eu bem disse que você está louca. Por que você cogita que eu perderia tempo falando da sua vida, mulher?

— Não, não vou perder tempo com isso.

— Não perde mesmo não. — Lúcia rosnou de um jeito muito mais feroz o qual Elizabeth nunca vira antes.

Todas as outras se mantiveram intactas, caladas.

Elizabeth se colocou de pé e partiu para onde um dia tivera um fogão e agora estava coberto por terra. Sabia que Lúcia a fuzilava com os olhos e, de alguma forma, trocava mensagens telepáticas com as demais. *Um dom de fofoqueiras.* Numa das prateleiras encontrou um saco preto que antigamente era usado para carregar lixo. Após abri-lo, foi até o armário e encheu-o com o máximo de coisas

aproveitáveis que encontrou. Enlatados, pães de forma, três panetones, macarrão, sacos de biscoitos e potes de sopa.

Para ocupar o tempo, encheu ainda algumas garrafinhas de plástico com água e arremessou-as junto aos demais alimentos. Não queria pensar, pensar a destruíra por dentro. Focou em lutar pela vida até que o resgate as encontrasse. Se isso acontecesse, seu prêmio seria voltar a estar ao lado de Joe. Seria tão grata que se via capaz de se apaixonar por Carlos como nos tempos apagados de sua memória ingrata.

Quando retornou para onde as outras se reuniam, a porta já estava escancarada e elas apenas aguardavam-na. Lúcia segurava Letícia em seu colo como se não precisasse usar quase nada de sua força. E pudera, Letícia estava muito mais magra do que a última vez que a vira consciente.

Juliana amparava Mariana pelo ombro. A japonesa estava pálida.

— Vamos? — A voz de Lúcia não carregava ressentimentos e a robusta faxineira era capaz até de olhá-la nos olhos com o semblante de equipe. Seria a sua arma para fazer Elizabeth se encher de culpa, mas os tempos mudaram e sabia agora lidar com aquilo.

Fora do armazém, cortaram o ambiente caótico onde Elizabeth as encontrou. Escombros desabados por toda a parte, dando caminho a diferentes locais que não sabiam ao certo onde dariam e se dariam. Os corredores fora dali se banhavam por luzes fracas graças aos sistemas já sem energia suficiente. Em alguns locais, labaredas pingavam de bucais onde apenas os cacos restaram no solo abaixo.

Todas se mantinham caladas, ouvindo apenas o soar dos próprios pés e os gemidos de Letícia, não tão prazerosos como nos flagrantes nos banheiros nos dias em que a vida lhe trouxera alguma felicidade.

A cada cruzamento de corredores, Elizabeth se adiantava, com o saco de alimento pesado às costas lhe dando ainda mais tortura na coluna, para sondar e certificar-se de que não teriam a surpresa que assombrava a imaginação de cada uma delas.

E tão logo se viram na última dobra a qual percorreram com cautela para serem surpreendidas pelo cenário que tomou-lhes os resquícios de esperança.

Um fio que desabava do teto ricocheteava, ecoando corredor adentro agudas notas metálicas. Da ponta, labaredas clareavam com cor de fogo todo o ambiente e abaixo dele o solo, que fazia uma breve descida, estava tomado por uma piscina que provavelmente fora cheia graças a alguém que largara algum chuveiro aberto.

— Eu sabia que a ideia do banho ia dar merda! — Lúcia praguejou.

— Vamos voltar. — Juliana resmungou quase chorando — Vamos morrer eletrocutadas se encostarmos nessa água.

Elas tomaram o caminho de volta, mas Elizabeth permaneceu intacta por um tempo, vislumbrando diante de si a imaginação que se projetava para fora de sua cabeça como uma visão profética. Aquela água umedeceria as paredes e logo todo o andar estaria vindo abaixo novamente.

Voltou a passos rápidos e quando as alcançou, o coração parecia ter mais pressa do que o próprio corpo.

— A única forma de nos mantermos a salvo é buscando os andares mais inferiores possíveis. A água está umedecendo essas paredes, logo tudo vai vir abaixo.

Na medida em que falava, mais os passos se apressavam, e todas elas perderam a cautela e a busca de onde vieram se tornou uma longa estrada como num pesadelo. Até que se viram novamente nos destroços em torno do intacto armazém.

As respirações ofegantes tomavam o ambiente como num coro. Abandonou o saco e se jogou de quatro no assoalho, observando o suor pingando no chão. Permaneceu assim até que a dor nas costas lhe permitiu um único puxão de ar.

Lúcia acomodara Letícia praticamente sem vida numa poltrona de couro preto e permanecia arcada, buscando oxigênio. Juliana e sua amiga japonesa se acomodaram próximas, tão exaustas quanto.

— O que faremos? — A pálida japonesa amparava a testa com a palma da sua mão, o semblante carregava-se de desprazer.

— Encontraremos um caminho em meio a esses entulhos. Um caminho alternativo. Temos que ter acesso aos andares inferiores. Alguma escada que não seja só daquele corredor alagado.

A cabeça voltou a rodar. *Fome.*

Observou o saco, desejando algo salgado que lhe trouxesse a satisfação que precisava para colocar-se de pé. Abriu-o e achou o pacote de biscoitos, que abriu com as mãos trêmulas de quem tem pressa. E então encheu a boca e fechou os olhos, para mastigar, sentir o gosto e se ver aliviada.

De repente, o saco foi puxado de suas mãos com violência e, quando abriu os olhos, viu diante de si a figura de Lúcia a tomar posse de todo o saco de alimentos.

— Não tem só você aqui pra comer.

Eu não acredito nisso.

Derrubou os olhos para as outras. Mariana, Letícia e Juliana observavam-nas perplexas.

— Eu estou com fome, Lúcia.

— Quando decidirmos comer, você comerá.

— Se o problema é a comida, eu entro no armazém e coloco mais comida no saco.

— Você só pensa em você e nos seus interesses. Por que não começa a se colocar no lugar de quem está com você?

Os olhos de Lúcia exibiam o julgamento referente ao seu próprio casamento.

— Eu não preciso dos seus conselhos, Lúcia. Se precisasse, os pediria. Me dê os biscoitos.

— Você não vai comer os biscoitos.

— Lúcia.

— Sabe de uma coisa? Você não me desce mais. Que se foda você e essa vida medíocre de merda. — E jogou o saco de comidas contra Elizabeth. Os alimentos se espalharam pelo chão.

Elizabeth se levantou num salto.

— Você que não me desce mais. Você é o tipo de pessoa que vive de sugar os outros. Sua boa amizade termina até o momento em que a outra está bem, então você não tem mais do que se alimentar. Você não é o tipo de pessoa que sabe comemorar coisas boas. Isso se chama inveja.

— Inveja? De você? Olha em volta, querida. Olha essas enfermeiras lindas. Você acha que se eu fosse ter inveja de alguém seria de você?

— Não é pelo que tenho. Não se trata de mim. É algo inconsciente dentro de você.

As duas estavam tão próximas que Elizabeth podia sentir o hálito de Lúcia.

— E o que você vai fazer? Vai chorar de novo? É só isso que sabe fazer, não é?

— Não, eu fazia isso quando me sentia um lixo pelo seu vitimismo. Agora já aprendi o seu jogo.

Os olhos de Lúcia se arregalaram tanto que arrepiaram Elizabeth a ponto de não querer mais encará-la. *Grandes olhos brancos como a lua numa pele negra que representava a noite calma de um outono.* Desviou-se para o lado, tentando não demonstrar medo e se indagando se era a fraqueza de sua timidez. E preferiu se afastar, com o devido cuidado de não pisotear o chão com barulho. Mas foi impedida pelas unhas de sua amiga, ou ex amiga, pousando violentamente contra seu couro cabeludo e reunindo o máximo de cabelos que podia, pelas costas, covardemente, assim como Elizabeth desconfiava que ela fazia quando chegava no refeitório em outros tempos.

Então, seus pés perderam o chão e se viu recuando num tranco, no ar, e suas mãos buscaram o nada. E imediatamente o rosto começou a queimar com as bofetadas. Uma, duas, três, quatro... E com o estralar, os gritos estridentes de Letícia e o rosnar de Mariana.

— Larga ela, Lúcia! Larga ela.

Cobriu o rosto com os braços. Foi a única maneira que encontrou naqueles rápidos segundos de se proteger, embora o nariz e a boca já estivessem amortecidos. E logo Lúcia a puxou para a escuridão, rosnando como a fera, arrebatando seus cabelos.

Elizabeth sabia que nada podia fazer. Já estava no chão e sua agressora a atacava pelas costas. Não tinha qualquer chance de defesa. Era torcer para que Lúcia se acalmasse e parasse.

— Lúcia, pare! — A voz de Letícia ecoou, carregada de choro e dor.

Quando Elizabeth abriu os olhos, o teto rodava acima de sua cabeça e, a frente dele, as mãos de Lúcia a segurando pelos cabelos, e a mão direita erguida, buscando uma brecha entre seus braços onde pudesse aplicar outra bofetada. Então, Elizabeth ergueu as mãos até seu colarinho e a puxou para si.

Lúcia era pesada e a posição que se encontrava, arcada, facilitou seu desequilíbrio. Ela grunhiu, enquanto seu corpo desabava pra frente e o choque com o chão não lhe poupou a cabeça nas pedras, afinal preferira não soltar os cabelos de Elizabeth, que virou o rosto e a mordeu para finalmente se ver livre.

Se colocou de pé com dificuldade, vendo o ambiente todo girar, mas não com tanta dificuldade quanto Lúcia, que gatinhava esbaforida em busca de algum apoio para se levantar.

Elizabeth caminhou até ela e empurrou-a para que ficasse de costas no chão. E então fechou o punho e bateu com toda a força que conseguiu reunir no meio do nariz. Um estralo seco que jurou que nunca mais esqueceria, mas não importava. Estava fora de si. Preparava outro golpe quando outro tranco a jogou para trás, novamente pega pelas costas.

Mariana quem a puxara, e fez isso com mais facilidade do que em Lúcia. Elizabeth deixou-se cair, sentada, com as costas apoiadas na parede oposta a qual Lúcia se estirava, berrando num choro infantil.

— Nunca mais olhe para a minha cara, vagabunda! — Lúcia apontou o dedo em sua direção e o sangue que escorria de seu nariz se misturava com a saliva na boca. — Se eu cismar que você olhou pra mim, mesmo sem querer, eu vou te matar! Você está me ouvindo?

Mariana suspirava, exausta, entre elas, mantendo uma mão no peito de Lúcia para mantê-la no chão. Elizabeth ainda sentia-se tonta e temeu que Lúcia iniciasse um novo ataque. A cabeça latejava como se brasas estivessem plantadas em cada folículo capilar.

Nesse instante, a silhueta de Juliana pousou ao seu lado e lhe estendeu um papel higiênico. Elizabeth pegou sem pensar duas vezes e já sabia o que fazer. Passou pela boca e o material branco tornou-se vermelho. Aquilo encheu-lhe de ira. Desejou ter batido muito mais e respirou fundo para não se atirar em Lúcia novamente.

Mas a consciência gritou lá no íntimo. Mariana era a única que se dispunha em manter a ordem, mesmo sem forças graças à doença que a consumia por dentro. Letícia, que ainda chorava, estava pálida pela hemorragia e em pouco tempo estaria morta. A única que poderia fazer algo era Juliana, mas essa preferiu apenas se acomodar e assistir. Não perderia a oportunidade do assunto para quando saísse daqueles escombros.

— Eu devia ter me afastado de você para não precisar chegar a esse ponto. — De repente, as palavras de Elizabeth percorreram o ar e silenciaram a descontrolada companheira de trabalho do outro lado, que rugia infinitas ofensas pessoais que Elizabeth não deu importância.

Então, se levantou e arremessou o papel higiênico sujo de sangue contra ela.

— Fique longe de mim. — Apontou o dedo para a outra no chão. — Não se faça de vítima, não me procure, quero distância. Se me procurar, eu vou terminar de quebrar o seu nariz. E ao contrário de você, eu não ataco pelas costas.

— Liza, por favor... — Mariana, entre elas, suplicou já desfalecendo, pois já não tinha mais forças para apartar outro embate. Mas Elizabeth apenas deu as costas e se distanciou para a escuridão, ignorando Juliana que parecia assisti-las de um sofá, ao lado da praticamente morta Letícia.

Agachou-se para ser tragada pelo buraco de onde viera, ainda sentindo o corpo desequilibrado. E viu-se novamente entre os escombros que, embora lhe embrulhasse, era mais confortável do que a presença das outras.

Ali, na escuridão, com paredes lhe rodeando por todos os lados como numa toca, percebeu-se livre de comentários, olhares e podia fazer o que bem quisesse sem ser julgada, inclusive chorar. Não daria a Lúcia ou Juliana o gostinho de lhe ver fraca, exausta, machucada.

— Socorro... — A voz de Alexia ecoou, fundo, bem longe, no volume de um sussurro. E embora Elizabeth desejasse correr dali na direção dela, apenas fechou os olhos sem permitir que a lágrima escorresse. Bastava à Lúcia o sangue de sua boca.

— Letícia, Letícia... — A voz de Juliana se alarmou. Elizabeth virou o rosto e abriu os olhos para sondá-las por entre uma fresta nos escombros.

Letícia tremia, em convulsão, espumando pela boca. Mariana se arrastou até ela para lhe socorrer. Lúcia não aparecera em seu campo de visão.

Os mesmos sintomas de Liza, do quarto 102.

Então, Elizabeth se lembrou da conversa que tivera com a paciente. Na ocasião, lhe contara que fora mordida por um lobo. E desde então os sintomas iniciaram, até começar a se deformar e parecer uma besta.

Ainda não acreditava, mas se de fato a criatura que estava atacando-os fosse Liza, logo Letícia se transformaria também. Imaginar aquilo lhe causou um assombro o qual desejou ser esmagada pelos entulhos e morrer antes.

Então, o uivo fantasmagórico cortou a escuridão e fez as paredes vibrarem. *Meu Deus, meu Deus...Letícia, Letícia...*

Juliana e Mariana abandonaram Letícia, que continuava em convulsão e, num pavor que fez com que Elizabeth enxergasse seus olhos esbugalhados no escuro, se atiraram para alguma saída escura aos fundos. Os berros de Juliana foram se desfalecendo e deixando apenas Lúcia em algum lugar dali, gritando aterrorizada enquanto morria em solavancos. E então a besta apareceu em seu campo de visão.

Acolhida pelo escuro, envolvida pelos escombros e apenas a sondar pela fresta, contemplou a criatura sacudindo Lúcia pelo pescoço com sua bocarra e pintando as paredes e o chão de sangue. Até que o corpo dela se amoleceu por completo e o sofrido esganiçar silenciou-se para dar espaço ao gélido calar da morte. Seus olhos de terror ainda fitavam o teto, paralisados, sem vida, quando a besta a largou e galopou até Letícia, que ainda tremia na cadeira.

A jovem ruiva abriu olhos tão grandes que Elizabeth vislumbrou-os na penumbra. E embora em sua face mostrasse o terror do momento presente, ela ainda tremia e babava, angustiada pela febre, como se estivesse presa no próprio corpo.

A besta colocou as duas patas em suas pernas brancas e cobertas por tatuagens e sujeira. A unha escorregou pela carne e deixou que gotas escuras de sangue escorressem joelho abaixo. O focinho cheirou-a, lambeu a saliva que descia do queixo travado e foi tomando posse dela. Os pelos borraram sua roupa com o sangue ainda quente de Lúcia. Elizabeth se apertou, torcendo para que a besta abandonasse Letícia ali, embora existisse a possibilidade mínima da enfermeira se tornar mais um demônio como aquele.

Mas embora a tensão da demora e as carícias que a criatura lhe ofertara como num ritual tivessem despertado alguma esperança, num segundo, Letícia teve o

tórax aberto por unhas afiadas como bisturis. Teria gritado se os órgãos não tivessem desabado de uma vez em seu colo juntamente a uma cachoeira de sangue, gordura e fluídos de seu interior.

A besta desceu de suas pernas e apenas observou o arredor com olhos brancos que deixavam-na semelhante a um lobo fantasma. Elizabeth preferiu deixar a fresta e se encolher em posição fetal, rezando em pensamento. A respiração afobada alarmaria a sua presença no escuro daquela toca de entulhos. Apertou os olhos e tentou aceitar aos poucos que se era a sua hora, que assim fosse. Não tentaria correr, isso só prolongaria seu pânico e seria a certeza da morte, já que o demônio certamente a ouviria.

E ouviu-o. Seu focinho cheirando as paredes e seguindo o rastro. O barulho das garras batendo no solo e a pata esmagando o entulho deixou claro que encontrara o esconderijo de Elizabeth.

Meu Deus, meu Deus...

Teve dificuldade para entrar e por pouco não desmoronara tudo, mas estava finalmente ali com sua respiração asmática e o rosnar grave. Sua presença trazia consigo o arraial do inferno. Seu cheiro carregava medo, desesperança e insuficiência. A cada baforada o ambiente se tornava mais quente. Elizabeth permaneceu intacta, assim como ficara no primeiro ataque, quando não conseguira se soltar da maca. E, de leve, deixou os olhos contemplarem a silhueta da criatura caminhando sem qualquer preocupação ao seu lado. As trevas eram o seu lugar. E banhavam-na deixando somente os olhos a brilhar.

Pisoteou uma de suas pernas e Elizabeth sentiu que se partiria ao meio tamanho o peso, mas manteve-se intacta. Por um momento, cogitou que a criatura se acomodaria ali para dormir.

Por favor, vá embora. Por favor...

E então, a silhueta, levando consigo um terrível cheiro de carne podre e pano velho os quais exalavam de seu pelo, sumiu pela escuridão dos fundos daquela passagem. E ela pode ouvir os grunhidos de ratos distantes, os quais a besta acabara de matar. Não pra comer, mas pelo prazer.

— Socorro!!

A voz de Alexia soou novamente, com bem mais força agora.

CAPÍTULO 9

A voz de Alexia vem de dentro da criatura, Elizabeth refletiu, enquanto tateava pelas paredes do caminho o qual as enfermeiras tomaram, após escapar dos escombros que lhe serviram pessimamente de esconderijo. É isso ou Lúcia tinha razão... *Estou ficando louca*.

Atingiu um corredor mal iluminado, mas onde era possível se assombrar com as rachaduras tomando as paredes como aviso. No chão, placas de tinta seca e cacos de vidro se espalhavam, explodindo abaixo dos pés a cada pisada. O som do vento uivava juntamente com o estalar de fios desencapados em curto. Não precisou ir longe para se deparar com uma cratera que se abria no meio do corredor.

Elizabeth temeu se aproximar, pois duvidou da resistência do solo, mas se conseguisse descer para o andar inferior por aquele buraco, estaria mais segura. Olhou em volta, buscando uma solução em meio ao caos que sua cabeça se encontrava. *Uma corda...*

Foi então que ouviu os soluços, em meio a gemidos, os quais lhe eram familiares, embora não carregassem o prazer de outrora.

— Juliana?

— Liza, Liza... Graças a Deus... Aqui...

A voz vinha da direção da cratera.

Por mais que preferisse Juliana longe, estar solitária por aqueles corredores era um pesadelo. Não conseguiu disfarçar o alívio na voz.

— Você caiu... — Foi se aproximando, sentindo o solo tremendo abaixo dos pés ou era simplesmente uma peça pregada pelo medo em sua mente.

Ainda tateando pela parede, se assombrou com o buraco se agigantando à sua frente a cada passo e o que cogitara, uma entrada para o andar inferior, era de longe muito pior. Travou inconscientemente. O coração acelerou, as mãos tremeram ainda mais e o estômago revirou. A cratera devorara o andar inferior, e o debaixo, e o outro, e o outro, e o outro, até ser tomada pela escuridão misteriosa e carregada de morte, de onde reverberava o som fantasmagórico do vento e as tubulações do esgoto. Juliana estava salva por um ninho de vigas, que sustentava o seu corpo, embora precisasse da força dos braços para se segurar na boca da cratera.

— Me ajude... — Ela suplicou, soluçando, e Elizabeth pode enxergar a criança mimada que morava dentro dela.

Olhou em volta. Não tinha outra saída. Por mais arriscado que fosse e por mais que Juliana lhe despertasse os infinitos sentimentos negativos possíveis, jamais conviveria consigo mesma se a deixasse ali.

— Agente firme.

E pôs-se a tirar cada uma de suas roupas. O pulôver, o blazer, blusa, camisa, calças. Não deu espaço para que sua autocrítica lhe amolasse, embora os olhos percorressem o corpo com tristeza. Estava mais magra onde não queria. E a irritante gordura que tanto lhe amolava ainda resistia. A pele, por trás da sujeira que conseguira penetrar por baixo das roupas, estava tomada por rachaduras roxas semelhantes as das paredes. *Estou desabando.*

Amarrou uma peça de roupa na outra e fez uma corda, não tão comprida quanto cogitara que ficaria, mas o suficiente. E a arremessou na direção de Juliana.

— Venha.

Puxou para o lado contrário, contando também com a ajuda de seu peso. Da cratera, viu as mãos tremulantes de Juliana a subir, agarrando-se nas roupas com todas as forças de sua alma, e percebeu que a jovem não tinha o peso que imaginara.

— Obrigado, obrigado... — Juliana soluçou ainda mais, se atirando sobre ela sem se importar, molhando seus ombros nus com lágrimas e saliva.

— Vamos, não temos tempo. — Queria na verdade evitar a possibilidade de sentir o cheiro de Walter naquela pele macia.

Enrolou a corda de roupas embaixo dos braços e correu pelo corredor, na direção contrária a cratera, desviando dos cacos de vidro e das baratas que ousaram atravessar em sua frente. Embora sentisse o corpo mexendo de forma que lhe desagradasse, uma estranha liberdade despontou em seu peito. Estava seminua, correndo pelos corredores de seu emprego em ruínas. Permitiu-se um sorriso, contido, daqueles que ela costumava dar quando estava perdida nos próprios pensamentos.

— Uma porta. — Juliana apontou.

Elizabeth se jogou contra ela e imediatamente se viu num local a meia luz, repleto de tubos e cilindros de silicone, com geladeiras nos fundos e armários intactos. Uma torneira pingava numa pia onde uma plantinha já seca anunciava que ali fora um ambiente de experimentos.

— O laboratório... — Juliana anunciou num sussurro, enquanto Elizabeth ainda trancava a porta.

E então, a enfermeira deixou-se cair de joelhos e cobriu o rosto com as próprias mãos para chorar. Elizabeth preferiu desatar os nós nas roupas e voltar a

vesti-las ao invés de consolá-la.

— Mariana caiu lá...

— Eu sinto muito.

— Não vimos. O buraco apareceu de repente. Eu tive tempo de segurar na viga... O que houve com as outras?

— A criatura as matou. Por pouco e eu também teria morrido.

Juliana se descontrolou a chorar. Não era uma jovem forte como Alexia e isso se devia aos obstáculos que ambas estavam acostumadas no dia-a-dia. Alexia carregava sonhos em suas costas que provavelmente faziam-na ficar acordada até tarde, olhando para o teto, imaginando como seria vivê-los todos. Tinha um trabalho ruim que era o degrau para algo melhor, porém distante. E encarava-o todos os dias. De certa forma, o jeito que via seus problemas a mantinha viva. Não sabia, mas amava o desafio. Em algum momento de sua vida alguém lhe dissera que não conseguiria. Só não sabiam que sua maior característica era a rebeldia.

Juliana não deveria ser fraca. *Talvez desacostumada seria a palavra.* Provavelmente, quando saíssem dali, não seriam mais os mesmos. Para a jovem enfermeira, a vida fora colorida demais. Isso manteve-a aquém da realidade. Sem a necessidade de desenvolver-se, observar-se a não ser no espelho. Agora, ali, o que restara a ela era chorar desejando os pais. *A vida não é só baladas e fins de namoro.*

— Eu não sabia que eu era assim tão fraca. — Juliana passou a manga da blusa pelo rosto e Elizabeth observou-a envergonhada, cogitando por alguns segundos que ela lera a sua mente. — A última vez que sofri tanto foi aos dezesseis anos. Namorei um professor que era meu sonho desde o ensino fundamental. Obviamente escondido. Ninguém sabia. Ele batia em mim todos os dias. Dizia que era para o meu bem. Sempre me falava: Você não vale o feijão que come. — Elizabeth sentiu o coração tomando uma punhalada. Era a mesma frase que seu pai usava quando batia em sua mãe. — Eu estava escravizada emocionalmente. Naquela época eu aprendi que a gente se livra das circunstâncias da vida como numa cirurgia. Dói, mas depois você está livre. A minha dor foi chegar em casa e vê-lo lá, transando com a minha mãe, enquanto meu pai trabalhava.

Elizabeth vislumbrou a tempestade de emoções que a pegaram desprevenida. Raiva, empatia, tristeza.

— Desde então, nunca mais me importei com os sentimentos dos homens que me relaciono. Meu único objetivo é o meu orgasmo. Meu pai é o único que merece o meu amor.

Pegou-se refletindo se sua mãe se tornaria como Juliana se tivesse superado o seu pai, enquanto cobria-se com a blusa amarrotada pelo nó recém-desfeito. De

fato, a jovem tornara-se a vingança prometida pelos céus a esse tipo de homem. Era como a cadeia alimentar no reino animal. Um devora o outro, um é a cura para o outro. E assim, a natureza se mantém. Com pessoas nascendo através do amor e outras se suicidando graças a falta dele.

Elizabeth deixou-a, após estar totalmente vestida, para conhecer o ambiente. Adentrou a penumbra, certificando-se de ter as mãos a frente para não derrubar nada. Qualquer barulho e estariam mortas, o local não tinha o mesmo forro que a salvara em outras ocasiões. Achou uma lanterna em cima da mesa de metal. Quando pegou-a, sentiu a temperatura. *Quente.*

— Alguém esteve aqui.

Juliana se aproximou, tremendo e secando o rosto com a manga da própria blusa.

— Pode ser Alexia.

Elizabeth fitou a enfermeira, com olhos surpresos pela possibilidade e esperando um argumento que lhe desse esperança.

— Eu ouvi a voz dela pedindo socorro. Cheguei até a pensar que era do fundo do buraco.

— Você está falando sério?

— Sim. — Juliana balançou a cabeça como uma criança jurando.

Elizabeth olhou em volta sem conseguir segurar as lágrimas que começavam a lhe tomar os olhos. *Eu não estou ficando louca, Lúcia.*

— Precisamos o quanto antes chegar até os andares inferiores.

— Como?

Se eu soubesse já teria feito.

— Não sei.

Não se mexeu, cogitou ter ouvido algo e torceu para que fosse uma peça de seu medo. Olhou para o lado e Juliana mantinha-se tão intacta quanto ela, com os olhos azuis arregalados e brilhando no escuro.

Observá-la era algo que Elizabeth evitava, mas por alguns segundos fazendo isso pode ler sua alma e onde residia sua força. Walter jamais faria com Juliana o que fizera consigo. Usá-la e depois tratá-la como qualquer coisa. Destruir o seu coração e depois consertá-lo só para brincar de novo.

Ela sabia o que era só carne. Estava habituada a fins de relacionamentos com homens talvez mais poderosos que Walter. Se ele quisesse conquistá-la, teria que se virar para se sobressair e Elizabeth não imaginava outra coisa a não ser ela fazendo piadas no refeitório sobre o médico desesperado que goza rápido.

Permitiu-se um sorriso. Se Walter ainda encontrava-se vivo, estava levando Juliana de bandeja para ele. Observou a linda jovem novamente para vislumbrar o narcisista encontrando a sua cura.

Acendeu a lanterna e a apontou para o resto do cenário. Havia uma porta de metal aos fundos, provavelmente uma sala de reuniões e banheiros. As janelas em torno estavam fechadas com persianas e não se interessou em abri-las. A sala não estava revirada como as demais, com marcas de tentativa de fuga. Uma mochila se prontificava aberta aos pés de umas das geladeiras. Era a única coisa fora do lugar por ali. Se aproximou e puxou a porta, recebendo a fraca luz de seu interior, juntamente com o ar gelado.

Clorofórmio, dizia uma placa a frente de várias bandejas de frascos. Pegou dois deles e os levou ao bolso visualizando-se novamente soterrada, tragando o frasco para esperar pela morte com mais conforto. Só então os detalhes foram se encaixando dentro de sua mente e, a cada peça do quebra-cabeça, a sensação de alívio. Tomou o caminho para a porta aos fundos já cogitando o que a esperava.

— Aonde você vai?

Elizabeth não respondeu, apenas empurrou a porta diante de si sentindo o coração dando saltos.

— Bob?

— Liza? — Uma silhueta se remexeu no escuro da sala, acomodado num dos sofás. Elizabeth não conseguiu conter o despencar das lágrimas e precisou levar as mãos à boca.

Bob a cobriu com um abraço e Elizabeth permitiu-se perder o equilíbrio.

— Oras, guarde um pouco dessas lágrimas.

Elizabeth tremia, mas dessa vez não era de pavor ou tristeza, estava transbordando de algo bom que não conseguia distinguir.

— Veja só quem está ali.

Bob se moveu na escuridão para que outra silhueta atravessasse a sala e a abraçasse em sua estatura baixa, com seu corpo magro, cabelos lisos e empastados de sujeira.

— Eu não acredito, eu não acredito...

E misturaram-se em lágrimas.

CAPÍTULO 10

Alexia lhe contou sobre seus últimos momentos antes de ser salva por Bob e Walter. Quando fora arrastada pela besta, o chão se desfaleceu, abrindo a cratera, e se viu solta no ar até desabar nas águas fétidas do porão. Lá, abrigou-se em cima de uma manilha para não ser carregada pela correnteza pelos encanamentos adentro. A besta ficara uivando em algum dos andares acima. Seu salvamento acontecera há menos de uma hora, foi o que lhe disse.

— Me esfreguei no banho até quase arrancar lascas de pele. — Lhe exibiu os finos braços avermelhados. — Confesso que pensei que o cheiro não sairia nunca mais.

Elizabeth abraçou-a a cada pausa de seu relato, permitindo que a gratidão por aquele milagre se derramasse em sua alma. Já havia por fim perdido as esperanças de encontrar a leal amiga e apenas aceitava conviver com as lembranças. E agora a tinha de volta.

No fundo, lá no íntimo, sabia que um sentimento de terror berrava para ser atendido. Quando chegaram, Walter abraçara Juliana num gesto carregado de companheirismo e a jovem se rendeu tão frágil aos seus carinhos que Elizabeth não conseguiu disfarçar seu desconforto. O médico sequer notara a sua presença.

Eles estavam num canto da sala, abraçados pela escuridão a qual a vela acesa numa mesinha de centro repleta de frascos de clorofórmio não ousava incomodar. Elizabeth evitava olhar, mas isso não impedia que o coração chorasse.

Bob e Dave, o senhor da cadeira de rodas, observavam o mapa discutindo o melhor plano possível. Elizabeth fitou-os com cuidado, notando as roupas encardidas e os detalhes no rosto de barba mal cuidada, já exibindo traços de magreza exagerada. Os seis sobreviventes formavam juntos os últimos e torceu do fundo da alma que estivesse errada.

— Liza, eu ouvi pelas manilhas o som de máquinas e helicóptero. — Alexia arregalou seus lindos olhos transtornados por olheiras em um rosto de pele ressecada.

A notícia lhe aquecera de certa forma.

— O resgate está chegando. Já devemos estar aqui há semanas.

— Foi o que me deu esperança. Gritei por socorro, mas não sei se me ouviram.

Isso explica muita coisa, sorriu para si própria, mas ser finalmente convencida de que não estava ficando louca já não lhe era importante. Lúcia quem dissera isso e já não carregava dela qualquer sentimento que não fosse o de luto.

Embora tivesse sido tóxica muitas vezes e, de uma forma estranha, uma boa companheira para momentos ruins e nunca nos agradáveis, a última imagem que tinha dela era a de seu corpo sendo arrastado entre os entulhos enquanto a fera abria a sua barriga e arrebetava para fora suas tripas.

— Temos o suficiente para nos mantermos aqui. — Bob levantou-se de repente, coçando a cabeça, visivelmente estressado.

— Não temos comida. — Dave, o cadeirante, era mais equilibrado.

— Mas se sairmos daqui nós viraremos a comida.

— Estamos próximos do armazém. — Elizabeth sentiu-se segura o suficiente para se pronunciar. E após fazê-lo, lutou para não olhar na direção de Walter em busca de aprovação.

— Bob, compreenda. Não temos o porquê de prolongar isso. Mais cedo ou mais tarde essa besta aparece e nos come ou esse teto nos esmaga. Vamos usar nossos recursos para irmos até a raiz do problema. Eliminando a besta, nossa única preocupação será conseguir comida, arrumar um lugar seguro e aguardar.

— Façam o que vocês quiserem. — Bob deu as costas e se voltou para o lado oposto da porta, onde a parede desabada abria inúmeros caminhos, inclusive ao vestiário, o qual Alexia lhe informara.

— Quem concorda comigo? — Dave correu os olhos em volta.

Todos ficaram em silêncio.

— Posso ao menos explicar o plano?

Na dúvida da monotonia, ele continuou.

— A minha ideia é usarmos um defunto como isca para atrairmos a besta. Usando suas próprias roupas todo molhado de clorofórmio. Ela ficando lesada, teremos mais chances de um tiro certo. Ainda mais se vier a adormecer. Temos bisturis, duas pistolas e Walter tem a viga para ser usada como espeto.

Elizabeth evitou olhar para ele, mas em algum momento percebera que carregava um ferro em forma de espeto.

— E como faremos essa isca? — Walter resmungou.

— Com algum morto. Só não me pergunte que morto. Temos vários à disposição.

— Meu Deus... — Juliana abriu os olhos dentro de uma careta que sequer ofuscou sua beleza.

— No armazém encontraremos mortos e comida. E não está longe daqui, embora arriscado.

— Meu Deus, faxineira, você não tem respeito por elas?

Elizabeth observou Juliana sem pressa. Teria a ignorado, mas estava farta de digerir o veneno alheio. Há momentos atrás, quando salvara-lhe a vida, não era com a expressão de posição profissional pronunciada com desmazelo que ela entoava na beira da cratera.

— Meu nome é Elizabeth. — Ela se levantou, sentindo que se agigantava diante da jovem mimada. — A próxima vez que você se referir a mim como faxineira, vai ser a última vez que irá se referir a alguém.

A mão de Walter pousou em seu peito, a afastando pra trás. Outra investida dele para destruí-la, mas não deixaria isso explícito. Deu-lhes as costas, mas Juliana ousou continuar.

— Quem você pensa que é, sua louca?

Entre os braços de Walter, ela sentia-se protegida do mundo. *Eu sei como é.* Parou onde estava e a encarou, e prometeu naquele instante que seria a última vez que olharia para ambos. Walter a apertou para si e Juliana lhe exibiu um sorriso carregado de provocação, uma ousadia que não carregava minutos atrás.

Que seja eterno enquanto dure, desejou-lhes. *Vocês se merecem.* E retornou para sua vida.

— Os ânimos estão aflorados, eu sei. — Dave pigarreou, com as mãos pousadas nas rodas de sua cadeira — Mas podemos nos esforçar para resolver problemas maiores? Lá fora poderemos voltar a nossa cotidiana guerra de vaidade.

— Em outros tempos eu defendia a ideia do clorofórmio, mas já não tenho tanta certeza. Aquela criatura é mais resistente do que cogitava. Muito mais. Eu duvido que seja um animal selvagem. — Bufou — Enfim... Eu vou até o armazém. — Bob se prontificou. — Alguém mais?

— Eu. — Elizabeth se esforçou para falar, embora a vontade de estar longe do novo casal fosse maior que o medo da morte. — Pra mostrar o caminho.

— Certo. Walter, dê a sua pistola a ela.

— Jamais. — O médico mal esperou que a frase do antigo companheiro de trabalho terminasse. — Ela não tem condições para usar isso.

Elizabeth sorriu, balançando a cabeça. As palavras dele ainda a atingiam. Os olhos de Bob caíram sobre si, examinando-a, antes de perder a paciência.

— Céus, sempre haverá uma discussão antes de cada passo.

— Essa arma será usada para proteger o grupo que vai ficar.

Mas Bob abriu a porta, mais barulhento do que deveria, sem dar importância aos porquês do médico. Elizabeth acompanhou-o, com o coração dolorido, deixando Walter ainda a se explicar para trás.

E não foi longe. Esbarrou-se na paralisada sombra do radiologista, no escuro, com a respiração afobada e a mão que segurava a arma tão molenga que não conseguia apontá-la para frente. No meio do laboratório, a criatura, rosnando como um cão preso, porém livre para o seu arraial próprio, deixando com que o grosso e quente sangue de algum corpo recém-despedaçado pingasse de sua bocarra para o piso.

— Meu Deus... Meu Deus...

Um tiro ecoou quando Elizabeth tocava a porta em seu voo de retorno, desapegada de reconhecer as silhuetas que saltaram assustadas. Esbarrou-se na parede, se chocou com a pia e levou-a ao chão, partindo a porcelana em mil pedaços. Embora desequilibrada, capengou pelo escuro sem se render ao chão. Um buraco na parede a tragou com facilidade e tão logo suas mãos pousaram em entulhos e placas de concreto desabadas do andar superior, por onde saltou e se arrastou até que por fim rolou sem controle e desabou no solo molhado e meio iluminado do vestiário onde flagrara Walter e Juliana entrelaçados como jovens aventureiros há alguns dias.

Jogou-se de quatro, mas escorregou e patinou, sentindo as demais sombras alcançando-a, também fugindo do demônio que voltara a aparecer. E os movimentos tornaram-se tão lentos quanto num pesadelo. Outro tiro ecoou e só então Elizabeth se deu conta dos rugidos e gritos frenéticos que também faziam parte do cenário.

Abriu a primeira porta que viu à sua frente e a trancou atrás de si, escalando a privada, trêmula e ofegante, e encolheu-se, abraçando as duas pernas, com os olhos molhados pousados no assoalho, à espera de que a sombra da morte adentrasse para lhe dar o fim o qual não cogitara nem em seus piores pesadelos.

E então, o grito agonizante de Juliana cortou o ambiente e tão logo seu coração. Perto da morte, as vaidades da vida deixavam de ter força. Pesadas lágrimas riscaram seu rosto para levar um estranho gosto de terror aos seus lábios. *Eu sou a próxima.*

O sangue da jovem espirrou por baixo da porta e dali Elizabeth podia ouvir o rosnar da criatura, a carne de Juliana a se rasgar e o som de seus fluídos e entranhas desabando para o chão. Naquelas alturas, ela já não sofria mais, embora os segundos em que seu corpo fora sacudido até se ver esquartejada tivessem durado uma eternidade.

E o silêncio mais frio que Elizabeth já sentira tomou o ambiente. Os pelos de seu braço se arrepiaram e de sua alma uma vontade quase incontrollável de gritar. *Esse é o sentimento de terror, é isso que sentirei quando a besta estiver me esfaquealhando.* Preparou-se para morrer, era a única coisa que podia fazer. Correu os olhos pela parte de cima, talvez pudesse se jogar para o banheiro ao lado quando sua porta desabasse. Talvez. A fera a agarraria em menos de um segundo.

De repente, o som da porta se abrindo. Não conteve o grunhido, que escapou com a lágrima que seria o tempero, talvez o favorito, da besta que escapara do inferno.

Mas não fora o som de sua porta. Nem o estrondar da porta seguinte. O coração acelerou. Elizabeth refletiu que jamais seria de outra forma. O momento de se ver frente a frente daqueles olhos que faiscavam ira viria lento, intenso, sofrível, como num filme de terror.

E por um instante, tão breve e rápido que se não fosse pelos segundos eternos que a sombra da morte era capaz de dar jamais seriam notados, Elizabeth sentiu-se orgulhosa. Não se entregou como a imagem que produzia de si mesma em todos os dias de vida lhe acusara. Não era a mulher fracassada e derrotada como sempre se sentiu. E por mais estranho que fosse, aceitar essa condição lhe acalmou o coração.

A morte me encontrou viva.

Talvez, se não se visse de forma tão ruim, teria conquistado cada plano que empilhara no porão de seu coração.

A mão sentiu no bolso os dois frascos de clorofórmio. Retirou-os e deixou que os olhos enxergassem neles um resquício de esperança o qual valia a pena ser notado.

A bocarra da besta fungou embaixo da porta, que por sorte tinha apenas um palmo de altura e não lhe concedia espaço para que enfiasse a cabeça, porém saltaria por cima com facilidade.

Ao lado, um rolo novo de papel higiênico se prontificava num suporte de metal. Elizabeth pegou-o, com o devido cuidado de não fazer barulho, e ensopou-o com o líquido do frasco. Com cuidado, arcou-se, ainda em cima da privada, apoiando a mão na porta, sentindo o bafo de carne podre que subia das fungadas do demônio, e estendeu o rolo empapado na direção de sua fuça.

A criatura espirrou, quase derrubando o rolo de papel de sua mão, mas continuou fungando. Suas narinas abriam e se fechavam, fazendo ruir das próprias entranhas um som grave que tremia as paredes.

E lentamente foi deixando de arreganhar para fora os compridos dentes caninos. A língua negra rodeou a espuma que descia de sua saliva para os pelos do

queixo e tombou no assoalho, tremelizando. Então, os tiros despertaram-na. Rugiu tão alto que fez desabar farelos do teto.

Elizabeth deixou o rolo de papel cair e se jogou para a mureta que dividia o banheiro o qual se encontrava para o espaço sanitário ao lado. De canto de olhos, pode ver Bob descarregando sua pistola, enquanto Walter se afastava após atravessar o corpanzil da besta com a viga. A criatura se arrastou pelo chão, aturdida, fazendo um largo caminho de sangue por onde passava.

Atirou-se da mureta para o solo, onde trombou-se com Alexia.

— Vamos! Vamos!

E tão logo se viram no corredor onde dias atrás se abraçaram. Naquela ocasião, Elizabeth sentia que as batidas do coração lhe destruíam por dentro, como pancadas. Estava totalmente presa em uma vida a qual se obrigava a compreender. *As coisas não são como a gente quer.* E por um relance de consciência, percebeu que aquela dor tinha uma raiz da infância. Era como se sentisse o mesmo que a mãe. Estava amaldiçoada por algo que não era sua culpa.

Os pensamentos pararam de repente. No mesmo instante em que não se via mais corredor, saída, qualquer resquício de cenário anterior. Somente terra, blocos de concreto e corpos gélidos e rígidos que expressavam luta pela vida antes de serem sufocados.

— E agora, Liza?

— Volta!

E tomaram o caminho de volta. Os tiros ainda cortavam o ambiente e quando Elizabeth adentrou o vestiário, lá estava a besta, de bruços, com a mão estendida como se implorasse para que parassem. A viga ainda atravessava seu tronco e em diversos pontos seu sangue negro descia, encharcando os pelos e grudando-os no corpanzil. Bob praguejava com a arma que já não tinha munição a estralar na mão e Walter descia um pedaço de madeira sobre a cabeça da criatura. A cada pancada, um grunhido estridente como um cão agonizando que o enchia de um prazer não compreensível.

Alexia cobriu o rosto e Elizabeth amparou-a sem olhar para o lado, apenas buscando a passagem na parede a qual vieram anteriormente. E tão logo lá se viram, trombando em cada obstáculo que encontravam pelo caminho escuro. Desejou com todas as forças ser surda para não ouvir os grunhidos que iam ficando para trás.

E por fim atingiram a sala do laboratório. Embora escura, notava-se a porta rasgada ao meio como se fosse de papelão.

— Meninas...

Elizabeth deu um grito que sentiu que o coração escapara pela garganta.

— Calma, calma... — Era a voz rouca de Dave.

Deixou que Alexia escapasse de seus braços para se apoiar nos joelhos em busca de oxigênio.

— Não sabia que você ainda estava aqui...

— Não posso acompanhá-los. — Elizabeth ergueu os olhos para ele e viu sua silhueta apontando para a cadeira de rodas.

Alexia deu a volta por ele e o conduziu laboratório adentro. Elizabeth saltou até a geladeira e jogou as bandejas que portavam os frascos de clorofórmio para dentro da mochila que já se prontificava aberta no chão. Em seguida, arremessou-a para que Dave a levasse e tomou o caminho para fora.

— Para onde vamos?

— Armazém, deixe que eu vá à frente.

Elizabeth se adiantou, tomando o corredor, sem se importar com as labaredas que choviam do teto. As costas voltaram a latejar e não sabia o porquê de sentir o joelho dando pontadas agudas.

— Hey! — Gritaram lá de trás.

Era Bob e Walter, estavam banhados pelo sangue da besta. Se aproximaram como heróis, exaustos, aterrorizados, porém a missão fora executada.

— Conseguiram? — Dave expressou um olhar que implorava por uma boa notícia.

— Ela está agonizando... — Bob se apoiou nos joelhos, esbaforido. — Não tínhamos mais o que fazer... O desgraçado não morre...

— Mas fechamos todo o banheiro. — Walter tomou a palavra, mantinha-se ereto, elegante, orgulhoso. — Temos tempo. Isso é clorofórmio?

— Sim... — Dave fitou Elizabeth esperando que ela concordasse.

— Podemos usá-lo para terminar o serviço.

— O serviço é fazê-la dormir? Eu pensei que era matá-la. — Bob estava sem paciência.

— Não, idiota. Mas se ela adormecer poderemos jogá-la pela cratera.

Bob espalmou a mão a frente como se pedisse um tempo para respirar. O cigarro destruíra seus pulmões.

— Precisamos de armas, é isso. — Foi a única coisa que conseguiu dizer.

Walter deu de ombros, olhando em volta. Elizabeth estava invisível para ele e desejou ter essa mesma habilidade.

Por fim, não se permitiu perder-se nos próprios pensamentos. Voltou a tomar o caminho do armazém, ouvindo Alexia girar a cadeira de rodas no próprio eixo e segui-la.

CAPÍTULO 11

— Não deveríamos permanecer aqui. — Dave gaguejou, correndo a luz da lanterna pelas cascatas de areia que despencavam do teto. — Esse lugar vai desabar.

— Precisamos de comida. — Bob saltou por sobre tijolos que já haviam despencado. — Foi o combinado, lembra? — E a poeira que subia do chão o engoliu.

Alexia conduziu Dave em sua cadeira até a entrada, onde o corredor se prontificava, no lado oposto à cratera.

— Venha, Liza. Me ajude. — Walter se remexeu no escuro, arrastando consigo o corpo esquartejado de Lúcia.

Não saberia explicar. Observar a ex-amiga naquela hora lhe embrulhou. *Grandes olhos brancos como a lua numa pele negra que representava a noite calma de um outono.* Pegou em um de seus braços, onde tiras de pele balançavam soltas a escapar de arranhões profundos. Estava gelada, sentiu quando agarrou seus pulsos para arrastá-la até a entrada. Gotas de lágrimas foram despencando, embora se esforçasse para parecer fria.

— Por que está chorando? — Walter rangeu os dentes, enquanto afastava uma placa de concreto do caminho. — Ela era uma pessoa falsa com você.

Elizabeth o observou, embora o médico falasse sem lhe dar importância.

— Era?

— Era. Falava de você pelas costas. Te tratava mal na frente das pessoas que não te conheciam.

Elizabeth sorriu para si própria, era como se a consciência de que o veneno já não lhe fazia mais efeito estivesse ali, no seu ombro, lembrando-lhe.

— Meu luto é pelos momentos bons que ela me deu.

— E por esse hematoma no rosto? — Walter finalmente a observou quando atingiram a parede quebrada que dava entrada para o armazém. — Você precisa ser menos boazinha, o mundo não é esse conto de fadas que você vive esperando que aconteça.

Elizabeth continuou a olhá-lo, até que ele encontrasse algo mais interessante para se distrair, e foi o que fez, caminhou até o meio do corredor e observou o outro lado com as mãos apoiadas na cintura.

Não é um conselho. Tampouco uma análise de algo que percebeu. Foram só palavras que escaparam quando notara algo de puro em mim. Palavras essas plantadas por Juliana.

— Juliana não perdia tempo com as notícias. Deveria ser jornalista. — O coração tremeu de medo ao dizer, mas sentia-se tomada pela raiva. Sua vida não era algo a se lembrar, muitas vezes ela própria gostaria de esquecê-la, e nem assim escapava da língua das fofoqueiras. *Esse hábito é uma maldição nesse lugar.*

Mas Walter fingiu não ouvi-la, ainda de costas, e só foi virar-se quando Bob retornou, coberto da sujeira que desabava do teto. Jogou o saco preto no chão, o mesmo o qual Elizabeth arrastara consigo antes de Lúcia lhe proibir de matar a fome com os biscoitos.

— Vamos. Não temos tempo. — Dave estava desesperado.

— Consegui avistar alguns policiais mortos do outro lado. Não temos mais munições.

— Bob, esqueça isso. — Elizabeth suplicou, segurando a manga de sua blusa. O cenário aos fundos, desabando, começava a lhe apavorar. — A besta já está morta.

— Não está, a qualquer hora ela retorna.

— Mas o andar está desabando.

— É rápido! — E ele saltou de volta para dentro da nuvem de poeira. E a cada segundo lá dentro, o som das paredes se partindo e placas de concreto desabando em estrondos que faziam tremer o solo onde pisavam anunciava o fim da esperança.

— Ele não vai conseguir sair. — Dave cobriu o rosto com as mãos.

Alexia começou a gritar descontroladamente de forma que Elizabeth nunca vira antes. Estrondos ecoaram, balançando todo o ambiente e fazendo com que a poeira ofuscasse qualquer resquício de visão do cômodo onde Bob adentrara.

Uma pistola se projetou no ar, vindo da nuvem de poeira, e quicou no assoalho, rodopiando até ficar imóvel. Logo em seguida, uma outra. Bob quem as arremessara, certamente na dúvida se conseguiria se salvar a tempo.

— Bob!!! — Walter berrou.

Mas placas desabaram do teto e cobriram a entrada como portões, toda a terra e entulho do compartimento superior escorregaram para baixo e puseram um fim na passagem.

— Eu não acredito... — Elizabeth se viu de joelhos. A garganta se apertava e fazia o peito queimar.

Alexia a ergueu.

— Vamos!!!

E o corredor começou a tremer. Blocos desabaram em volta, mas seus pés estavam ágeis pelo pânico. A poeira tomou todo o ar. Estrondos e reverberações. A iluminação se apagou imediatamente e Elizabeth se vislumbrou desabando cratera abaixo.

— Aqui! Aqui! — A voz de Walter se sobressaiu em meio ao caos e Elizabeth conseguiu enxergar sua silhueta graças a luz de algum outro corredor. Ele abria uma porta, onde Alexia penetrou com agilidade levando Dave em sua cadeira de rodas. E tão logo se viu dentro do laboratório.

O cômodo estava intacto, mas as mesas balançavam e derrubavam os frascos no chão, espatifando-os em mil pedaços. A geladeira que fazia barulho desligou de repente, no mesmo instante em que o corredor do outro lado deixou de oferecer sua pouca claridade.

Permaneceram intactos, já não havia para onde correr. Dave acendeu a lanterna e em seus olhos podia-se ler que apenas aguardava a morte. As vidraças estouraram e os entulhos invadiram o laboratório, levando ao chão os armários de canto e cobrindo-os de terra. Mas os tetos não racharam, tampouco as paredes cederam. Tão logo, fez-se silêncio. E então, só se ouviu o respirar pesado de Walter e os soluços de Alexia.

— Viu o que você fez? — Elizabeth sentiu que os pés perdiam o chão antes mesmo da frase atingir seus ouvidos e, quando se deu conta, balançava de um lado a outro com a fúria a qual Walter a sacudia. Ergueu os olhos para ele e se assombrou com aqueles olhos vermelhos de raiva. — Essa ideia foi sua!! Você nunca faz nada certo! Não é a toa que não passa de uma faxineira vagabunda!

Elizabeth não soube distinguir tão rápido se o que mais doía era a força que aqueles dedos adentravam em seus braços ou se as palavras que recebia como punhaladas, rasgando a carne e achando o mais profundo do seu íntimo.

— Você vai ficar trancada aqui! Não permitirei que você mate mais ninguém, está me...

— Cale a boca, filho da puta!

Elizabeth amaria ter a coragem de lhe dizer isso, mas quem tomou a palavra fora Alexia. E era tudo o que Walter deveria fazer ou teria a cabeça explodida. A menina segurava a pistola bem ao lado da orelha dele e seus olhos faiscavam tanto quanto.

— O que você pensa que...

— Eu mandei calar a boca!

A mão de Walter se afrouxou e Elizabeth pode sentir o braço dormente voltando a ser seu. A lágrima que escapou de seu olho desceu no mesmo instante em que a gota de sangue no local onde fora agarrada. Alexia não abaixou a arma.

— A próxima vez que eu o ver se aproximando de Elizabeth, vou gastar toda essa porcaria no seu pinto, seu monte de verme.

— Garot...

— Cale a boca! Eu não vou pedir de novo!

Elizabeth se atirou por trás da mesa ao lado, buscando um local mais distante, enquanto a cadeira de rodas de Dave rangia com suas peças sem óleo.

— Acalmem-se, por favor. — Foi o que ele implorou com a rouquidão da idade — Não podemos nos dividir. Temos algo muito pior nos corredores. Alexia, minha filha, por favor...

— Dave, pegue a arma dele.

O cadeirante olhou em volta, com as mãos para cima como se fosse um refém, mas na verdade só queria que todos se acalmassem. Escorregou seu meio de transporte de necessidade até o médico e pegou a arma de sua cintura. Após isso, guardou-a no próprio paletó.

Alexia deixou o braço descansar, mas os olhos ainda fuzilavam Walter, que descongelou e a observou com a veia que ainda saltava em sua testa. Diria qualquer coisa, mas Elizabeth percebeu que o médico não estava acostumado a ser confrontado e sentia naquele instante a terrível quebra de padrão. Talvez o seu cérebro estivesse demorando para organizar as informações do atual momento e, de forma desconfortável, berrando dentro de si que, por trás daqueles lindos olhos azuis, debaixo daqueles longos cabelos castanhos em tranças, dentro daquele magro corpo de adolescente, morava uma ameaça.

Alexia enfiou a pistola na cintura e por fim desviou os olhos para Dave, balançando a cabeça para ele em respeito, e se retirou para o banheiro aos fundos.

O silêncio que pairou foi desconfortável, mas era o melhor que tinham. Elizabeth correu os olhos pelo chão, ainda sentindo o braço latejando, e buscou um canto onde pudesse deitar-se e dirigir a Deus uma reza em pensamento. E foi o que fez. E não soube em que momento adormecera, nem quanto tempo durara. Apenas sentiu que uma mão pousava em seu ombro e, quando estremeceu, nada havia, nem ninguém. Apenas tivera um pesadelo que não conseguia recordar. Embora algo tivesse sussurrado em seus ouvidos antes de sumir na escuridão.

Bob está morto.

CAPÍTULO 12

— Eu adoraria ter outra escolha, mas não temos. — Walter rosjava, revelado pela pouca luz que rebatia nos destroços do caminho até o vestiário, com Dave a balançar em um de seus ombros. — Se ficarmos, seremos soterrados.

Elizabeth tropeçou em um tijolo e foi obrigada a voltar a si e largar Bob em algum lugar escuro de seus pensamentos. Era certo que veriam a besta novamente, afinal ela ficara trancafiada no vestiário, ferida, no último encontro que tiveram. Mesmo assim, Elizabeth fizera uma oração usando toda a sua fé para que Deus impedisse essa possibilidade. E agora, tentava afastar tais pensamentos da cabeça.

Alexia seguia na frente, segurando a lanterna com uma mão e a pistola com outra. A mochila com os frascos de clorofórmio e alguns pacotes de suprimentos balançava às suas costas. A segunda arma estava com Dave.

— Vamos fazer o seguinte, — Walter tornou a falar — Eu me encarrego pela vida de Dave. Dave, você atira caso aquela merda se aproxime. Alexia, você ilumina e também atira.

Alexia balançou a cabeça.

— Elizabeth, — Walter a observou com demora e em seus olhos brilhava a desconfiança. — Sua missão é abrir a porta. — Lhe estendeu um molho de chaves onde a exata se destacava entre dedos sujos e tremulantes do médico. — Você consegue fazer isso?

Elizabeth deixou descer uma sólida descarga de saliva goela abaixo.

— Sim... — E sentiu o estômago se revirar.

— Confio em você. — Dave pousou a mão em seu ombro e a observou com um olhar paternal o qual nunca recebera antes. A emoção que plantara naquele instante em seu íntimo pareceu-lhe capaz de conquistar o mundo.

E por mais que desejasse que a entrada do vestiário nunca chegasse, ali estava ela. Uma placa de concreto servia de porta.

— Não estou ouvindo nada... — Alexia sussurrou, sondando pela fresta o lado de dentro. Tudo escuro.

Walter pousou Dave no assoalho.

— Eu vou empurrar a pedra. Você entra primeiro, Liza. Já sabe o que fazer.

Ela nada mais fez. Apenas respirou fundo pra tentar controlar o tremor e se visualizou com orgulho. *A morte me encontrará viva.*

Walter rangeou os dentes e a placa se arrastou. O barulho derrubou farelos do teto e fez o piso tremer. Entretanto, nenhuma movimentação dentro do vestiário.

Alexia apontou a lanterna para dentro. No chão, poças de sangue se espalhavam e buscavam os cantos, já grossos e enegrecidos. O tronco de Juliana jazia no centro, aberto, com todos os seus órgãos estourados. Um dos seus braços se prendia ao ombro somente por um nervo. O outro se perdera em alguma parte. O rosto observava o teto com olhos arregalados de pavor. A boca de lábios já azulados ainda tentava gritar, mas o fôlego da vida fora arrancado juntamente com o pulmão nas mandíbulas do demônio que a destroçara ali. Em algum lugar, gotas de água pingavam em ritmo apressado e os fios em curto estralavam no corredor.

— Deus queira que tenha morrido... — Dave sussurrou, enquanto Walter o jogava de volta em seu ombro como um saco de cimento.

— Liza, sua vez.

Elizabeth adentrou o local. Nenhum sinal do demônio. Os pés tocaram o solo com cuidado e os olhos ligeiros buscavam qualquer movimento. Apenas a goteira e os fios do corredor. Talvez o fantasma de Juliana tentasse falar algo, inutilmente.

Atingiu a porta de ferro que dava para o corredor e rapidamente enfiou a chave. A ferramenta se encaixou de uma vez, embora as mãos suadas tremessem. Girou, girou e nada. Fez força, mas a chave começou a entortar entre seus dedos.

Meu Deus, não é possível!

— O que houve? — Alexia parou ao seu lado, mirando a lanterna e a arma para os fundos do vestiário.

— Gira, gira! — Walter pegou sua mão de repente, estava tão amedrontado quanto ela.

— A fechadura está quebrada. — Elizabeth gaguejou.

— Não acredito nisso!

E então, o som de unhas tocando o solo soou no ambiente, juntamente com algo que se arrastava. Elizabeth olhou para trás, mas nada viu dos fundos. Walter já havia tomado posse das chaves, com dificuldade, pois com um dos braços sustentava Dave no ombro.

— Deixa que eu faço isso! — Elizabeth se atirou novamente nas chaves, mas Walter a impediu com seu corpo.

— Droga! Você quebrou a chave!

— Eu não quebrei.

— Vai! Vai!! — Elizabeth gritou.

Elizabeth voltou-se para os fundos e então viu a besta se arrastando, com a viga ainda atravessada em seu tronco e os olhos derramando fúria. Dave começou a

disparar. O demônio grunhia, cobria o rosto com uma das patas, mas logo voltava a se arrastar na direção deles.

— Droga! — Walter socou a porta.

Alexia, disparou uma, duas vezes, e então voltou-se para a porta e socou-a também, deixando que o choro infantil deformasse seu rosto numa agonia que arrancou de Elizabeth a própria alma assombrada.

— Atira! Atira! — Dave berrou, apertando o gatilho de sua arma e ouvindo apenas sons vazios.

A besta já estava a um metro, aproximando-se vagorosamente, com a bocarra já aberta e os pés traseiros inúteis a se arrastarem. Nesse instante, um estralar metálico ecoou e a porta se abriu. Elizabeth, que encontrava-se de costas para a passagem antes trancafiada, se viu solta no ar, com o teto onde a fraca iluminação piscava incessantemente passando diante de seus olhos até que as costas encontraram o solo, violentamente. O fôlego foi embora e tudo girou.

Quando deu por si, adiante do corredor, Alexia gritava assombrada, se espremendo, para que ela se levantasse. Walter ainda mantinha Dave nos ombros, galopando de costas, apenas assistindo-a ficando para trás. Elizabeth então levantou-se nos quartos traseiros, vendo tudo girar, e ao virar de quatro, desabou novamente.

As mãos tatearam a parede, escura, clara, escura, clara. A lâmpada que iluminava o ambiente a fez lembrar-se por um instante das luzes natalinas. Tateou buscando apoio e as pernas molengas pisotearam o solo sem firmeza. Tão logo se viu estirada novamente, bêbada de terror.

Estou num pesadelo. Acorda, Liza!

Espremeu os olhos e quando voltou a abri-los, o solo se esticava à sua frente, o mesmo solo de um segundo atrás, porém não girava mais. E o corpo deslizou para trás, voltou-se e então contemplou a besta a puxando para si com suas garras que adentravam o couro do sapato como uma navalha. Chutou o ar e se viu livre, mas sem tempo para levantar-se. Jogou-se de quatro e gatinhou com todas as forças que lhe restavam.

Então, um tiro ecoou, deixando-a surda enquanto farelos despencavam à sua frente. Adiante, Alexia voltava a correr sem deixar de olhar para trás. Walter espancava uma porta de ferro com o molenga Dave visivelmente desconfortável em seu ombro.

Viraram o corredor à direita, na direção contrária onde entulhos fechavam a passagem, e foram engolidos pela escuridão. Alguém acendeu a lanterna e Elizabeth sorriu para a porta de emergência que se exibia como uma luz no fim do

túnel. E então, uma cortina de água fria lhe tocou o rosto. Imediatamente ouviu um estrondo e Walter gemer.

— Dave! — Alexia gritou, apalpando a parede. Sua lanterna caída no canto da parede revelou o pobre idoso escorregando pelo solo enquanto Walter lutava para voltar a se colocar de pé no chão molhado.

Elizabeth tentou parar de correr, em vão, seus pés saltitaram no ar e novamente ela se via no chão. Pode ouvir o estrondo de sua cabeça contra o solo. Escorregou até abaixo de um extintor de incêndio e o usaria como arma, mas antes de se atirar nele, a fera já estava à sua frente, também derrapando e molhando os pelos acinzentados da parte inferior de seu tronco. Não se arrastava mais e de alguma forma se livrara da viga que a transpassava momentos atrás.

Isso é um pesadelo. Acorda!

Elizabeth ainda percebeu pelo canto dos olhos o médico se levantando metros adiante, aproveitando-se da distração da besta, para retomar seu caminho rumo aos fundos. A mente acelerada cogitou que a assistiriam pela vidraça da porta sendo despedaçada.

Sua respiração ofegante, profunda e rápida lhe trouxe o cheiro e o gosto do hálito da besta. Carne podre. A grande cabeça, agora a apenas dois palmos de distancia da sua, tinha espasmos musculares na testa e deixava escorrer por lábios negros uma saliva grossa e espumante. Elizabeth pode ver o fogo do inferno naqueles olhos amarelados e na sua respiração, estalos secos e gritos de mil demônios em fúria.

— Liza... Liza... Por favor, sou eu... — As palavras escaparam de sua boca como uma última tentativa idiota de sobrevivência.

A besta lhe exibiu sua bocarra repleta de dentes pontiagudos, espumando, onde a língua negra tremia em constantes movimentos curtos, e de suas entranhas um estranho som abafado e grave como um ronronar, porém demoníaco.

— Liza...

Empurrou as costas contra a parede e sentiu com a palma da mão o frasco que sobrava no bolso da blusa.

— Liza, eu preciso... Voltar para o meu filho...

Suas mãos forçaram o frasco contra o solo, até que o ouviu partindo e os pedaços de vidro adentraram sua palma e o líquido lhe queimou.

A besta deu um passo a frente e lambeu seu rosto. *O maldito ritual de terror*, ela compreendeu, lembrando-se da forma a qual matara Letícia aos poucos. E, vivendo seus últimos segundos, percebeu que o demônio não se alimentava necessariamente de carne, mas do medo, do sofrimento, da tristeza. Engoliu o

choro e o tremor acentuou-se dentro de si. Não viu outra saída a não ser esticar a sua mão a frente, tateando pelo chão, em busca da pata coberta de sangue da criatura.

— Preciso ir pra casa... Salvar meu casamento... Lembra...

O lobisomem rosnou. Talvez, nunca tiveram antes tamanha ousadia e aquilo o transtornara de certa forma. Assim como Alexia quando apontara a arma na cabeça de Walter. Os dentes pontiagudos se aproximaram num solavanco e naquele instante Elizabeth se viu morta. Apenas fechou os olhos e esperou. Segundos eternos peregrinaram onde o medo insistia para que gritasse com todas as forças e as entranhas se reviravam com o cheiro de carniça.

Então, abriu os olhos e lhe estendeu a mão ensanguentada onde os cacos despencaram e tilintaram ao solo. A besta abriu a bocarra e rugiu. Elizabeth contemplou a garganta negra, profunda, tomada por uma espuma que julgou tratar-se da doença a qual a paciente do quarto 102 sofrera antes de se transformar. Não adiantava mais fugir da realidade, a criatura à sua frente era de fato Liza.

— Você é eu. — Elizabeth deixou que seu último sorriso riscasse pelo rosto. — Quando você se vê, se sente como eu me sinto. Suas impulsões são as mesmas que passam pela minha cabeça a todo instante. Estar presa aí, em sua ruína própria, é compreensível. Eu também estou presa dentro desse demônio... Intimamente, você também se pergunta quando tudo isso vai acabar?

A fera rosnou, com os olhos esbranquiçados, e empurrou a cabeça contra a sua mão. Nunca estiveram tão próximas. Elizabeth então percebeu as larvas que caminhavam entre os pelos acinzentados, aos montes, devorando-a como pulgas.

E um tiro ecoou como um trovão, acertando a criatura na fronte e fazendo com que seu sangue negro espirrasse na parede. Sua cabeçorra sacudiu-se para o lado e deu um grunhido melancólico que cortou Elizabeth nas entranhas da alma. Imediatamente, se arrastou com as costas na parede e nada mais lhe importou que não fosse a porta onde seus companheiros aguardavam-na. Sequer olhou para trás. Sequer analisou o chão escorregadio ou preocupou-se com a possibilidade de ser rasgada pelas costas pelas garras de Liza.

E atirou-se na direção da porta aberta, onde Alexia ainda recolhia a pistola, para ser tragada no instante em que a mente vislumbrava-se com a garganta negra cheia de espuma da besta.

Rolou pelo solo e seu corpo foi parar nas muretas da escadaria. Walter passou ligeiro levando Dave nos ombros e Alexia deixou a porta assim que esta jazia trancada. E um estrondo contra o metal a fez se arrepiar, era o demônio, tomado pela fúria de seu instinto.

Os degraus estavam iluminados por labaredas que despencavam em alguns pontos, mas nos andares inferiores podia-se notar lâmpadas acesas a agonizarem o fim de suas utilidades.

Desceram pelos degraus a passos rápidos e mesmo a três andares percorridos na direção do porão, ainda ouviam a besta lutando contra a porta. *Se ela abre, estaremos todos mortos.*

— Por aqui! — Walter urrou, já não se aguentava mais de pé. Atirou-se num intervalo de degraus e se arremessou para dentro de um corredor mal iluminado. Alexia e Elizabeth seguiram-no.

O corredor era banhado por uma fraca luz amarelada. As paredes e o teto estavam intactos, embora portas se escancarassem pelo caminho e papéis e objetos contassem uma história onde pessoas tentaram fugir aos gritos para onde o nariz apontasse, em vão.

— Por que você não matou aquela porcaria enquanto estávamos no vestiário? — Walter se jogou de joelhos, largando Dave no solo, para que se virasse com a dificuldade de uma tartaruga.

— Dave descarregou a pistola e de nada adiantou. — Alexia tentou se explicar, arregalando seus olhos azuis, enquanto trancava a porta por onde entraram.

— Mas você não atirou.

— Eu atirei, mas não adiantou.

— Era pra ter descarregado, porra!!

— Ao menos a munição restante pode salvar Elizabeth... — Dave se arrastou até uma cadeira de rodas estacionada a beira da parede lisa do corredor, Elizabeth amparou-o para que se acomodasse nela, sentindo ainda a mão latejar pelos cortes do frasco que quebrara.

— Ainda tenho uma bala. — A jovem verificou a pistola.

Walter se colocou de pé, ainda esbaforido, e tomou a frente, sem mais nada dizer. Elizabeth e Alexia se entreolharam e Dave apertou a mão da faxineira que se posicionou para conduzi-lo.

— Você foi muito valente! — Sua voz tornou-se estranhamente paternal outra vez e quase arrancou um soluço da criança ferida que habitava dentro de si. — E você, — apontou para Alexia — onde aprendeu a atirar daquele jeito?

Alexia deixou um sorriso carregado de orgulho riscar o rosto.

— Free fire.

CAPÍTULO 14

— Daqui a pouco o lobisomem encontrará alguma brecha para chegar até nós e não temos o corpo para executar o plano. — Walter resmungou, enquanto virava a tigela de sopa com as duas mãos goela abaixo, deixando escorrer o caldo pela barba ressecada.

— Isso nos dá duas escolhas. — Dave coçou o nariz, observando a sua tigela já vazia. — Achar outro corpo ou achar outro plano.

— Você dá escolhas porque sabe que não vai ser você quem vai levantar daí para executá-la?

Elizabeth estava no fogão, esperando que a água fervesse o suficiente para preparar a sua refeição, e não pode deixar de observar Alexia no canto da sala, acomodada com os dois pés na poltrona, a disfarçar suas reações enquanto ouvia a conversa dos dois homens.

— Você ainda tem a opção de um novo plano. — Dave sorriu apesar da falta de humor de Walter. — O meu cérebro funciona melhor que minhas pernas, garanto-lhe.

— Sim, ao menos você tem um cérebro...

O comentário de Walter acertou Elizabeth, embora não tão claro. Fitou a sopa fingindo que nada ouvira e tentou afastar da mente a chave quebrada na porta do vestiário. *Oras, por que estou me culpando por isso? Ele quem quebrou a chave.*

Quando chegaram por fim naquele cômodo escolhido por Walter, Elizabeth permitiu-se um pouco de descanso, embora a fome e o medo da criatura ainda lhe perturbassem. A visão de sua bocarra com a saliva a escorrer espumando, o cheiro de carne podre e as larvas perambulando nos pelos acinzentados brigavam dentro de si, lhe causando infinitos transtornos emocionais, para ocupar a tristeza que pertencia ao luto por Bob.

Ao ver a sopa já pronta a borbulhar, despejou-a numa tigela com cuidado, pois uma das mãos estava envolvida por um pano rasgado para proteger o ferimento da palma, e caminhou até Dave. Mal assentou-se e Walter se levantou do outro lado, sem observá-la, como se ela fedesse. *Ele sabe como me machucar.* Fitou-o a escapar pela porta e sumindo pelo corredor, assim como sua fome.

— Quando eu era criança, — Dave quebrou o gelo. — meu pai mudou-se para uma cidade mais tranquila para buscar um descanso à minha mãe que sofria

de depressão. Ela se culpou a vida toda, pois era ela quem dirigia o carro no dia em que sofremos o acidente que causou a minha paralisia. — Embora a história carregasse dor, Dave contava com um sorriso resultante da sua força de espírito. — Eu era uma criança bagunceira antes do acidente. Vivia trepado em muros, árvores e o que quer que aumentasse as minhas chances de uma queda que me desse o mesmo futuro que o acidente de carro. — Riu. — A escola onde passei a estudar, sempre me arrastando em minha cadeira de rodas, era a melhor escola da região. Eles julgaram estar compensando o fato de eu já não ter mais a minha vida de antes. Estavam errados, mas nunca contei.

Elizabeth apenas observava o senhor.

— Na antiga escola antes do acidente, um ensinamento terrível e alunos extremamente indisciplinados, diga-se de passagem, eu tinha amigos de infância que foram como anjos a me ampararem em meu novo estilo de vida. Apesar de pequeninos sem qualquer estrutura familiar, eles compraram a minha causa. Eu levantei o troféu do futsal interclasse que meus companheiros de sala conquistaram naquele ano. A garota que eu era apaixonado, o meu primeiro amor, conduzia a minha cadeira de rodas nos intervalos. Não sei se ela tinha pena ou se na época éramos puros e ela não enxergava a minha diferença dos demais, sempre me levava a um corredor vazio e me enchia de beijos.

Elizabeth riu.

— Como chorei quando ela saiu do país. — Ele riu ainda mais. — Foi a melhor época da minha vida em questão de sorrisos desde que perdi metade dos meus movimentos. Na outra escola, porém, foi um inferno. Fui matriculado lá no ano seguinte. A escola, graças a sua fama, recebia alunos ricos e outros de famílias totalmente destruídas, onde lutar por uma vaga naquele local era a luz no fim do túnel. Eu já cheguei como o alvo principal. Ali não havia conhecimento de minha história, não existia compaixão. Eu fui apresentado de fato ao mundo que teria de encarar pelo resto da vida. Era humilhado pelos ricos e o saco de pancadas dos desfavorecidos. Pra piorar, o ensino estava há anos luz do meu nível escolar. Mas foi graças a essa época que fui moldado em tudo o que sou. Pra fugir da difícil missão de ser sociável, eu passava os horários de intervalo escondido na biblioteca. Pra ajudar a passar o tempo, eu lia todos os tipos de livros. Nessa época descobri que as mulheres gostavam de homens inteligentes, então tentei compensar a situação e investi tudo o que tinha no meu cérebro. Aliás, nunca contei aos colegas, mas se tinha um lugar que era frequentado por mulheres incríveis e pouca concorrência, esse lugar era a biblioteca.

Os dois riram ao mesmo tempo.

— Uma pena que minha mãe não acreditasse no que eu sempre insistia em lhe dizer. O homem que descobre o poder da mente mal precisa do resto, ele é capaz de qualquer coisa.

— Levarei isso comigo quando sairmos daqui.

— Que bom que sua mente está saudável, do contrário essa possibilidade sequer seria cogitada.

Das últimas palavras Elizabeth desconfiou um pouco da veracidade, mas preferiu nada dizer. Dave era um homem totalmente agradável e esse dom trouxe até mesmo o seu apetite de volta. Ele tinha muitas coisas em comum com Carlos, entre elas, as muitas horas gastas na biblioteca da escola. Lembrar do ex marido cortou-lhe o coração e a sopa desceu dolorida. De fato, Carlos era uma espécie de personagem de livro. Talvez o homem mais bondoso o qual se relacionara. E estranhamente, o que lhe causava mais ranço. Ao mesmo tempo em que Walter era o mais desagradável, e de forma injusta, habitava o mais íntimo de sua alma.

Viu-se refletida no que restara da sopa no fundo da tigela. Odio-se com todas as forças e em pensamento disse a si própria... *Seu castigo é estar presa nesse corpo, nessa vida soterrada, pelo resto dos seus dias.*

— O que pretende fazer quando sair daqui?

Elizabeth observou-o, pensativa.

— Primeiro vou abraçar o meu filho com todas as minhas forças e tentar reatar minha vida ao lado do pai dele.

Dave fitou-a como se pudesse enxergar a sua alma.

— E o senhor? — Ela quebrou o gelo.

— Vou me olhar no espelho, — ele sorriu — no fundo dos meus olhos, até enxergar a criança que vive dentro de mim, e então lhe perguntarei: O que posso fazer hoje para que você se sinta ainda mais feliz?

— Você é um homem incrível, Dave. — Elizabeth admitiu, com um sorriso que não podia conter. *Assim como Carlos*, completou em pensamento.

Walter trouxe sua escuridão de volta ao ambiente.

— Encontrei a cratera. — E se deslocou para as costas de Dave, tomando sua cadeira de rodas e o conduzindo consigo para o corredor sem sequer perguntar se o amável senhor assim desejava.

Apesar do silêncio, a presença de Alexia aos fundos se fazia notar. Elizabeth observou sua silhueta indagando-se se não era um móvel do cômodo. Levantou-se e foi até ela, sentindo a mão latejar e uma corrente de ar gelado vindo do corredor por algum milagre e arrepiando-lhe.

Alexia se acomodava com os braços em torno das próprias pernas e o queixo pousado no joelho a observar o nada com olhos que piscavam lentamente enquanto fitavam no chão. Não chorava, nem produzia barulho, apenas sofria calada. E Elizabeth sentiu a dor da empatia.

— Conta pra mim.

Alexia apertou os lábios e preferiu a incômoda dor do silêncio.

— Não sei o que você pensa, — Elizabeth insistiu numa conversa — mas sinto que estamos nos aproximando do final disso tudo.

A jovem balançou a cabeça. Elizabeth observou-a, mas não encontrou em si as palavras que queria lhe dar.

— Apesar de tanto, parece previsível como num roteiro que a cada capítulo alguém vai morrer. Isso me faz repensar o quanto estar viva como prometemos pode chamar a atenção da morte.

E o ambiente se tornou tenebroso fazendo com que Elizabeth se arrependesse das próprias palavras.

— Me diga alguma coisa.

— Eu só estou cansada... — Alexia umedeceu os lábios.

— Eu ainda não te agradei por salvar a minha vida.

— Não salvei. O tiro não matou o lobisomem. Você que é dona do mérito.

— Não estou falando só da última. Desde que tudo começou. Você me deu forças quando eu não as tinha mais e quando a besta te carregou, eu refleti por muito tempo se queria de fato continuar. — Olhou-a nos olhos. — Obrigado.

Dessa vez, Alexia sorriu.

— Sabe, eu não voltei somente para te salvar. Não tenho essa coragem que você pensa. — Alexia sussurrou com pesar, como se guardasse aquele desabafo por muito tempo. — Eu não teria conseguido continuar se você não tivesse comigo. Quando lhe disse que a morte teria que nos encontrar juntas, não era uma promessa. Era uma confissão.

Elizabeth afagou a mão dela, desejando que pudesse sentir todo aquele mar de sentimentos bons que tomavam agora o seu coração.

— Por que você fala besta? — Alexia quebrou o clima que ela própria construía.

— Porque é o que ela é.

— Lobisomem.

— Sou descrente demais para acreditar em lobisomens.

— Descrente e supersticiosa. Isso não faz sentido. Você já me falou inúmeras coisas que leva pra sua vida, muitas delas até te limitam, mas observar o óbvio que estava à sua frente parece ser uma tarefa impossível.

— Certas coisas que levo para a minha vida e muitas vezes me limitam são resultados de experiências ao longo dos meus trinta anos. Talvez se um lobisomem voltar a aparecer um dia eu cogite a possibilidade.

— Ele já apareceu dezenas de vezes nos últimos dias. O uivo que ouvi naquele dia que fumamos na guarita do terraço até hoje me traz pesadelos. Eu o vi de perto, Liza, enquanto era arrastada antes de cair pela cratera. Eu nunca vi nada igual. Não preciso de mais que isso para saber com o que estou lidando.

Elizabeth quem preferiu o silêncio dessa vez. De certa forma, Alexia estava certa. Refletiu na tentativa de ganhar tempo enquanto tratara-a como a própria Liza do quarto 102 e em como a fera se alimentava de terror. De um jeito estranho, mas não exclusivo, percebeu-se sendo levada pela tristeza ao lembrar-se da paciente que carregava seu apelido. E apesar de sua aparência monstruosa, o quão doce foi estar ao seu lado.

— Talvez Walter saiba.

— Duvido que converse com a gente depois que ameacei explodir a cabeça dele.

Elas riram. E Alexia voltou a observar o outro lado escuro da sala.

— Eu o ouvi conversando com Dave enquanto você dormia. — A jovem continuou, diminuindo o volume da voz. — Disse que este hospital tem várias passagens de emergência e que o lobisomem possuía olfato de um lobo. Logo seremos encontrados novamente.

Um arrepio percorreu-lhe pela coluna e a estremeceu.

— A última coisa que quero ter novamente é aquela visão.

— Eu não sei se teria tido a sua coragem.

Elizabeth não conseguiu sorrir apesar do elogio. Talvez pela imagem da fera relampejando em sua cabeça ou se inconscientemente quem a elogiava daquela forma era Lúcia.

— A gente só descobre o que tem quando chega a hora.

Seriam tomadas por uma longa estrada de reflexão se Dave não escorregasse em sua cadeira de rodas pela porta.

— Meninas, peguem a comida e o clorofórmio e vamos. Temos trabalho pela frente.

O corredor já não era o mesmo e Elizabeth teve certeza que o último capítulo se aproximava de fato. As paredes começavam a se abrir em fendas que pareciam

bocas em agonia. No solo, pedras explodiam abaixo de seus pés e faziam-na escorregar pelos grãos de terra que formavam um tapete. Os pontos de luzes restantes já não conseguiam sequer fazer as sombras duras na parede de outrora.

— Puxem a maca de volta, por favor.

Na entrada para o corredor, macas derrubadas de lado e encaixadas formavam um muro preso e amarrado por cordas grossas e fios de porta-soro. Elizabeth puxou com cuidado a barreira improvisada para que por fim contemplassem adiante um corredor de luzes amareladas em fim de vida.

— Posso responder o que está pensando? — Dave girou as rodas de sua cadeira para escorregar pelas sombras do corredor.

Alexia nada lhe respondeu.

— Esse não é um muro para nos proteger, — ele continuou mesmo assim. — Essa barreira vai cair quando a besta nos achar e o barulho será o nosso alerta. Respondi o que pensava?

— Eu estava pensando no meu pai. — Alexia bufou.

Sua grosseria trouxe um silêncio desconfortável e, quando viraram pelo único caminho, depararam-se com um corredor que se prolongava tristemente por iluminações que escapavam de um cômodo ou outro até chegar na cratera.

— Posso responder o que você está pensando? — Dave atrasou-se para que Elizabeth o alcançasse.

Ela observou-o, deixando um sorriso crescer, para que fosse mais receptiva do que Alexia.

— Existe sim a chance da criatura nos surpreender pela cratera.

Elizabeth olhou adiante e a escuridão que os conduzia para aquela parte fez com que a sopa revirasse em seu estômago.

— Nesse caso, estaremos praticamente mortos.

Quando o corredor se clareou por alguns segundos graças as labaredas que choveram do teto, Elizabeth viu a figura de Walter assentado na beira do buraco nos fundos. Sozinho como preferia em sua vida de sentimentos mal canalizados. Alexia estacionou diante de uma porta onde Dave a segurou para falar sobre seu plano, mas Elizabeth deixou-os para trás e permitiu-se mergulhar mais e mais para o mais íntimo dos escombros, onde o médico estava. Assim como dentro de si mesma.

Ao chegar ao seu lado e ver adiante o grande buraco que se escancarava como uma boca a gritar por socorro em meio a placas de concreto, encanamentos partidos e ferragens retorcidas, percebeu em segundos de iluminação o mover de

águas barrentas descarregadas por uma manilha a escorregar e ser tragada por outra, do outro lado.

Walter não refletia como cogitara. Se ocupava estendendo uma viga na direção das margens do esgoto, onde canos de alguns metros boiavam. Ao seu lado, alguns desses já aguardavam em sinal de uma diferenciada pesca bem sucedida.

— Teria uma forma de ajudar você?

Ele ergueu os olhos e se ver diante dele, debaixo de sua atenção, a fazia sentir-se nua. Mas ele não conseguia manter o olhar. De repente, deixou no solo uma faca.

— Deixe os canos com a ponta afiada se conseguir.

Elizabeth ousou sentar-se ao seu lado. Pegou a faca e um dos canos que se prontificavam entre eles a exalar o cheiro desagradável das águas que adiante atravessavam.

— Você acredita que é um lobisomem? — Ela tentou parecer agradável, embora a voz custasse pra sair quando tentava fazê-lo ouvi-la.

— Você não acha que está velha demais para acreditar em lobisomens?

Ao invés de permitir que o rosto exalasse seu medo, apenas sorriu sem olhar pra ele, fingindo com todas as forças que a figura ao seu lado era Dave, o senhor de palavras que lhe curavam.

— Eu já esperava que você não acreditasse, mas alguma coisa lá no fundo me diz que trata-se de um segredo de estado e você não quer que o caos se espalhe por aqui.

Ele balançou a cabeça, percebeu de canto de olhos.

— Sua versão é agradável, mas não.

— Você sabe que isso não vai me convencer a afastar a minha hipótese, né?

Apenas um riso contido ouviu como resposta.

— O que tinha a paciente do quarto 102?

— Uma patologia incomum. Inflamação generalizada...

— E a deformação?

— Um certo grau de elefantíase, embora fosse uma cogitação minha. Não tive tempo para verificar os exames...

— Os pelos...

— Distúrbio hormonal resultante de inflamação cerebral.

— A pele enegrecida...

— Talvez câncer no osso, sangue, músculos, o que também explica a afloração de pelos...

— Quanto sofrimento a uma pessoa só. O que pode ter feito pra merecer tanto?

— O sol nasce pra todos.

Elizabeth o observou de canto de olhos.

— Essa não deveria ser uma frase positiva?

— Depende de quem diz, eu prefiro a noite.

Eu sei.

— Nem uma víbora australiana é capaz de gerar tantas complicações quanto um lobo.

— Como assim?

— Ela foi mordida por um lobo.

— Como você sabe?

Elizabeth o fitou e pela primeira vez seus olhos se encontraram.

— Eu estive com ela um dia antes.

— Você tinha permissão pra isso?

— Não.

Vai comunicar a diretoria do hospital?

— Não sei se é uma coisa comum, talvez você saiba. Não tenho o seu conhecimento nessa área. É comum as pessoas uivarem como sintoma de uma mordida?

Eles continuaram se olhando.

— Posso ler sua mente? — Elizabeth não permitiu que ele respondesse. — Uma pessoa pode uivar em caso de mordida de um animal. Basta o ferimento inflamar e gerar uma febre alta que o leve a alucinar. Eu criei essa hipótese em minha fuga da possibilidade da paciente do quarto 102 estar virando um demônio. Afinal, Liza era uma senhora adorável.

Walter apenas a observava com olhos arregalados.

— Engraçado ver você assim desconsertado. — Estava se acostumando com seus olhos em si, assim como quando estava despida diante dele em uma realidade há pouco vivida. — Acho que é a primeira vez.

— Se isso te faz feliz...

— Na verdade, só estou me divertindo com uma coisa nova. Isso não me faz feliz. Não vejo o porquê de uma pessoa ser feliz desconsertando outras. Você vê?

Walter trouxe um cano enroscado na vida da escuridão.

— Onde quer chegar?

— A lugar algum. Ou talvez a um lugar mais claro.

O silêncio retornaria e Elizabeth sabia que se permitisse isso jamais teria outra chance de chegar tão fundo.

— Na verdade, eu acho que estamos perto do fim. Deixei de acreditar em finais felizes há muito tempo, mas às vezes me pego pensando nessa possibilidade. Não com esperanças ou a planejar. Eu tenho o hábito de imaginar como seria uma vida paralela e fico vagando por lá, perdida dentro da minha própria cabeça. É uma forma que encontrei de fugir da minha realidade.

— Isso é pateticamente triste.

— Já me disseram isso. — De repente, teve uma profunda vontade de chorar.

— Você se vê fora daqui?

— A todo instante.

— E o que pretende fazer quando sair?

— Tirar férias e escrever um livro a respeito dessa experiência.

— Vai incluir a criatura?

Walter sorriu e pela primeira vez observou-a sem repulsa.

— Obvio. Ela tem sido a personagem principal.

Elizabeth tentou manter seus olhos nela e torceu para que ele não desviasse.

— Quem eu vou ser na sua história?

Walter continuou a fitá-la, pensativo, e por um instante Elizabeth percebeu que ele se aproximava, um mísero centímetro, e seus olhos desviaram para sua boca.

— A mulher que te causa asco?

Sua frase quebrou o clima que o médico pareceu cogitar.

— Por que pensa isso? — Ele se atrapalhou.

— Walter, estamos chegando no fim da história. Prefere morrer com sua versão?

— Quanto otimismo. Você era assim em seu casamento?

— Bem mais pessimista. Mas agora estou sendo realista. Tudo está se tornando demasiado clichê. Sempre alguém se vai, seja pela besta ou por algum desabamento. É bem possível que você seja o único sobrevivente. Você tem mais perfil de herói do que todos aqui. Além do mais, o universo certamente te presentearia com isso. Você pretende escrever um livro. Seria incrível! — Ela parou por um instante e uma lágrima desabou livre pelo escuro. — Mas eu confesso que gostaria de levar ao menos a sua versão comigo pra seja lá onde eu

estiver quando tudo isso terminar. E talvez, defender uma possível personagem minha em sua futura trama.

Walter desistiu de cogitar um beijo e Elizabeth sorriu ao perceber que ele estava onde ela queria.

— Afinal de contas, eu sei que quando não vê possibilidade de eu estar em suas garras, você consegue demonstrar algum afeto.

— Talvez você pense demais e cria ilusões que...

— Walter, qual é o seu problema?

E ali estava a sua feição desconcertada novamente, bem mais que há minutos atrás. Elizabeth percebeu que era a mesma do dia em que Alexia o ameaçou com a arma apontada para sua cabeça.

— Não tenho problema nenhum. Só achei que era sacanagem com o pai do seu...

— Não. Você não achou isso nos meses anteriores quando tentou de todas as formas até que por fim me viu conquistada. E você sabe disso. O problema foi você me ver aos seus pés.

— Eu não queria nada sério, Elizabeth.

— Então por que me jurou que seríamos felizes? Por que disse que gostava de mim? Por que disse que me amava dentro do banheiro antes de tudo desabar? Você chegou a chorar! Por favor, Walter. Você poderá escrever a versão que quiser em seu livro. Mas aqui em nossa realidade, você vai querer terminar tudo isso como um monstro?

— Você está complicando as coisas. Eu já te disse, não queria nada...

— Então você mentiu pra me comer?

Walter desviou os olhos para a escuridão e não achou nela as palavras que buscava.

— E após estar satisfeito, simplesmente me descartou. Não chegou a imaginar que eu poderia sofrer com isso. Afinal, cheguei a ver em você a possibilidade de ser feliz. Eu não vou culpar você pelo rompimento do meu casamento. Essa é única e exclusivamente uma responsabilidade minha. Mas estou levando para o fim a imagem de um monstro que só pensa em se alimentar de sofrimento alheio.

— Talvez eu o seja.

— Talvez você tenha se tornado.

— Por que acha isso?

— Porque me iludo a acreditar que essa compulsão é mais forte do que você. Quando eu te olhava quando transávamos ou até mesmo quando nada tinha

acontecido, você parecia delirar sem controle, como se visse em mim algo que te deixasse em transe selvagem. E quando se satisfazia, uma terrível tristeza se apoderava de você e lá estavam aqueles olhos desabados de frustração. Não encontrou o que procurava. Então você fugia.

— Eu não sabia que isso te machucava tanto. — Os olhos dele percorreram sua face, onde lágrimas pesadas riscavam a pele.

— Sim, me machucava. E eu quero perdoar você, te dizer que não levarei mais isso comigo e que você pode seguir em paz.

— Que assim seja então ué.

— Não. Não é assim. — Elizabeth se aproximou tanto que os olhos de Walter voltaram a cair para os seus lábios. — Você sabe que quando eu partir, algo dentro de você vai te obrigar a vir correndo atrás de mim. Eu não estou martelando essa conversa por mim. Tanto faz, sabe. Chega uma hora que a gente acostuma com a dor. Essa conversa é mais por você. O que houve que o fez se tornar essa besta em busca de prazer e aceitação?

Walter olhou novamente para a escuridão e dessa vez pode vislumbrar o seu demônio interior.

— Eu nunca parei pra pensar, — começou, dando uma pausa para um sorriso amargo. — mas se eu fosse a um psicólogo ele provavelmente descobriria isso.

— Pode dizer a mim. Talvez isso te liberte.

O médico umedeceu os lábios.

— Quando eu era criança, uns quatro anos, — Nas primeiras palavras Elizabeth já sentiu que os olhos derramavam uma cachoeira. — meus pais, muito ricos, porém muito atarefados, contrataram uma babá. Uma mulher de uns trinta anos. — E Elizabeth não imaginou nada que não fosse a sua própria imagem na história de Walter. — Eles nunca souberam. Essa mulher me obrigava a ter relações com ela. Eu não entendia o que estava acontecendo, só sabia que a sensação era boa. Eu passei a gostar dela e aguardava ansiosamente os dias em que ela ficaria comigo, mais do que a própria companhia dos meus pais. — Walter estava rouco, mas não chorava. Era algo proibido em seu mundo. — Eu gostava dela mesmo com a forma que ela me tratava. Quando ela se satisfazia, me trancava no quarto e dizia que eu estava de castigo, pois o que fiz era errado. Bagunçava a minha cabeça a ponto de eu implorar a ela pra não contar aos meus pais. Ela não contava, nunca contou, mas sempre me obrigou a lhe satisfazer e depois me colocava de castigo, pra que eu voltasse a lhe implorar. Ela gostava de me ver aos seus pés, chorando, após estar satisfeita. Era assim que ela conseguia manter o meu silêncio, o seu segredo e salário. E isso se repetia todos os dias.

Elizabeth passou a manga da blusa no rosto que se derretia em lágrimas.

— Quando entrei na escola, em tempo integral, meus pais dispensaram-na. Aos cinco anos e lá estava eu, aterrorizado pelo sentimento de perda. Eu a queria de volta e não sabia como. Então adoeci e levei um certo tempo para voltar a ter uma rotina. Nunca mais a vi. Mas pensar nela com cuidado agora me faz perceber que o que eu sentia na verdade era raiva. Porém, existe um sentimento que leva ao outro. Eu a via como algo impossível, e isso me gerava uma vontade incontável de possuí-la. Então, quando conseguia, ela me colocava de castigo. Ai a raiva vinha pra mim. E por fim, o arrependimento. — Walter ergueu os olhos e observou Elizabeth como se pudesse ver a sua alma destruída. — É isso o que você me gera, Elizabeth.

Elizabeth apenas balançou a cabeça, quase não o enxergando mais por trás das lágrimas que embaçavam a sua visão. E se atirou em sua direção, abraçando-o forte e pedindo a Deus em pensamento que o curasse daquela maldição. Nada disse. Apenas sentiu-o. Walter lhe retribuiu o abraço, ainda desconcertado.

Em seguida, Elizabeth levantou-se. Permitiu-se manter o rosto vermelho, porém com a feição reconstruída. Levaria Walter consigo, mas outra versão sua agora. E torceu para que ele lhe desse uma personagem mais profunda em sua história.

Tomou o caminho para o cômodo onde Dave e Alexia prendiam estacas numa mesa de ferro, ao lado de uma fogueira improvisada que cozinhava o que cogitou tratar-se de sopa. Eles estavam entretidos com a nova invenção e Elizabeth aproveitou-se disso para chegar até o banheiro e lavar o rosto, levada pelos sentimentos que quisessem encontrá-la. Não conseguia se ver no espelho. Não havia ali luz suficiente. Mas sabia que as lágrimas não a limpariam de forma alguma.

Imaginou um banho em seus pensamentos de fuga da realidade. Vislumbrou-se sentada no chão com a água quente desabando em seus ombros. *Pateticamente triste.*

— Querida? — Dave apontou na porta, estacionando a cadeira de rodas com destreza. — Gostaria de um banho de bacia?

Alexia apontou atrás dele.

— Achamos roupas de enfermeiro.

Elizabeth apenas sorriu, enquanto lágrimas voltaram a despencar pela sua face.

CAPÍTULO 15

A pequena fogueira banhava o cômodo com uma fraca luz alaranjada, fazendo tremelicar as sombras de pequenos objetos na parede, em torno da monstruosa figura que a mesa repleta por estacas afiadas e vigas retorcidas reproduzia.

Usaram as próprias roupas imundas para alimentar o fogo. Agora, todos com vestes esverdeadas que encontraram no guarda-volumes aos fundos, faziam um círculo e comiam biscoitos e pão duro na sopa.

Elizabeth observou em cada feição diante do fogo a gratidão por algo que em outros tempos seria motivo para enlouquecer. Um banho de caneca, usando uma bacia de alumínio aquecida na própria fogueira. Sentir o pano quente retirando o suor, a poeira grudada e até mesmo o ardor das lágrimas da pele e, após isso, se vestir com roupas leves e com cheiro de limpeza, foi como nascer de novo.

Envolveram-se com lençóis e cobertores os quais Elizabeth permitiu-se se perder entre as lembranças de quando seu trabalho era lavá-los todos em seu local preferido no prédio. A memória findou-se na última vez que lá estivera, quando foram para a guarita e fumaram com Bob. O peito deu uma físgada e respirar tornou-se dolorido, por isso preferiu afastá-lo uma vez mais da cabeça. Precisava estar inteira.

Ao invés disso, apertou-se dentro do casulo que fizera em seu cobertor e fechou os olhos para somente sentir o calor do fogo tocando sua pele e trazendo uma doce lembrança de quando Carlos e ela acamparam numa montanha a leste da cidade, onde era possível ver a Via Láctea. E então o coração voltou a doer e a imagem do ex marido e o filho colocando a meia na janela tornara para lhe assombrar.

Conversaram sobre diversos assuntos à espera de que o sono os inundasse. A porta trancada pela chave, arames e uma poltrona para reforçar, não lhes garantia a segurança de um sono tranquilo, mas apenas fechar os olhos por alguns segundos era o suficiente. Já tinham naquele instante muito mais do que esperavam.

Walter falara sobre a paciente 102 e divagara em informações que todos duvidaram de fato, mas preferiram não levantar um debate. Dave fez truques com os baralhos que sempre levava em seu bolso e Alexia contou que já não era mais virgem. Elizabeth contentou-se em assisti-los até que Dave lhe implorou por uma história.

— Eu não sei o que dizer, — ela relutou — Não sou tão vivida quanto vocês.

— Deixa que seu subconsciente conte.

Elizabeth desviou os olhos que apontavam para ele para derrubá-los na fogueira.

— Sabe, Liza. Observando-a daqui, me pego a pensar no que você estaria pensando. E divagando em meus pensamentos, penso em infinitas formas de permitir que o pensar me conduza para onde devo estar dentro de mim. Da minha história. Daquilo que penso. Afinal, somos aquilo que pensamos que somos. — Elizabeth o fitou, desconcertada, sem compreender o reboiço que sentia dentro de si mesma enquanto tentava acompanhar suas palavras — Fico imaginando se seus olhos são capazes de enxergar muito além de si própria. E levar a luz dessas chamas para as partes mais remotas do seu caos interior. E clarear, trazer à tona, tudo aquilo que existe de sua inexistência e que a movimenta dentro do seu próprio estado inerte.

Os olhos de Elizabeth se encheram.

— Fico imaginando se você fechasse os olhos, e apenas fechasse, se conseguiria projetar essas chamas para dentro de você. — E foi o que ela fez, sentindo as pálpebras grudarem graças à umidade. — E se levando as chamas para dentro de você, poderia observar o seu mais profundo. Tão natural quanto como posso observar as estrelas daqui debaixo, mesmo soterrado, afinal elas já existem dentro de mim. Eu as projetei para o meu universo quando as abriguei dentro de minhas próprias memórias. E agora fico pensando, no que Deus estaria pensando quando as colocou no céu. Se tudo tem um propósito, o que as fez estar onde estão? Mas isso, só Ele pode responder, assim como você, quando observa o seu interior e todas as coisas que você projetou para o mais infinito que é o seu universo. Fico pensando no que vê, se são vislumbres bons, se o caos que emerge de suas profundezas deveriam estar aí ou se você os abrigou por inocência de seu poder. Fico pensando se eu contasse até três, e somente até três, o que o seu universo faria subir da inexistência, buscando no mais profundo, trazendo a tona, se ordenasse que a sua lembrança mais feliz aparecesse diante de você.

O coração de Elizabeth de repente acelerou, contra a própria vontade, não de um jeito ruim, mas de uma forma assustadoramente boa. E a fez sentir-se viva, presente, grata. De um modo que não estava habituada a ser.

— 1... 2... 3! — E seus dedos reproduziram um som que a sacudiu por dentro e de um jeito estranho breves lembranças relampejaram sem que tivesse controle. — Dia ou noite?

— Dia.

— Lugar aberto ou fechado?

— Fechado.

Os olhos de Elizabeth tremelicaram e ela preferiu-se um sorriso para que as lembranças viessem mais nítidas.

— Como se sente?

— Feliz.

— De 0 a 10, quão feliz se sente?

— dez.

— Nossa! — Alexia se empolgou e mesmo que de olhos fechados Elizabeth leu o sorriso que ela tinha no rosto somente através do som da sua voz.

— O que está acontecendo aí?

Elizabeth demorou a responder e desejou com todas as forças sonhar com aquela lembrança na próxima vez que dormisse.

— Nascimento do meu filho.

— Quer nos contar?

Elizabeth respirou, enquanto sorria e as pálpebras se colavam com as lágrimas.

— A enfermeira trouxe meu bebê. Ele está mamando pela primeira vez. Carlos está ao meu lado com o sorriso mais bobo que eu já vi. — Nesse instante, foi tomada pelo sentimento de culpa.

— Você está bem?

As lágrimas passaram a escorrer.

— O que sente?

— Culpa, tristeza... — Abriu os olhos e viu adiante Dave a observá-la com a mão estendida como se tentasse secar suas lágrimas. Alexia passava a manga da camisa pelo rosto, visivelmente atingida, e Walter apenas a fitava confuso. — Me desculpem, eu não queria estragar o momento.

— Você não estragou, querida. Mas me preocupo com você. Por que luta tanto contra a sua criança interior?

Ela balançou a cabeça e apenas se permitiu deitar-se. Fechou os olhos outra vez e deixou-os do lado de fora de sua cabeça bagunçada, com a vida serena que conseguiam trazer, e não quis mais participar daquilo.

Não sabia se era uma habilidade recém-desenvolvida ou se estava diariamente cansada. Sempre que se deitava e fechava os olhos, lá estava em seus sonhos. Ou quando se dava por si, despertava de um cochilo. *Talvez, eu só esteja fugindo da minha realidade.*

Os olhos encontraram o teto escuro e nada mais se via da pequena fogueira, somente um clarear vermelho das brasas abaixo da panela de alumínio enegrecida.

A janela que antes era o escape dos filetes de fumaça estava trancada e com as cortinas fechadas. Ninguém ficava de vigia.

Um ronco, talvez o que a acordara, ressoava pela escuridão. Era Dave, desabado numa cama de cobertores e travesseiros que Alexia lhe preparara.

Meu, Deus... Quando tempo estamos aqui? Já não basta?

E tão logo a guerra de pensamentos deixou apenas que um lhe fizesse refletir: *Agradeça por não ter sonhado com uma vida boa, acordar seria um pesadelo.*

Respirou fundo e tentou imaginar que o ar que saía levaria com ele a ansiedade que começava a perturbá-la. Nesse instante, uma mão quente pousou entre seus cabelos e lhe afagou de um jeito carinhoso.

Elizabeth levantou os olhos e lá estava Walter, observando-a na escuridão como um espírito. Já cogitava que não tratava-se de Alexia.

— Walter... — Ela sussurrou para não acordar os outros.

Ele colocou o indicador sobre seus lábios e se aproximou.

— Não... Por favor...

— Só mais uma vez...

— Não...

Ele congelou como uma estátua e somente seus olhos se mexiam, a centímetros dos dela, observando seus lábios com um desejo que começava a passar pra ela como telepatia. *Ele sabe como me destruir.*

— A gente conversou sobre isso. A gente sabia que você me caçaria assim que percebesse que eu estava me distanciando.

— A verdade é que eu te amo.

— Não ama. Nós sabemos que não.

— Eu amo, só não sei lidar com isso.

Seus lábios atacaram-na, mas ela escorregou por eles e agarrou a sua cabeça com as duas mãos, olhando-o tão fundo nos olhos, que conseguiu fazê-lo se transtornar outra vez.

— Você vai gozar e então vai sentir aquela coisa horrível de novo.

— Não vou. Eu prometo.

— Walter, é mais forte do que você.

Ele atacou-a mais uma vez e Elizabeth sentiu-se tentada a se entregar, mas a voz da razão estava muito mais forte agora que a luz do conhecimento se transbordava. Ambos os dois se usavam para calar a criança interior. E o que

desabara o seu mundo dias atrás, a visão do médico e sua enfermeira ninfomaniaca em espasmos de orgasmos no vestiário, agora era o que a fortalecia.

— Eu não vou permitir que você me destrua outra vez. — E empurrou-o para trás sem importar-se com o que ele pensaria.

— Se você prefere assim. — Ele se rendeu, mas Elizabeth sentia o vigor dos dias correndo pelas suas veias e apenas suspirou enquanto levantava-se. Era só mais uma investida dele.

Quando atravessava o cômodo em busca do outro lado, o mais perto possível dos outros, com o devido cuidado para não tropeçar nos objetos espalhados pelo caminho, a mão do médico agarrou seu pulso. Ela congelou e quando voltou os olhos para ele, suas unhas pareciam já adentrar a carne.

— Você merece a vidinha que tem!

— Eu não me importo com o que você pensa. — Reuniu toda a coragem que ainda lhe restava e se aproximou tanto que seus lábios tocaram nos dele e sua coxa roçou em seu órgão sexual. — Seu castigo é não ter mais poder sobre mim. — E puxou o braço, sentindo que lascas de sua pele ficaram debaixo das unhas do médico.

Mas quando voltou a tomar seu caminho, os cabelos quase escaparam da cabeça em mechas tamanha a força a qual ele ousou lhe trazer de volta.

— Eu sou um médico. Sou rico. Você é uma faxineira vagabunda que traiu o próprio marido e o filho. Eu sou a melhor coisa que poderia acontecer nessa sua vida miserável.

— Não precisa dizer nada, Walter. Guarde seus pensamentos com você. Eu não preciso deles.

Ele sorriu.

— Agora me solta. É a última vez que você encosta em mim.

— Eu não vou soltar.

— Walter, solta o meu cabelo.

Ele puxou-a ainda mais forte na direção do chão, para que ela tivesse que levantar os olhos para vê-lo muito acima.

— Walter, me solta!

— Você não vale o feijão que come, vadia.

O seu coração então jorrou a alma para fora, fazendo-a perder o chão e cair de joelhos de uma vez. Uma frase mágica que derrubava a sua pressão por fim descoberta. *Era isso que a minha mãe sentia... Invalidez... Fraqueza... Suja... Infeliz...*

Se Walter quisesse, a teria naquele instante. Bastaria agora tirar suas roupas e mandar que tomasse um banho enquanto ele se enchia de cachaça. Fora uma excelente aluna do exemplo que seus pais lhe deram.

— Eu lhe avisei que era a última vez que você tocaria nela.

A voz de Alexia sussurrou tão rouca e grave que mais pareceu uma assombração subindo das brasas do que há horas atrás fora uma agradável fogueira compartilhada por companheiros que lutavam pela sobrevivência.

As mãos de Walter afrouxaram e seus cabelos se libertaram, voltando latejantes para os ombros molengas graças ao fôlego que lhe faltava.

— Por sorte eu guardei uma bala para a besta. E vou usá-la finalmente!

— Alexia! — Dave urrou, não tão alto quanto o som seco e estridente que soou juntamente.

Então, o corpo de Walter desabou para trás, arrastando consigo cadeiras e suportes de soro. E se espatifou no solo. Elizabeth mergulhou a face nas próprias mãos e deu o berro mais alto que conseguiu, sentindo a garganta queimar e o peito se abrir para ganhar espaço entre os ossos e órgãos de sua alma.

Não levantou a cabeça, nem sabia que hora o faria. Apenas se espremeu dentro do próprio abraço implorando a Deus que tudo não passasse de um sonho, mas o assombro de sua voz ainda cantava pelos corredores, juntamente com o som do tiro.

CAPÍTULO 16

Ainda estou soterrada... Suspirou em pensamento, assim que abriu os olhos e percebeu apenas uma fresta por onde o ar passava trazido por um feixe de luz. O corpo latejava, mas ao menos podia ver a fraca luz de um lindo dia. *O resgate chegou, eu consegui.*

Refletiu em tudo o que sonhara nos últimos dias. As mortes, as desavenças, o lobisomem. Tudo, embora criado em sua cabeça, seria usado para lhe trazer a cura interior que precisava. Entendia agora que o próprio universo quem a colocara naqueles escombros para obrigá-la a permanecer quieta e mover somente o cérebro em busca da Elizabeth que chorava dentro de si.

Os escombros se remexeram conforme o resgate se aproximava, esmagando as pernas que cogitava já estarem moídas. *Eu posso esperar, passou...*

A mão adentrou pela fresta a qual ela assistia o pedaço de dia lá fora e achou sua cabeça. Acariciou seu rosto e um dos dedos tocou a bochecha onde as lágrimas atravessavam apressadas, carregadas de alívio.

Em seguida, escapou para fora e o buraco agora era coberto pelo olho castanho claro que Elizabeth podia reconhecer. *Walter.*

— Eu jamais te deixaria presa. — Ele disse, com um sorriso acolhedor que Elizabeth não viu, mas sabia que estava em seu rosto graças aos olhos se apertando.

E então, sua mão adentrou novamente o buraco e agarrou-a pelos cabelos, com as unhas cortando o coro cabeludo e fazendo-a estremecer graças a uma mistura de dor e arrepios. Os olhos reviraram e deixou que o sorriso crescesse enquanto sentia seu corpo se arrastando pelos escombros, esfolando a pele e fazendo com que tiras de carne se desprendessem de seus braços, costas e barriga. O latejar era semelhante a quando Walter a penetrava, tomado pela fera que habitava dentro de si, preocupado somente com o próprio prazer, tratando-a como o lixo que era.

E quando finalmente respirava o ar puro de fora, deixou que a cabeça caísse para baixo, para surpreender-se com o fato de que os escombros eram vários corpos masculinos, entrelaçados como ciscos de um ninho. E nessa multidão, pode ver Carlos, Bob, Joe e até mesmo seu pai.

Não compreendeu o desespero que tomava o seu coração e o quanto era saudável ao filho estar perto do monstruoso pai naquele ninho de homens. E por

mais que não quisesse, vê-los ficando para trás lhe dava a sensação de liberdade que precisava.

E foi voando, voando, o vento tomando seu rosto e balançando seus cabelos, limpando-a de toda a sujeira e fazendo com que suas lágrimas se secassem na pele que ardia.

Ergueu a cabeça para cima e sorriu para Walter.

— Obrigado... — E suas palavras foram carregadas pelo vento.

Embora Walter a segurasse apenas pelo dedo e a altura que se encontravam resultaria em morte em caso de queda, a sensação de estar livre era reconfortante. E então, o medo a tomou. Observou o amante novamente para implorar que não a deixasse cair. Walter fitou-a com uma face carregada de maldade, mas antes que fizesse qualquer coisa, Elizabeth despertou.

O corpo estremeceu inteiro e os olhos encontraram apenas o teto rachado do hospital. Não estava livre e Walter tão morto quanto suas esperanças. O coração disparado e a tristeza que lhe tomava custaram para aceitar que fora apenas um sonho. No fundo da cabeça podia ouvir a voz da mãe: *As coisas não são como a gente quer.*

— Fique tranquila, sonhos ruins são apenas descargas subconscientes ou um teatrinho dele a respeito de sua realidade. — Dave colocou uma carta na mesa à frente de Alexia — Não é uma premonição como os místicos pregam.

Graças a Deus

Elizabeth se levantou e envolveu-se dentro do próprio abraço, como se pudesse se acolher, e implorou para a cabeça aceitar de uma vez que não passara de um sonho.

— Se quiser nos contar, fique a vontade. — Dave foi cortês.

Elizabeth suspirou, segurando a vontade de chorar, e apenas se apertou ainda mais, sem dizer uma única palavra, pois sabia que Dave respeitaria o seu tempo o quanto precisasse.

E preferiu guardar. No mais profundo de sua mente, assim como cobras se emaranhando, estavam seus segredos, seus medos, seus sonhos e cada plano sufocados por dias chuvosos os quais nunca conseguira de fato senti-la como gostaria. E essas cobras, quando notavam qualquer resquício de ação ou oportunidade, disparavam seus botes, envenenando seus momentos com descargas de emoções que não gostaria de senti-las. E assim, dia após dia, mataram sua vida.

De repente, foi pega de surpresa pela figura de Dave estacionando sua cadeira de rodas à sua frente. Alexia somente assistia-os.

— Escolha uma carta. — Ele deixou os baralhos com as costas para cima, em leque, para que ela puxasse um deles. E foi o que fez. — Não mostre pra mim. Apenas observe essa carta e imagine que por trás das figuras que vê nela está passando, como numa tela de cinema, a situação que está te fazendo se sentir mal. Pode ser o sonho que teve.

Elizabeth obrigou-se, embora a mente estivesse mais bagunçada que os naipes daquele baralho. E percebeu que era capaz de fazer aquilo de modo que a ansiedade tomou-lhe. *Um sete de copas.*

— Muito bem, agora coloque essa carta em algum lugar do meu baralho sem me mostrar.

E foi o que fez. E Dave fez a carta se perder.

— Existem coisas que aconteceram em nossas vidas que nos afetam, afinal não somos robôs. E esses acontecimentos, muitas vezes, tem o poder de nos reprogramar, seja de forma boa ou ruim. E por mais que você negue, o que te afetou aí dentro, o seu subconsciente vai dar um jeito de te proteger disso, causando sentimentos ruins para que você fuja, ou para que fique alerta. Ou simplesmente te deixando triste e você às vezes nem sabe o porquê. Inconscientemente você apertou um gatilho dentro de você, agindo ou presenciando algo semelhante ao que lhe causou o trauma. E por mais que negue, o seu cérebro sempre irá discordar de você como uma criança ferida que chora dia e noite à espera de acolhimento. Por favor, irei colocar as cartas viradas para cima e você negará todas as que eu indicar, mesmo a escolhida anteriormente, e através dos seus sintomas eu saberei a que representa o seu sentimento ruim. Eu te provarei as minhas verdades e o quanto nossa mente é incrível.

Dave arcou, espalhou as cartas no solo e foi apontando com o dedo uma por uma.

— Não... Não... Não... Não... Não... — e o indicador de Dave passou pela carta a qual abrigara seu sentimento. — Não. Não... Não...

E quando pensou que tinha o enganado, ele fez o movimento ao contrário, arcou-se e pegou a carta com a tranquilidade de quem sabia o que estava fazendo.

— Essa foi a carta que você escolheu.

Os olhos de Elizabeth se encheram.

— Nossa! — Alexia se surpreendeu.

— Agora, eu vou te provar que a cura está onde dói e que Deus é incrível em tudo o que faz. — Lhe exibiu a carta que representava a sua dor e colocou-a a frente de Elizabeth. — Coloque a mão em cima dessa carta e feche os olhos.

E foi o que Elizabeth fez.

— Imagine a carta como uma tela de cinema passando a cena que lhe causou o sentimento ruim.

E ela começou a assistir em pensamento o próprio sonho.

— Agora assopre. E quanto mais assopra, mais você se sentirá bem e quanto mais se sentir bem mais opaca vai ficando a cena... Pendendo para o preto e branco, até perder totalmente a cor e você só enxergar o branco.

Elizabeth foi obedecendo-o e se espantando com o sentimento que abandonava o peito e de uma forma mágica se perdia no ar onde o seu sopro se espalhava.

— Assopre mais forte e visualize a carta aparecendo por trás da cena branca. E quanto mais assopra, mais a carta perde a cor. Pendendo para o preto e branco até ficar totalmente branca. E tudo some, a cena, a carta e o sentimento ruim... Pode abrir os olhos, você está livre.

Elizabeth abriu os olhos e alternou-os entre Alexia e Dave. O coração de fato se acalmara e nem mesmo quando trazia as cenas do sonho à tona recebia as descargas de emoção negativa.

— Observe a carta e veja se algo mudou.

Elizabeth puxou a carta. Branca. Não era a carta a qual escolhera.

— Meu Deus, como fez isso?

Dave deu um sorriso de quem sabia o que estava fazendo.

— Não sei se acredito em mágica, eu propriamente digo que acredito em truques, mas esse meu truque apoia a mágica que, por sinal, acredito com todas as minhas forças que a sua mente é capaz de fazer. E o meu truque é só uma forma de desviar a sua atenção e se desprender da dor que deixou ir embora para que, finalmente, o caixão seja lacrado e caso encerrado.

— Incrível! — Alexia bateu palmas.

Elizabeth deixou que um sorriso crescesse e sequer se preocupou em se importunar tentando descobrir de que forma Dave trocara a carta debaixo da sua mão. Estava satisfeita em estar em paz. E aquela paz era semelhante aos cigarros de Bob, com a diferença que, de uma forma estranha, tinha a impressão de que não precisaria de um novo truque quando o efeito passasse. Estava finalmente livre do sonho.

Levantou-se, tonta, e não tomou outro caminho que não fosse o da maca. Era a sua missão.

Antes de deitar-se, com o mundo girando, o ouvido ainda surdo pelo som do tiro e a terrível sensação de estar desfalecendo lhe tomar, travara uma luta interior

contra seus próprios fantasmas. A vida como sempre a deixava diante dos roteiros que mais temia viver.

Dave e Alexia encontraram em Walter, ainda quente ao chão, a oportunidade de retomar o plano anterior. E isso significava abri-lo, como se nada mais fosse que um amontoado de carne, e enche-lo de pontas afiadas para que o abraço da fera fosse mortal.

Fora isso que a levava ao chão. A completa pane de desconstruir o carrasco de seu coração. E pior que isso, enxergar em Dave e Alexia a demoníaca figura que o ser humano pode se tornar para fugir da morte. *Eles fariam o mesmo comigo?*

Sim, você é mais útil morta, a escuridão soprara em seus ouvidos, enquanto os olhos se fechavam, tornando distante a voz de Dave a lhe perguntar se estava tudo bem.

— Talvez não seja saudável. — Dave tentou alertá-la imediatamente, mas Elizabeth já estava acima do corpo. Imóvel, tanto quanto ele. O mais saudável seria evitá-lo, mas obrigou-se. Já não era mais o homem capaz de lhe destruir. Aqueles olhos gélidos apontados para o teto já não a observariam com desejo nos momentos em que fugia de seus laços, nem se desviariam dela quando seu coração por fim se entregasse mais uma vez.

Deitado ali, com um leve roupão esverdeado de paciente, com as pontiagudas ferramentas a fazerem bicos pelo seu tronco, era tão somente o amontoado de carnes que Dave e Alexia não demoraram para enxergar. Seu espírito encontrara descanso. Estava livre das próprias sombras que o perseguiram e faziam dele um eterno caçador de sofrimento feminino.

Descanse, você está livre agora.

A cadeira de rodas de Walter rangeu até o seu lado para compartilharem da mesma visão.

— Vaidade por vaidade, — Ele entoou — Tudo nessa vida é vaidade. Uma eterna corrida atrás do vento.

— Salomão.

— Sim. O homem mais sábio que já existiu descobriu isso após levantar-se de seu repouso e se ver no espelho, carregado pelo tempo, o mesmo que lhe acariciara com todas as coisas que os olhos humanos podem desejar.

Elizabeth se esforçou para sorrir.

— Apesar de mal, ele tinha um lado humano.

— Salomão?

— Walter.

— Ninguém é mal, querida. As pessoas são aquilo que os olhos de outra deduzem através das camadas que lhe foram instaladas com o decorrer da vida. Para uma jovem aventureira, Walter talvez fosse a melhor pessoa do mundo. Saciaria suas vontades carnavais e não lhe abarrotaria com o sentimentalismo o qual ele não sabia como lidar. E vice e versa.

— Como concluiu que ele era assim? — Elizabeth se espantou com a possibilidade das fofocas que corriam pelo hospital chegarem até os pacientes.

— É fácil ler um humano. Basta observá-lo sem as camadas dos nossos próprios olhos.

Aliviou-se.

— O terror aliás seria para o próprio Walter. Um narcisista não só faz suas vítimas sofrerem, mas encontra o seu castigo quando alguém o rejeita. Isso o faria lutar até conquistar o que lhe foi negado. O problema é quando o que lhe foi negado de fato não existe. No caso, o sentimento de quem lhe entregou apenas a carne.

Elizabeth observou-o mais profundo e quanto mais o adentrava, mais as palavras de Dave faziam sentido.

— Talvez, algo nele gritasse pela mudança.

— A consciência. Mas a consciência é fraca. 93% de você mora no subconsciente. Por mais que desejasse, o corpo sempre receberia descargas negativas quando a mulher a qual julgara anteriormente ser algo impossível, por fim conquistada, lhe demonstrasse isso.

Me destruir era algo mais forte nele do que seu desejo de me enxergar como algo além de uma vadia.

— Antes que pense demais. É total responsabilidade do indivíduo escolher o que quer ser.

Elizabeth o observou, se perguntando se ele tinha o poder de ler pensamentos.

— Alexia, — ele fitou toda a gambiarra que fizera na mesinha de metal. — Ajude, por favor, Elizabeth a posicionar o corpo no cabo.

Alexia levantou-se, calada, visivelmente perdida dentro da própria cabeça, e levou as mãos ao lado oposto da maca, observando Elizabeth com olhos vagos de quem já não suportava mais estar ali.

— Ele não se importou em atender os clamores por trás de seu comportamento compulsivo ou do desvio de caráter. — Dave continuou. — Todos somos capazes de mudar. Basta aceitar ser. Quando ele se formou em medicina, ele deixou de ser um estudante para se tornar um profissional. Muitos colocam o

diploma numa gaveta e buscam uma vida sem riscos. Isso não é culpa do subconsciente delas, elas quem decidiram pelo fracasso ou pela voz que gritava lá no fundo: Hey, você nunca será o suficiente! — Dave observou Walter com cuidado, quando por fim fora pendurado no cabo que instalara num dos canos de ferro que formavam a sua mortal armadilha. — Quão terrível pode ser a voz do ego. — A frase saiu como um resmungo. — Logo, se ele pode olhar para si próprio e enxergar ali um médico, poderia ter refletido um pouco mais em certas características femininas que lhe despertavam o sugador de almas que era.

Elizabeth balançou a cabeça, decidida em não se alimentar do triste passado do médico que agora balançava à sua frente. Alexia deu a volta pela mesa de metal e posicionou uma viga abaixo de um dos braços do defunto, para que a mão onde a pistola que o matara e estava agora amarrada ficasse apontada para frente, como se ele mirasse para atirar. As pontas que emergiam de seu tronco quase rasgavam o roupão. Às suas costas, vigas e tiras sólidas de metal bem afiadas se posicionavam como ferrões para receber o salto da besta que se atrairia pelo corpo de Walter. E quando pousasse sobre ele, seria transpassada com a mesma piedade que dera às suas vítimas.

Alexia empurrou a mesa até o corredor e fora acompanhada por Dave em sua cadeira de rodas. Elizabeth levou consigo as correntes que prenderiam a armadilha nas paredes para que o impacto da fera contra as pontas não fosse amenizado.

Quando por fim posicionado, a cortina esverdeada caiu por trás do corpo de pé de Walter, escondendo as pontas de aço.

— Quando chegar a hora despejarei o clorofórmio na cortina. — Dave analisou. — Para que a besta perca as forças e não se solte.

Elizabeth deu a volta por trás do cadeirante e contemplou Walter a lhe apontar a arma. *Você não vale o feijão que come, vadia*, sussurrou em sua mente.

Alexia se juntou a eles, batendo as mãos na roupa para limpá-las, após prender as correntes na parte de trás da mesa e nos suportes das paredes.

— Como está a mangueira, querida? — Dave a observou assim que se juntou a eles.

— Já na torneira, pronta para molhar o corredor.

— Bom trabalho.

Alexia estava abatida e Elizabeth começou a encaixar as peças assim como Dave quando lia as pessoas através de seus comportamentos e as circunstâncias que as rodeavam. A isca viva, que teria de atrair a fera até ali, teria que se jogar no assoalho molhado e contar com a sorte. O corpo escorregaria por baixo da mesa escondida atrás da cortina e sairia do outro lado. E a isca viva seria Alexia.

Se não era isso, o espírito de Walter devia estar culpando-a em seus pensamentos. Ele era bom nisso.

Enquanto retornavam para o cômodo que os abrigara anteriormente, Elizabeth sentiu-se inútil em toda aquela missão suicida.

— Já deixei um rodo pronto com um pano na ponta para molhar com clorofórmio caso a cortina não seja o suficiente. — Dave teceu um comentário que saiu quase como um sussurro. Ao que parecia, tentava encontrar palavras que encorajassem a jovem. — O mesmo rodo que será usado para empurrar a besta em direção da cratera. Você pode fazer isso, Elizabeth?

— Claro.

— Traspassada por vigas, dopada por clorofórmio e desacordada dentro das águas do esgoto. — Alexia resmungou, encostada na porta que dava para o corredor — Se não morrer eu juro que desisto.

O silêncio que imperou arrepiou os pelos do braço de Elizabeth e por um segundo ela acreditou que estavam sendo assombrados pelo espírito de Walter.

— Querida, acredito que você seja a mais ágil daqui. — Os olhos de Dave pousaram em Alexia com o mesmo brilho de quem entrega uma má notícia. — Precisamos atirar a besta até aqui. Se ela não vier em fúria, apenas observará a armadilha e não atacará. Precisamos usar o próprio ódio dela para matá-la.

Alexia recebeu suas palavras com olhos que minguaram em um medo infantil e seu corpo foi se encolhendo dentro de suas roupas largas.

— Você não sente que é capaz?

Ela derrubou os olhos para o gélido Walter pendurado no cabo, buscando nos vergões roxos de sua pele as palavras que o medo não a deixava emergir.

— Ela sabe que eu atirei...

Dave coçou a própria barba, visivelmente incomodado. Se pudesse, se levantaria da cadeira de rodas e assumiria o papel.

— Talvez eu possa pensar em um novo plano...

Nesse instante, o estrondo na parede de macas ecoou pelos corredores, sacudindo o espírito de Elizabeth dentro de seu próprio corpo. Em seguida, o uivo rouco e metálico anunciou a chegada do inferno.

Alexia levou as duas mãos ao rosto e seus dedos dedilharam a própria testa tamanho o tremor de suas mãos.

— Infelizmente eu não consigo fazer isso por vocês, — Ele observou as próprias pernas imóveis — mas...

— Eu vou! — Elizabeth obrigou-se a arremessar as palavras para fora, por mais esganiçadas que tivessem saído.

— Liza, não... — Pesadas lágrimas queimavam o rosto já avermelhado de Alexia.

— Querida, tem certeza?

— Dê-me a lanterna!

Dave relutou.

Ela própria pegou-a, fazendo dançar o círculo de luz já fraco à sua frente, deixando para trás os companheiros assombrados pelo fim que se aproximavam.

ÚLTIMO CAPÍTULO

O corredor tornara-se infinito debaixo de suas passadas tremulantes. A cada porta que escorregava ao seu lado, sentia que a morte por fim sorria e a convidaria para refletir no quão ingrata fora com os dias doces que a vida lhe dera.

Luzes piscavam por todas as partes, sem ritmo, hora ou outra fazendo jorrar labaredas para o solo e reverberando sons de curto circuito. Uma corrente de vento atravessou à sua frente e fez com que a fina camada de cal ao chão lhe abrisse passagem. *Walter está me conduzindo.*

Não ousou dar mais um passo sequer. Não dobraria a única esquina que lhe ampararia para a surpresa. Seja da besta ou de sua ausência. O fôlego lhe faltava e a lanterna escorregava na mão ensopada de suor.

A esfera de luz dançou na parede do outro lado e Elizabeth já sabia o decorrer do roteiro. Apenas prendeu a respiração e obrigou-se a não fugir chorando. *Eu farei isso, eu farei...*

Se não fosse ela, seria Alexia.

Mas os pés grudaram no chão, enquanto o espírito fugiu. E dentro da mente ouviu o som fantasmagórico de uma corrente gelada de vento pela última vez: *Uma história clichê, onde a cada capítulo, alguém morre.*

Foi baixando os olhos desde a parede do outro lado, correndo a luz da lanterna, para perceber que a camada de cal voltava a se abrir no solo pelo vento que se aproximava, apontando o caminho, não para ela, mas para alguém que ainda não apontara na esquina do corredor.

E então, a silhueta da criatura apontou, revelada por segundos graças a descarga de labaredas do teto abaixo de onde estacionara com os olhos a brilhar demoniacamente.

— Liza... — Elizabeth sussurrou, com os olhos enchendo-se de lágrimas, embora não soubesse se era por medo ou pela tristeza que observar o demônio lhe causava.

Deu-lhe as costas. O estômago revirou dentro de si e sentiu que defecaria nas próprias calças, mas rangeu os dentes e forçou os músculos das pernas a correrem com todas as forças que lhe restavam.

Não precisava olhar pra trás, já sabia. A besta lhe perseguia, com a bocarra já aberta, babando, a ranger para que o terror temperasse as entranhas de sua nova vítima.

— Meu Deus... Meu Deus... — Elizabeth sentiu que perderia as forças. Um mar de dúvidas abocanhou-lhe, tragando-a para um mar de pensamentos a respeito de sua capacidade de cumprir com o que Alexia e Dave lhe confiaram.

Talvez seja melhor virar por alguma porta. Talvez seja melhor fingir-me de morta. Talvez eu não chegue a tempo. Talvez...

O coração escalava a garganta e grunhia com o fôlego que lhe restava. *Desista, desista, desista...*

O rosto se contorceu e diante de seus olhos pode vislumbrar a própria imagem, com as tripas de fora, esperando que o fôlego lhe abandonasse de vez enquanto a besta bebia seus fluídos e fazia-a arrepender-se por tê-la enganado segundos antes de Alexia plantar uma munição em sua cabeça.

O corredor por fim se alongou à sua frente, com as lâmpadas restantes piscando enquanto que, nos demais locais, cascatas de labaredas se arremessavam ao solo com o som de fios em curto circuito ecoando em meio a orquestra do vento pelas frestas dos escombros.

Os pés começaram a sentir o tremor do solo que vinha do peso da besta a apenas alguns metros de alcançar o seu calcanhar. Rangeu os dentes e forçou ainda mais os músculos da perna. Faltava pouco, e muito pouco. Em seus ouvidos, o assombro que emergia das profundezas da criatura.

Adiante, a figura sem vida de Walter se aproximava a cada passo seu, desaparecendo por alguns segundos na escuridão quando a lâmpada perdia o contato, e voltando como uma assombração, com o seu braço esticado a frente a apontar-lhe a arma, desejando vingar-se por ter lhe arrancado a vida. *Você não vale o feijão que come, vadia.*

Em seus olhos gélidos contemplou tudo o que o pai era. E no coração identificou a saudade, a falta de respostas, lamentos soltos e lágrimas às escondidas. Não queria que partisse, nem Walter, nem o pai... De alguma forma, viu em Walter uma chance de consertar tudo o que não conseguira quando menina.

Então, a luz tornou a se apagar e carregou para a escuridão toda a sua reflexão. E quando voltou a trazê-lo à tona, sua imagem pareceu sussurrar entre aqueles lábios enrijecidos.

— Eu posso dar-lhe a liberdade que a sua mãe não teve.

Desejou abraçá-lo mais uma vez. *Eu só quero ser feliz como ela não foi.*

— Como isso seria possível?

Não permitindo que o amor lhe aprisione.

Fechou os olhos por um segundo, apenas um, para ser capaz de enxergar-se, anos atrás, no recreio da escola. A aula de educação física era a sua preferida nos

tempos em que a ignorância fora-lhe uma benção. Mas não naquele dia, nem nos próximos. Já não tinha mais forças para correr com as crianças da classe em busca do primeiro lugar. A cada passo, o coração doía. Não era uma dor que o professor compreenderia, sequer o cardiologista. Não tratava-se de algo físico. Quando atirava-se em direção da linha de chegada, nada mais relampejava em seus pensamentos que não fosse a imagem da mãe com a boca a sangrar, numa das tardes comuns em que o pai chegara em casa estressado pelos dias os quais ele próprio escolhera viver. Amá-lo, por ser o homem que lhe deu a vida, concedido o seu sangue como herança e tê-la feito sorrir ao pegá-la no colo quando mal podia enxergar qualquer figura que não fosse silhuetas humanas em um mundo inteiramente novo, era como escolher os ferimentos em silêncio da mãe.

Um dia, pedira a Deus que os pais pudessem de alguma forma serem felizes. Não em palavras, escrevera uma carta, a qual quase rasgou-se graças às lágrimas que derramara sem querer. Para o seu azar, não fora Deus quem a achou, mas a mãe. E ali encontrou forças para estarem unidos até o fim de sua vida.

Naquele mísero segundo o qual fora devorada pelas lembranças, a compreensão lhe trouxe de repente, e por mais estranho que fosse aqueles sentimentos ainda encontrarem-na, já adulta, pode compreender que um dia foram emoções que lhe rasgaram como unhas de navalha. E por mais que fugisse ou se vesse forte o suficiente, ainda habitava o corpo, ainda tinha o mesmo cérebro e o mesmo coração daquela criança que molhara a carta a Deus às escondidas.

A criança ferida ainda chora dentro de você.

— Adeus, Liza...

Foi a única coisa que conseguiu sussurrar dentro de sua mandíbula travada, a ranger os dentes para concentrar-se em manter as pernas firmes, antes de jogar-se no chão, aos pés de Walter, como sempre. O solo molhado tocou seu tronco e respingou a água molhada em sua face. Mais um segundo que passava diante de seus olhos em câmera lenta onde entregou-se de toda a alma. Logo, a cortina se esbarrou contra a sua cabeça e viu-se ultrapassando por baixo da mesa. E então, do outro lado, o corpo ultrapassou ágil por sombras, labaredas e ecos disformes graças ao segundo eterno.

De repente, a mão de Alexia agarrava-a.

— Me segura!!

Os olhos esbugalhados da jovem trouxeram-na de volta. Seu corpo deslizava com mais força do que supunham. Lá atrás, o choque do corpo da besta ecoava contra a mesinha de metal por trás do corpo de Walter e da cortina. E uivou, um som profundo, melancólico, carregado de morte. Seu corpo continuou a escorregar, levando agora consigo Alexia, em direção à cratera.

E por mais que tentasse se desprender, Alexia agarrava-a com esperança de salvá-la. *A morte nos encontrará juntas... E vivas.* Lá atrás, o berro de Dave se ofuscava com os estrondos. As cordas que brecavam a mesinha onde a fera se debatia trouxeram as paredes abaixo, e com elas, o teto e os destroços do andar superior, fazendo-os desaparecerem em meio a poeira.

Então, Elizabeth se viu solta no ar, batendo os braços em busca do nada, rodopiando, com o mundo girando com muito mais sentido do que antes de toda a sua vida se trancafiar nos destroços daquele hospital. E pousou numa placa de cimento ao lado da manilha do esgoto, com violência, e tão logo tudo tornou-se opaco enquanto tentava trazer o fôlego de volta aos pulmões. Adiante, as águas negras se espatifaram enquanto tragavam Alexia.

— Meu Deus!!! — Ela gritou. — Não!!

Alexia então emergiu, batendo os braços com desespero, diante dos olhos apertados de Elizabeth que urrava a morte por misericórdia, mas a correnteza arrastou-a para a outra manilha e tragou-a para as profundezas do mundo.

— Não!! Não!!! — Seus gritos ecoaram, não tão altos quanto os estrondos de placas de concreto desabando no corredor que dava para a cratera, onde Dave era agora apenas um amontoado de carnes e ossos esmagado e ensopado pelos próprios fluídos, acima da cama do seu próprio sangue. O terror de Elizabeth foi minguando e aos poucos tornaram-se soluços. E então se viu sem esperanças, com a mão trêmula estendida em direção das águas escuras e fétidas, à espera de que algo de Alexia a alcançasse.

De repente, a mesinha de metal desabou metros atrás, na mesma placa de concreto que lhe servia de abrigo. A besta tremelicava, grunhindo, grudada ao corpo de Walter, com todas as estacas e vigas transpassando seu corpo e a cortina molhada de clorofórmio lhe acalmando para dar-lhe uma morte menos sofrível do que merecia.

Elizabeth sentiu as pesadas lágrimas a despencar de seus olhos e jogando para fora tudo o que lhe restara de alma. Então, arrastou-se, tremulante, para perto da besta, muito mais calma agora, ambas as duas. E permitiu-se desabar de costas, um metro ao lado, e voltou seu rosto para aqueles olhos demoníacos que perdiam aos poucos o seu inferno interior.

A criatura grunhiu enquanto fitava Elizabeth como se implorasse por ajuda e ela apenas vislumbrou o sangue que empapava seus pelos quando as labaredas lá do alto clarearam o ambiente.

— Eu demorei pra perceber quem você era de fato... — As palavras escaparam sem lamento ou qualquer solução que lhe era natural quando despencava em sua terrível existência. — Você não é eu. Você só é algo que me visitou. Que

despertou em mim os meus mais puros sofrimentos. E agora vai embora, solitária, como deveria ser. Desculpe-me ter confundido. Você não é eu. Eu vou morrer tranquila quando tiver de ser. Hoje ou algum dia. E quando a morte chegar, ela me encontrará viva.

A besta grunhiu mais uma vez e Elizabeth refletiu se ela estava se despedindo. Seus movimentos foram ficando mais lentos, curtos, e os olhos piscando a lutar contra uma tontura que lhe carregava cada vez mais profundo para dentro de si própria.

— Pode ir agora. Acabou. Você está livre, Liza.

Um grunhido sofrido escapou de suas entranhas antes da última tentativa sem forças de se livrar de cada ponta que lhe transpassava. E por fim se rendeu.

Elizabeth desviou seus olhos ardentes para cima, onde a cratera que não oferecia qualquer chance de escalada anunciava com ventos fantasmagóricos os destroços do hospital novamente em silêncio.

De fato, não precisava estar aqui para desejar a morte. Nem lá em cima, para desejar a vida.

Sua mãe morrera de câncer quando atingira os treze anos. Levou com ela todos os planos que lhe eram uma segunda chance, tudo o que cercava os sorrisos da filha, afinal passara a ver a vida através dos olhos dela. Não tivera tempo de ver a formatura, sequer seu vestido branco quando as portas da igreja se abriram. Lá no fundo, percebera que de nada precisava lamentar. Sequer continuara a faculdade e sua entrada na igreja nunca aconteceu. Sua mãe não precisara se frustrar com a segunda chance.

Uma lágrima caiu de repente e com ela não mais a voz de uma criança interior ferida, mas a própria mulher que era.

Minha mãe não levou consigo os sonhos íntimos que faziam parte de nós. Eu os enterrei com ela.

Seu pai fora embora. Frio, vago, irremediável. Nunca soube dizer a si mesma o que ele deveria ter lhe explicado antes de partir. Se foi por frustração, remorso ou simplesmente para reescrever a sua história ao lado de uma família nova. A sua existência nunca fora preenchida. O local que ocupava em seu coração, por mais sombrio que fosse, permanecera vago à espera de que alguém fosse digno de ali se acomodar para que Elizabeth pudesse por fim ressignificar a sua dor.

Ali estava o câncer de sua alma, juntamente a todos os outros que visualizara no reflexo dos olhos da besta. Fitou-a uma vez mais, já sem vida, com a língua estendida para fora da boca a pingar e deixou-a partir, sem ressentimentos ou fobias. *Apenas vá.*

Então, o feixe de uma luz dura e esbranquiçada dançou na boca da cratera e trouxe de volta o seu espírito. Vagarosamente, tirou as costas do chão, sentindo a coluna despedaçada, e assentou-se, para ver diante de si, lutando com metade do corpo para fora das águas escuras que se arremessavam em correnteza, três bombeiros recém-chegados.

A luz encontrou-a, ofuscando seus olhos.

Levou a mão enfaixada a frente do rosto e se perguntou calmamente se era a morte dessa vez.

— Encontrei. — A voz dura despertou o cenário.

— Por aqui, depressa.

As águas do esgoto ressoaram e pequenas ondas encontraram seus pés. E de repente, três figuras subiram diante de si em roupas negras, luvas de couro e luzes que brilhavam na altura de suas testas.

— Querida, fique tranquila, somos do resgate. — A voz de uma mulher se fez ouvir e quando Elizabeth pode enxergá-la, após a luz de seu capacete apagar-se, contemplou um rosto que a fez lembrar-se de Lúcia. *Grandes olhos brancos como a lua numa pele negra que representava a noite calma de um outono.* — Você está bem?

— Sim.

— Sente alguma dor?

— Não mais. — Sorriu como Dave sorria.

Outras silhuetas se moviam ao lado, atando nós e preparando ferramentas de escalada.

— Eu vou levar você comigo lá pra cima, está bem? Você quer ir comigo?

Elizabeth sorriu, enquanto ela cobria seu corpo com um manto de couro e a atava por todos os lados com fivelas e cintos.

— Venha...

Elizabeth permitiu-se escorregar para dentro do esgoto e flutuou juntamente com a senhora do resgate em direção a bocarra da manilha, que as trouxe com tranquilidade antes de oferecer a seus pés um solo escorregadio para continuarem.

— Como é seu nome?

— Elizabeth... E o seu?

Quando se viram presas num cabo e o corpo balançava enquanto era içado para cima, percorrendo uma profunda extensão rumo a uma luz que simbolizava o seu mundo lhe chamando de volta, Elizabeth viu amanhecer no rosto da outra o sorriso mais branco que já vislumbrara.

— Liza.

Lágrimas voltaram a lhe encontrar e o peito aguardou com firmeza os sentimentos que viriam quando por fim os escombros lhe deixassem para que pudesse não mais planejar uma vida feliz enquanto observasse o sol ao horizonte, mas simplesmente vivê-la.

— Feche os olhos, vou contar até dez e você vai abrindo-os devagar, sem presa, se reacostumando, sentindo-se de volta, tranquila...

Quando Elizabeth fechou-os, as pálpebras se grudaram com a umidade e novas lágrimas riscaram o rosto e despencaram de forma suicida de volta a escuridão dos escombros.

Eu aceito... Eu aceito...

E tão logo o som de uma multidão lhe tocou os ouvidos e o frio do inverno mais importante de sua vida recebeu-lhe de volta.

— Abra os olhos devagar... Isso...

E Elizabeth se permitiu respirar o ar que lhe queimou os pulmões como no dia em que nascera e as circunstâncias se apresentaram em silhuetas humanas, para ver diante de si um mundo acinzentado, mas sem os ventos de outrora. Na neve, milhares de pedaços coloridos de infinitos dejetos que pertenceram a população algum dia, entre eles bolinhas quebradas de natal, brinquedos destruídos, pacotes de comida, enlatados, galhos e folhas de árvores úmidas e podres.

As luzes revezando entre azul e vermelho queimaram seus olhos e precisou de um tempo para reacostumar com a sensação de liberdade. Quando conseguiu enxergá-las, seu coração não desanimou por não pertencerem aos enfeites natalinos de casas, mas às ambulâncias e viaturas que cercavam o local abarrotado por jornalistas, curiosos, profissionais da saúde e familiares desolados a cada corpo sem vida que era trazido à tona. Flashes, luzes brancas e palmas transbordaram em sua direção, conforme balançava no ar ainda presa ao cabo puxado pela máquina.

— Seja bem vinda à sua nova vida! — Liza lhe disse, afagando sua cabeça contra o próprio peito. E tão logo sentiu o chão tocar os pés e as fivelas tilintaram, sendo desprendidas do seu corpo. Estava tonta e não sabia para onde olhar. Os olhos encharcados, de felicidade dessa vez, buscaram um caminho que se abrisse para sabe-se lá onde. Foi quando Alexia correu em sua direção e a abraçou.

— Meu amor... Meu amor... Conseguimos...

E os soluços lhe queimaram a garganta a ponto de nada conseguir dizer. O corpo todo tremia, mas não era de frio.

— Eu pensei que tinha te perdido!

— A morte não chegou dessa vez. — E se apertaram como se fosse possível fundirem-se.

Quando se soltaram, sua alma quase se desprende do corpo ao ver diante da multidão, correndo desequilibrado pela neve em sua direção, com a boca aberta, porém abafada pelos assovios e palmas, e pesadas lágrimas riscando o rosto debaixo da touca vermelha, o pequeno Joe, diante do pai.

Gatinhou na direção dele, mole, descrente, aturdida por contínuas pancadas certas de felicidade que a deixavam tonta em uma existência curta demais para ser totalmente degustada.

— Meu pequeno...

— Mamãe! Mamãe!!!

— Eu te amo... Eu te amo...

E quando se arremessaram um ao outro, num tranco tão forte que ambas as almas se tocaram, Elizabeth sentiu o pequeno coração disparado dele a bater contra o seu próprio.

Beijou seu rosto, degustando sua pele lisa e fofa com a saudade de um sedento que encontra um cantil no deserto, um solitário andarilho que se depara com o velho amigo de infância ou uma viúva que finalmente tem a chance, ao entrar no paraíso, de matar a saudade daquele a quem um dia jurou os melhores e piores dias de sua vida. Cheirou-o para dar a si própria a sensação de ter de volta muito, mas muito mais do que merecia chamar de seu. A roupa e os cabelos continuavam com o cheiro de limpeza proveniente de um pai cuidadoso. E justamente ele próprio os cobriu repentinamente num abraço terno, quente e já molhado de lágrimas que aguardaram em seus olhos infinitos dias de reza para que não precisasse dizer ao filho que a mamãe não voltaria mais.

— Carlos...

PERSONAGENS E SEUS SIMBOLISMOS

Elizabeth – Paciente com depressão. Ela tem uma vida comum, talvez até seja o objetivo de qualquer pessoa que almeja a tranquilidade de uma vida clichê, mas não consegue perceber isso. Existe uma visão levemente machista que muitos poderiam até mesmo culpar o escritor, mas a história se passa na visão de Elizabeth. Para ela, não existe possibilidade de qualquer coisa que se assemelhe a si própria que possa estar num cargo de maior importância para o sistema. Vale lembrar que ela cresceu vendo sua mãe sendo tratada como lixo. No hospital, várias e várias pessoas ocupam diferentes cargos não importando o sexo, mas a visão deteriorada de mundo dela só enxerga o que foi conduzida a enxergar. As enfermeiras são o ápice do ápice para ela, de modo que delira imaginando como deve ser a vida delas. Com ela, bagagens de crenças limitantes e gatilhos instalados por traumas antigos.

Walter – Narcisista. É um dos principais gatilhos de depressão em Elizabeth. Ele gera nela o sentimento de culpa, de insuficiência. Muitas pessoas não percebem quando caem nos laços de um narcisista e os danos são profundamente dolorosos.

Alexia – Consciência. Ela some da história quando o caos se acentua, assim como a consciência perde a força em crises de depressão. Alexia retorna quando Elizabeth evolui no caos.

Bob - O radiografista simboliza todo o ramo que envolve a mente humana, tanto os bons quanto os ruins. Ele é exatamente o profissional que adquire um certificado na faculdade brasileira. Em muitos momentos ele age com muito heroísmo e conhecimento invejável, já em outros percebe-se um limite desastroso em suas atitudes. Principalmente em regiões do interior, vê-se um sério desinteresse do profissional para o paciente. Não em todos os casos, claro. E são justamente em áreas mais delicadas que isso acontece. Um bom exemplo são os profissionais que atuam na área de carteira de habilitação. Dificilmente você vai encontrar um que esteja realmente interessado se seus olhos estão saudáveis ou se tem psicológico pra dirigir. Bob representa, em partes, também esses profissionais e só consegue resolver algum problema momentaneamente. Infelizmente, vê-se em muitas regiões psicólogos mais interessados em manter o paciente pagando sua mensalidade por cinco anos do que ele voltando a sentir-se vivo de fato. E isso está embutido nos planos de Bob de sempre resolver a situação momentaneamente. O problema nunca é resolvido em sua raiz. Ele pouco se interessa pela solução em diversas situações. Apesar de tanto, as soluções momentâneas que ele é capaz de

dar são suficientes para que Elizabeth tenha descanso ou consiga agir. Aliás, seus atos heroicos na história são sempre profundos e calculistas. Essa parte representa os profissionais que não só se alimentam do certificado gerado em faculdade, mas se atiram no conhecimento e na busca pelo autodesenvolvimento humano.

Lobisomem - Representa as doenças emocionais (depressão, ansiedade, síndrome do pânico). Um leitor mais sensível perceberá que ele aparece em momentos que se assemelham a gatilhos.

Lucia - A amiga faxineira representa a amizade que só é forte em momentos de fraqueza. A típica amizade toxica. Todos conhecem uma pessoa que não se sente feliz quando a outra está bem. É mais confortável a ela um ambiente derrubado. É como um vício.

As enfermeiras representam a visão distorcida da realidade através das redes sociais. Ninguém tem uma vida totalmente livre de circunstâncias. E, na maioria das vezes, as redes sociais despejam excessos que profundamente analisadas mais representam pedidos de socorro.

Dave – Representa um eterno curioso da mente humana. Uma pessoa sedenta por autoconhecimento e, por que não, um hipnologo.

O hospital simboliza a ilusão de algo estável, que prega a imagem à sociedade da segurança de uma vida mais concreta. E, de fato, nada nessa vida é estável. Aliás, são exatamente essas figuras que gritam ser estáveis que mantêm o indivíduo preso numa vida infeliz, por medo ou vaidade, até abandoná-lo por fim na velhice, já quase sem tempo e energia.

O final acontece com a saída pelas tubulações do esgoto. O bombeiro, já numa figura feminina para mostrar que houve uma mudança de visão, fala como um hipnologo. Elizabeth emerge como uma pessoa saindo de seu transe. Quando chega do lado de fora, ela encontra Alexia. E isso simboliza o paciente despertando do transe hipnótico, totalmente consciente.